

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

A modernização das actividades económicas

A integração de Portugal no chamado grupo de Estocolmo e, dentro de poucos meses, na Associação Europeia de Comércio Livre, não vai implicar necessariamente a renúncia a nenhum dos princípios que estruturam a soberania nacional. Nem sequer será afectada a livre determinação do comprador, que conservará na futura organização em que vamos participar o direito de optar sem restrições pelos produtos que entender, quer fabricados no País quer no estrangeiro. Este ponto é muito importante, se quisermos compreender as razões que levaram Portugal a aceitar a sua participação na nova agremiação de comércio internacional preparada em Saltjobaden, de preferência a alinhar numa aleatória expectativa em face do Mercado Comum dos Seis.

No seu discurso recente, por ocasião do acto de posse do subsecretário do Comércio, o secretário de Estado da mesma pasta, dr. José Gonçalo Corrêa de Oliveira, salientou expressamente aquele facto. A Associação de Comércio Livre será, realmente, uma organização internacional e não supranacional, limitativa das soberanias dos seus membros. Esta realidade implica positivas vantagens, bastantes para determinar a preferência do nosso País pelo novo tipo de cooperação económica a que aderiu — mas também envolve fundamentais responsabilidades. Podemos prever, é certo, que o preço a pagar pela presença do País na projectada organização será, apesar de tudo,

(Continua na página seguinte)

Diário de Lisboa

publica hoje

32

páginas

nas quais se incluem

TRES SUPLEMENTOS:

MAGAZINE

JUVENIL

DE UMA SEMANA
PARA A OUTRA

Visado pela
Comissão de Censura



Uma cena da segunda versão cinematográfica de «O primo Basílio», um dos romances mais representativos de Eça de Queirós, em que figuram, da esquerda para a direita, Dinik Patissou, João Villaret, Paiva Raposo, Fernando Gusmão e Ribeirinho (Ler notícia na página central)

TRAGÉDIA NA ESCÓCIA

**Os 45 mineiros
jazem na mina
que está agora
a ser inundada**

CHRYSTON (Escócia), 19. — Estufou-se a última esperança para retirar com vida os 45 trabalhadores das minas de Auchengieich, que abateu ontem depois de se ter declarado incêndio nas reservas de carvão nela contida. Os trabalhos de salvamento foram já totalmente abandonados.

As mulheres dos inditosos mineiros regressaram também a suas casas, esta manhã, depois de horas de angustiosa expectativa e esperança.

Conhecedora do resultado trágico do acidente a rainha Isabel apressou-se a endereçar uma mensagem de solidariedade às famílias das vítimas, afirmando-se «profundamente chocada» pelo infausto acontecimento.

O trabalho que se segue agora é o da inundação das minas onde jazem os homens que nela trabalhavam.

Entretanto, o incêndio continua a lavar. Nuvens espessas de fumo negro saem do poço e escurecem o horizonte em grande extensão.

O bispo da diocese, monsenhor Scanlan, esteve horas no fundo da mina, protegido apenas por um capacete de mineiro e com um fato macaco sobre as vestes sacerdotais, orando em intenção dos mineiros desaparecidos. — (A. N. I. e F. P.).



Com tão complicada indumentária, este pobre «boxer» apresentado pela artista Valerie Moon, numa exposição agora inaugurada em Brighton (Inglaterra) não parece realmente feliz, apesar de ter suscitado grande curiosidade entre os visitantes

Eisenhower estuda na sua fazenda da Pennsylvania o plano de desarmamento apresentado por Kruchichev na O. N. U.

WASHINGTON, 19 — Círculos oficiais norte-americanos declaram, esta manhã, que pretendem

saber se o chefe do Governo russo se mostra disposto a aceitar a inspecção e o «contrôle» completos, como «ingredientes» da sua fórmula radical para o total desarmamento do Mundo. Duvidam, francamen-

(Continua na última página)

Nota do dia

MÁRTIRES DA CIÊNCIA

A cirurgia cardíaca progride a olhos vistos. Nascida na América, onde alcançou um grau de desenvolvimento notável, já hoje se pratica com êxito noutros países, incluindo o nosso. A Ciência tem alcançado, nesse campo da sua actividade até há poucos anos bastante limitado, resultados surpreendentes. Filmes russos exibidos perante os dois mil cirurgiões que estão reunidos em Munich revelaram algumas intervenções sensacionais. Simplesmente, elas não foram ainda praticadas em seres humanos. Por enquanto,

são os cães que continuam a oferecer a matéria de ensaio indispensável às experiências em curso. Os progressos da cirurgia cardíaca devem-se, em grande parte, ao sacrifício desses simpáticos animais, cuja dedicação pelo homem não conhece limites. Graças a esse sacrifício, o coração humano já hoje não tem segredos para o cirurgião. Perdeu, porventura, o prestígio supersticioso e romântico de que gozou durante tantos anos, mas a Ciência ganhou uma batalha decisiva contra a morte. A Humanidade deve a esses mártires humildes e ignorados das salas de cirurgia cardíaca um serviço inestimável. Mais feliz do que eles, a «Laila» tem hoje uma estátua e deixou uma lembrança piedosa no coração de algumas excelentes damas inglesas que tanto se impressionaram com a sua sorte. Os cães sacrificados ao progresso da cirurgia nas mesas operatórias dos grandes centros científicos merecem-nos, igualmente, uma palavra de piedade — e mais que piedade, gratidão.



No comboio que o levou de Washington a Nova York, para a primeira parte da sua viagem através dos Estados Unidos, Kruchichev, ao lado do embaixador soviético, Menchikov, mostra esplendida disposição

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Ainda o caso dos seis Jugoslavos

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

O caso dos Jugoslavos, que tanto preocupou os meios científicos, acaba de ser revisto por Mathe e Jammet, num documentado artigo, inserto na «Re-

(Continua na 11.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A modernização das actividades económicas

(Continuação da página anterior)

mais barato do que o preço draconiano que nos custaria o nosso isolamento na Europa. Mas o preço é ainda considerável e cumpre aceitá-lo prontamente em toda a sua projecção. A «palavra de confiança» que o secretário de Estado do Comércio dirigiu ao País naquela oportunidade não deixou ilusões a ninguém — porque não quis, muito justamente, aquele membro do Governo que assim pudesse ser interpretada: «Essa palavra de confiança seria uma palavra de desgraça se iludisse aqueles a quem compete a alta missão de promover o desenvolvimento do País — os empresários e a administração — quanto á necessidade de se alterar imediatamente o nosso ritmo de trabalho, hoje tantas vezes pausado e desordenado e de se abandonar o clima de protecção paternal a tudo quanto não mereça ser protegido».

Quer isto dizer, evidentemente, que todas as nossas actividades económicas terão de realizar um esforço estrénuo para se situarem ao nível da estrutura de mercados em que terão de trabalhar. O desaparecimento total, em períodos escalonados, dos instrumentos clássicos de protecção aduaneira e contingentária, declarou ainda o sr. dr. Corrêa de Oliveira, «obriga-nos a não perder um segundo no estudo da reorganização e fomento da produção e do comércio e no firme propósito de a concretizarmos sem perda de tempo, de dinheiro e de iniciativas».

Esta advertência é grave. Os agricultores, os industriais e os comerciantes, em escala tanto maior para cada um quanto mais relevante for a sua participação nos volumes gerais da nossa actividade económica, terão de apressar-se desde já para uma acção impulsora em grande estilo nos seus métodos de trabalho, nas suas formas de colaboração, nos seus critérios de utilização dos instrumentos económicos que lhes estão confiados. As responsabilidades da produção e da distribuição perante o mercado interno e o trabalho português serão redobradas pelas suas responsabilidades acrescidas perante o próprio País e, ainda, em face da organização europeia — em que conservar liberdades fundamentais mas em que terão,

sob muitos aspectos, de integrar-se adequadamente.

A agricultura não poderá manter-se nas suas tradicionais rotinas, que continuam a afectar o rendimento e a produtividade de vastíssimas áreas do agro português. Sabem-se que as produções agrícolas e alimentares beneficiarão de regimes especiais na Associação que deve entrar em exercício a 1 de Janeiro próximo. Mas esses regimes serão, presumivelmente, transitórios e não excluirão a necessidade de se obterem melhores preços de custo, maior rentabilidade das explorações, mais eficaz aproveitamento da mão-de-obra, mais amplo recurso aos meios modernos de intensificação produtiva. Não será admissível na evolução em que vamos ingressar, sem dúvida, que um grande proprietário rural possa alegar que não lhe vale a pena «lançar-se em aventuras» nem dispendir esforços na valorização dos rendimentos das suas terras porque já tem ou sempre teve o bastante para viver com largueza e sem incómodos. Precisamente porque a sua participação é ainda predominante na economia do País, a lavoura vai encontrar-se não só na necessidade mas na obrigação de modernizar e coordenar profundamente a sua estrutura e actividades. Não se tratará, decerto, de lhe exigir mais sacrifícios, que já têm sido grandes em muitos casos. O que se lhe impõe, é caminhar em frente e aproveitar com redobrada diligência as possibilidades que lhe vão ser facultadas — modernizando os seus métodos, associando-se mais vigorosamente no cooperativismo agrícola, utilizando todas as possibilidades de progresso que aos serviços do Estado cumpre facilitar-lhe. Passou o tempo da conformidade fatalista ante as agruras bem conhecidas da arte de empobrecer alegremente. A lavoura portuguesa precisa de aprender, e precisa que a ajudem a aprender, a enriquecer. E, agora, o próprio interesse vital da Nação que o exige.

Quanto á indústria, nem será necessário falar detidamente nas responsabilidades que lhe vão ser impostas. Portugal associa-se, na organização preparada em Estocolmo, com países de muito mais adiantado desenvolvimento fabril. Só um esforço ingente de reorganização estrutural, de progresso téc-

nico, de reforma nos processos de trabalho e na coordenação com as exigências do mercado interno e da exportação lhe permitirá sobreviver. Produzir cada vez melhor, produzir cada vez mais barato, são necessidades que nem precisam de demonstração. Cabe aos serviços oficiais facilitar esses desígnios; mas cumpre aos industriais levá-los a cabo pela energia da sua iniciativa e pela consciência clara das condições novas em que terão de trabalhar. Produtividade, terá de ser o seu lema constante. Na medida em que lhes faltarem as condições básicas para a conquistar, há-de cumprir-lhe mais corajoso esforço e a comparência assídua, leal e bem intencionada perante os dirigentes oficiais para que tais condições lhe sejam asseguradas por quem de direito, quando não couberem na sua alçada. O sr. dr. Corrêa de Oliveira assim o declarou, no âmbito das suas atribuições: «A indústria e o comércio precisam de se entender, em matéria de preços, de descontos e de adaptação da produção ás exigências do consumo. E se esta secretaria de Estado for o bom terreno para esse encontro, á indústria e ao comércio me ofereço por inteiro».

Finalmente, no que respeita ao comércio, quer abastecedor do mercado interno, quer exportador, não serão menores as exigências de modernização de métodos a satisfazer e as responsabilidades de bom e sério trabalho a aceitar. Como declarou autorizadamente o secretário de Estado do Comércio, generalizou-se entre nós, salvo excepções que são o fundamento da esperança no futuro, a ideia de que para se exercer a actividade comercial não é preciso nem preparação técnica, nem organização, nem sério apoio financeiro. E esta noção, em maior ou menor escala, instalou-se em todos os sectores da actividade comercial, desde o retalhista ao grossista, do importador ao exportador.

Vai passar o tempo em que tais empirismos e improvisações foram admissíveis. Vai passar o tempo em que terão viabilidade precária mas perturbadora as «aventuras» do comércio sem competência, sem lealdade, sem sentido de missão social, pescando mal e atabalhoadamente nas águas que contribuem para turvar. Vão tornar-se inadmissíveis, por inactuais e gravemente nocivos do interesse nacional, as pulverizações de empresas (atingindo «número espantoso», como disse o sr. dr. Corrêa de Oliveira) e as concorrências recíprocas que reverterem em prejuízo de toda a comunidade. E' um facto bem conhecido e verificado que «o grande concorrente do comércio português, cá dentro ou lá fora, é o seu vizinho também comerciante e também português. Estamos perante mais uma manifestação da falta de solidariedade que não pode continuar e não continuará. Assim o exige, incontestavelmente, o interesse do País — até porque já ninguém trabalha no mundo económico contemporâneo com tais métodos. Modernização, neste caso como em tantos mais, no comércio como na indústria e na agricultura — é imperativo que tem de ser cumprido custe o que custar.

Um novo enquadramento e um novo condicionalismo das actividades económicas nacionais, em todos os sectores, vão surgir inelutavelmente. Já não há retorno possível e é em frente que urge caminhar, «sem perda de um segundo».

Foi com instante oportunidade e justiça que o sr. secretário de Estado do Comércio o assinalou. A Nação seriamente trabalhadora e progressiva só tem que o felicitar por isso.

Restaurante «IMPERIAL»
CARREGADO

Nova gerencia — Novo serviço

NOVAS INSTALAÇÕES

De ontem para hoje

EDUCAÇÃO NO ULTRAMAR

A província de S. Tomé e Príncipe, reclinando sob o forte sol do equador que lhe passa mesmo por cima, vai, finalmente, ser dotada de um liceu. E' velha aspiração e que se justifica plenamente nesta altura em que as populações indígenas dão mostras de uma euforia grande na conquista de todos os elementos da civilização. Indispensável se torna pôr ao seu alcance os meios de instrução e educação, elemento básico nessa ascensão social e económica. O patrono do novo liceu é o «Homem», aquele que maior impulso deu á epopeia marítima dos portugueses e a levou do Golfo da Guiné até ao Índico. Chamar-se-á Liceu D. João II. Diz-se no preambulo do decreto que cria o liceu que deve funcionar já em Outubro: «De economia intimamente ligada á da metrópole, com a qual também fortemente se irmana em sentimentos e costumes, tem recebido e recebe esta província, na execução do trabalho agrícola que é a fonte essencial da sua riqueza, apoio considerável de braços também portugueses, advenientes de outros territórios do nosso Ultramar (Cabo Verde, Angola e Moçambique), com cujos interesses, desta forma, se torna solidária. Tão particulares circunstâncias fazem com que S. Tomé e Príncipe, na posição geográfica também muito especial que ocupa no Golfo da Guiné, como presença viva de Portugal a meio da costa ocidental do Continente que o nosso esforço descobridor desvendou para o Mundo, afirme a continuação presente e futura de uma obra com reflexos seculares em toda a África».

FEIXE DE NOTÍCIAS

A Avenida da Índia é via fatídica em Lisboa. O caminho até á Índia roubou muitas vidas e fazenda, com naufrágios que na História Trágico-Marítima deixaram rasto de sofrimento e dor. Nesta avenida visionada com o sonho que durante séculos nos encheu a alma estão agora a esfacelar-se homens que as velocidades atiram para a morte. Esta madrugada um automóvel foi chocar com um poste. Balanço: um homem morto e seis feridos, cinco dos quais em estado grave. O morto é João António Sobral, de 40 anos, funcionário da Alfandega.

* Foi em Chaves,, a rainha daquela veiga úbere que enche todo o vale fronteiriço. Não se sabe ainda porquê, mas parece que deve ter sido um curto-circuito; na Rua de Santo António, no meio da cidade, manifestou-se um incêndio que atingiu grandes proporções e alarmou toda a população. Ardeu inteiramente o prédio em que estava instalada uma fotografia e outro sofreu danos. Os bombeiros trabalharam duramente para evitar que o desastre tomasse proporções brutais, atendendo a que as casas estão apertadas como pinhas.

* Custódio Pereira dos Reis Sobral tinha seis anos. Seguiu com seus pais em carro puxado por uma mula, em Grandola. O animal espantou-se e desata numa correria doida. O veículo acabou por se virar e dando voltas sobre voltas esmagou o pobre Custódio.

* A comissão nomeada para fazer o inquérito ao desastre da Siderurgia entregou o relatório de que o sr. ministro das Obras Publicas mandou dar conta á Procuradoria Geral da Republica. A comissão concluiu que o acidente foi devido a deficiente cumprimento do plano de montagem. Dessa falta resultou a instabilidade dos arcos em construção. Concluiu ainda que não se pode atribuir o desastre á qualidade dos materiais nem a deficiências do projecto.

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio de Belém, o sr. ministro dos Negócios Estrangeiros. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos os srs. secretário de Estado da Agricultura; dr. Vasco da Cunha de Eça, inspector superior do Plano de Fomento; António José da Costa Leme, presidente da Camara Municipal de Esposende; drs. Manuel Fraga de Oliveira Bastos e Francisco de Sales Leite de Castro Meireles, rev. António Maria de Meireles Leite de Castro e José Gonçalves Machado Filho, e a sr. D. Maria Orquidea Aires de Reiminho e Araujo e o sr. Pedro Maria Wenceslau de Lima da Fonseca e Araujo (Brejoira). * O sr. ministro das Obras Publicas visitou os «ateliers» dos escultores António Duarte e Alvaro de Brée, que trabalham respectivamente nas estátuas da Rainha-Santa, para Odivelas, e de D. Afonso III, para Faro. * O subsecretário das Obras Publicas visitou os trabalhos hidro-eléctricos do Douro, no Picote e Miranda. * Numa passagem de nível, em Figueiredo, Oliveira de Azeite, José Casimiro da Silva foi colhido por uma automotora tendo morte imediata. * Na passagem de nível da Azinhaga do Papa-Figo, perto de Montemor-o-Novo, morreu colhido pelo comboio, o ferroviário João dos Santos, de 38 anos. * Perto de Figueira de Castelo Rodrigo, António da Silva Freire, de 41 anos, seguia de bicicleta. Caiu e teve morte imediata. Três filhos menores ficam orfãos. * Deu entrada no Hospital de S. José um rapazinho, Manuel Aleixo Ferreira, de 13 anos, residente na Cruz Quebrada, que foi ali colhido por um carro eléctrico, ficando muito contuso na cabeça. * Em Romeiras de Baixo, José Maria Afonso, de 54 anos, reformado da Policia, natural de Bragança, morreu fulminado ao tocar num fio de arame do quintal. Ele próprio fizera a instalação eléctrica que ficou muito deficiente e lhe causou a morte.

Para a paralítica

que quer ir a Fátima

De Maria José Gonçalves e Isabelinha recebemos a quantia de 50\$00 para a paralítica que quer ir a Fátima. Foi também para este benemérito fim que recebemos o valioso donativo de mil escudos que nos foi enviado por um generoso leitor, a que há dias nos referimos.

FORÇAS ARMADAS

Voluntários para a Marinha

As autoridades navais pedem-nos que avisemos os indivíduos que se ofereceram para servir na Armada de que devem estar atentos aos editais, afixados nas respectivas frestas, para se inteirarem do dia em que terão de apresentar-se ás inspecções, desde hoje até 25 do corrente.

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88. 1.º ESQ.

TELEFONE 733257

Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA

Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇAO LEAL — DR. A. FALCATO

SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESAO — DR. LÉLIO MARQUES

— DR. MANUEL VASCONCELOS

DIAS UTEIS — das 9 à Meia-noite

DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

Em ALMADA, na Tab. ARCADEA, encontra-se á venda o «DIÁRIO DE LISBOA».

PALM BEACH

Em estreia

O comediante da canção francesa

PIERRE GURVAN

O Conjunto português de harmónica
bocal

TRIO «M»

A jovem cançonetista portuguesa

MARIA JOÃO

AINDA NO PROGRAMA E EM PLENO
SUCESSO

DEO MAIA

WALTER MACHADO

IRMÃOS GUARÁS

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

CARMEN DE JUAN

JOSÉ MERINO

RICHARD SUEY et Partenaire

(Maiores de 17 anos)

Tágide-Concha

As propostas para a compra do "Dicionário" de Inocência foram feitas pela casa Kraus, de Nova York

A propósito da notícia que demos, anteontem, no nosso suplemento literário, a respeito das propostas de compra do «Dicionário Bibliográfico Português», de Inocência Francisco da Silva, recebemos um ofício do sr. dr. Higinio Borges de Meneses, administrador da Imprensa Nacional, em que, confirmando a nossa informação, nos presta mais alguns interessantes esclarecimentos, que, por certo, merecerão a especial atenção dos bibliófilos portugueses.

Dados os termos destes esclarecimentos e o cuidado que o administrador da Imprensa Nacional revêla pelo assunto, ocorre-nos perguntar se, não podendo aquele estabelecimento do Estado garantir a reedição rápida dos volumes esgotados do Inocência, não haverá entre os livreiros portugueses um que se disponha a realizar o trabalho? Além de tudo o mais, parece-nos que não seria mau negócio. E evitava-se que uma obra fundamental na bibliografia portuguesa fosse parar a mãos estranhas.

Têm a palavra os livreiros e editores portugueses!

Transcrevemos a seguir o ofício do dr. Higinio Borges de Meneses:

«Sr. director: — O conceituado jornal da ilustre direcção de V. inseriu ontem uma local subordinada à epígrafe: «O Dicionário Bibliográfico de Inocência Francisco da Silva vai ser vendido para a América?».

E porque, a tal respeito, são produzidas considerações a que a administração deste estabelecimento não pode ficar alheia, entendo ser

meu dever prestar o esclarecimento que se segue:

Efectivamente, a casa editora americana Kraus Reprint Corporation, de Nova York, propôs-se comprar a Imprensa Nacional os volumes existentes do Dicionário Bibliográfico Português, desde que lhe fosse concedida autorização para reeditar os volumes esgotados em número de sete (3.º a 9.º).

Sem tomar sobre o assunto qualquer decisão em definitivo, não se rejeitou, no entanto, a proposta recebida. E procedeu-se assim, fundamentalmente, por duas razões: primeiro, porque, devido aos muitos trabalhos oficiais a cargo do Estabelecimento — necessariamente com prioridade sobre todos os outros — e ainda à circunstância de há já muito se achar em curso a composição de várias obras que é preciso ultimar, não poderia garantir-se que a reedição dos volumes esgotados se fizesse sem grande demora; depois, porque não desejava adoptar-se atitude que pudesse merecer o reparo inteiramente justificado — e de resto já feito em tempos — de que a Imprensa Nacional não reeditava a obra nem deixava que outrém a reeditasse.

Mas, de qualquer forma, duas coisas são certas: nada está ainda resolvido sobre o assunto; não ter sido nunca pensamento da Administração da Imprensa Nacional abrir mão do direito de, em qualquer momento, poder reeditar o Dicionário Bibliográfico Português.

Pedindo que, para elucidação dos habituais leitores desse jornal, se dignem ordenar a publicação neste desta carta, apresento desde já a V. os meus agradecimentos, com os protestos da merecida consideração, etc., o administrador, Higinio Borges de Meneses».

Vai ser julgado o falso fiscal das Companhias Gás e Electricidade

O falso fiscal das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, que durante muito tempo foi o terror das donas de casa e que há muito se encontra a ferros, depois de ter praticado numerosas proezas, qual delas a mais sensacional, foi agora remetido pela Polícia Judiciária ao Tribunal Correccional da Boa Hora, a fim de prestar contas dos seus actos desonestos. O seu nome completo é Joaquim Rocha de Almeida, mas como, na verdade, se tornou conhecido policialmente foi como o «falso fiscal». E não deu pouco trabalho à P. J. para o descobrir e averbar na sua ficha mais uma prisão a juntar a tantas outras, sempre pelo mesmo motivo: o furto.

Assim a Polícia conseguiu apurar que o Rocha, se apoderou, sempre pelo mesmo processo de vários objectos de ouro e outros artigos que subtraía no momento preciso em que as suas vítimas se distraíam.

Menores presos por danificarem automóveis

Segundo informações de origem oficial, a P. S. P. de Cascais prendeu José Manuel Maria Pereira de Figueiredo, Joaquim M. Rente Picão Fernandes e Paulo dos Santos Gil, que, na praia de Carcavelos, pretenderam pôr em movimento uma viatura automóvel que ali se encontrava estacionada, tendo o primeiro levado consigo a chave, que entregou mais tarde, e o ultimo partido o espelho retrovisor.

Depois de convenientemente interrogados, foram entregues à Polícia Judiciária.

Igualmente foram presos pela P. S. P. de Lisboa, os menores João Ribeiro e Leonel Costa Caixeiro Ribeiro, respectivamente de 14 e 16 anos de idade, por terem furtado vários artigos do interior de um automóvel e rasgado a capota do mesmo, no Parque Florestal de Monsanto.

O menor de 14 anos foi remetido à Tutoria Central da Infancia e o outro à Polícia Judiciária.

A segurança nas praias

Prestes a terminar o Verão e, com ele, o período de férias, em que as praias se enchem de uma multidão alegre e chilreante, com predominância de veraneantes de palmo e meio, não será despropósito insistir na conveniência de se reverem as condições de segurança que, nalguns dos pontos mais frequentados do litoral, constituem motivos de preocupação.

Um triste caso ocorrido há dias em Vila do Conde vem dar, infelizmente, um sentido de perfeita oportunidade a esta observação, que esperamos seja tida em consideração por quem de direito.

Três rapazes na força da vida vieram-se, subitamente, em embargos, arrastados pelas ondas, a poucos metros da praia e à vista de uma multidão impotente e angustiada. Diz-se que o banheiro actual não possui todas as condições para o bom desempenho dessas funções e, concretamente, que não sabe nadar, mas, seja verdade ou não esta afirmação, o que é certo é que a praia não dispõe de todas as condições indispensáveis para a segurança dos que se entregam ao prazer de um banho, sem pensarem que podem assim sujeitar-se a um perigo fatal.

O triste acidente de há dias demonstrou, com efeito, a par da total insuficiência do pessoal responsável pela segurança dos banhistas, uma completa ausência de meios materiais adequados às tarefas de salvamento. Não havia uma embarcação, não estava no seu lugar a boia de existência obrigatória nas praias, nem havia qualquer outro meio capaz de ser lançado para socorrer os pobres rapazes enroscados nas ondas, um dos quais pereceu afogado.

O caso, que impressionou toda a gente que assistiu à tragédia ou teve, mais tarde, conhecimento das circunstâncias em que ela se desenrolou, tem merecido os mais áperos comentários. Ora, já que, infelizmente, nenhum remédio se poderá encontrar para tão infeliz acontecimento, que, ao menos, se tire dele a lição indispensável que possa trazer utilidade para o futuro. E essa será, sem dúvida, a revisão de todas as condições de segurança nas praias e o estabelecimento de meios adequados para evitar que se repitam factos como o que se verificou em Vila do Conde e que, por circunstancias idênticas, poderia dar-se em muitas outras praias de Portugal.

VIDA SOCIAL

LAURA SOBRAL DE SOUSA

Partiu para Paris, onde vai adquirir os últimos modelos da próxima estação, para a sua magnífica colecção de chapéus a sr.ª D. Laura Sobral de Sousa.



Para os «churumbeles», o burrico é não só o companheiro amigo de todos os momentos, mas um brinquedo vivo — para quem nunca pode ter outros brinquedos...

A CIDADE

Caso do dia

Para que lhe havia de dar a bebedeira... O caldeireiro Henriques apareceu deitado no passeio da Rua do Socorro, na curva da Rua Martim Moniz, com as pernas estendidas para o leito da rua. As pessoas que passavam na ocasião, como ele se não mexia, julgaram que tivesse sido acometido de doença. Entre os lamentos de piedade de uns e a dúvida de outros, foi chamado um polícia, que o abanou e mandou levantar, o que ele fez imediatamente. Mas, logo a seguir, deu uma bofetada no guarda e voltou a deixar-se cair. Depois começou a proferir alguns improperios.

Interrogado pelo magistrado, declarou que não se lembrava de coisa alguma.

Os guardas dizem que só um bêbedo ou um louco diria e faria o que ele disse e fez a caminho da esquadra, sendo preciso levá-lo em charola, pois mal se continha nas pernas. Tão depressa cantava, como proferia insultos.

— Então estava embriagado? — observa o magistrado.

O captor hesita na resposta e diz que ele parecia estar doido ou bêbedo. Uma ou outra coisa devia estar.

Por fim vem a sentença: condenado por três infracções na pena única de 42 dias de prisão remissível a dinheiro e no imposto de 50\$00 que o magistrado deu como inconvertível.

Pela Polícia

OBJECTOS APREENHIDOS — A Polícia apreendeu um aparelho de medir a tensão arterial e outro de auscultação que se encontram na 3.ª brigada da Secção de Justiça de P. S. P. e que serão entregues a quem provar pertencem-lhe.

Pelos hospitais

COLHIDO POR UM AUTOMÓVEL — Com vários ferimentos e contusões graves, deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José o empregado no «Diário de Notícias», sr. Severo Pires Marinho, de 41 anos, que foi colhido por um automóvel quando, esta manhã, atravessava a Avenida da Liberdade para dar entrada nos escritórios daquele nosso prezado colega.

CAIU DA JANELA — Irene Botica Bernaud, de 66 anos, caiu da janela da sua residência, na Rua Rosa Damasceno, 15, 3.º. Chegou ao

Hospital de S. José já morta. O cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

ACIDENTE DE VIAÇÃO — Foi colhido por um automóvel, na Avenida do Aeroporto, Mário Luis, de 49 anos, jornalista, Estrada das Amoreiras, 10-A, que recolheu à sala de observações do Hospital de S. José, com graves contusões na cabeça.

Quem perdeu?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um anel de prata e ouro com pedras (danificado), um escudete de automóvel, um porta-moedas de senhora com dinheiro, um guarda-chuva, uma etiqueta em cabedal com duas chaves, um cadeado para bicicleta, um tampão de roda de automóvel e uma chapa de veículo BI-17-74; umas luvas e um véu, próprios para senhora; os bilhetes de identidade de Maria Duarte Barzaba, Virgílio Fernandes Chaves e Bento José Marques; uma argola com chaves e várias chaves; um guarda-chuva, uma camisola, uma argola com chaves e canivete e outros artigos achados na zona da Polícia da A. G. P. de Lisboa; e um valioso brinco de ouro com dois brilhantes.

Também se encontra no Sindicato Nacional dos Motoristas, o seguinte: dois pares de óculos, dois chapéus de chuva e um colete de malha para senhora.

O subsecretário da Educação Nacional regressou hoje a Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 19.—Depois de uma semana passada em visita às principais regiões do norte de Moçambique, para se inteirar de assuntos relacionados com a instrução e com a Mocidade Portuguesa, regressa hoje a esta cidade, à tarde, o subsecretário de Estado da Educação Nacional, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, que amanhã irá a Namaacha.

Até 30 de Setembro, dia para que está previsto o seu regresso a Lisboa, o dr. Rebelo de Sousa terá reuniões com o professorado dos diferentes graus de ensino—primário, técnico e liceal, além de visitar os grupos desportivos e outras organizações.

Em Nampula, o dr. Baltasar Rebelo de Sousa foi alvo de uma carinhosa manifestação dos estudantes e homenageado com uma recepção pelo governador do distrito, à qual estiveram presentes as mais altas individualidades civis, militares e eclesiásticas. — (A. N. I. e L.).

Emigrantes portugueses para o Brasil

Procedente dos portos do Mediterrâneo, chegou hoje ao Tejo e atracou na estação marítima de Alcantara o paquete argentino «Salta», no qual embarcaram para a América do Sul, especialmente Brasil, cerca de 600 emigrantes portugueses. Entre os emigrantes que embarcam, viam-se homens de várias idades e alguns jovens, que levam as mesmas ambições e alimentam os mesmos sonhos. São homens de diversas profissões, agricultores, pedreiros e padeiros e, na sua maioria, das terras do Norte do País.

O navio chegou de manhã e o embarque começou pouco depois.

A representação de Portugal na Conferência Internacional de Direito Marítimo

A fim de representarem Portugal na Conferência de Direito Marítimo Internacional, partiram, hoje, de avião, para Rijeka, por Zurich, os srs. drs. José Augusto Corrêa de Barros e Vasco Taborá Ferreira.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Realiza-se esta noite um baile na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, abrilhantado pelo conjunto musical «Diabólicos».



LISBOA

S.ª MARIA
E. U. A. e MEXICO



Os luxuosos voos de 1.ª classe em aviões Douglas com cabine sob pressão e o magnifico e tradicional serviço de bordo tornam a sua viagem um agradável passeio sob o Atlântico Central.

Para informações e reservas dirija-se à sua Agência de Viagens ou à

Guest
A ROTA DO SOL

R. Joaquim António de Aguiar, 41, r/c Esq.
Telef. 40180 — Lisboa

Teatros e Cinemas

O mais antigo

teatro de Lisboa

O mais antigo teatro de Lisboa foi aquele que Caio Helo Primo fez erigir em honra de Nero Claudio frente à Sé, nesta Felicitas Julia Ohsipo. As suas ruínas foram descobertas casualmente em 1798, com a aparição de uma estátua e uma pedra com inscrição, que não se sabe onde foram parar, e fragmentos de degraus e da meia laranja, onde se representava.

Na Rua Nova de S. Mamede, com frente para a Rua da Saudade, havia, há anos, uma cocheira com abobadas e, do lado esquerdo, como que a sustentam um arco, parte do fuste de uma coluna estríada e, mais para dentro, num recanto, outro fuste igual, todos embebidos na parede. Devem ser os restos do mais antigo teatro de Lisboa.

Atrás do reposteiro

A companhia de revistas do empresário Giuseppe Bastos, em digressão pelo nosso Ultramar, conclui hoje, em Moçamedes, os espectáculos que realizou em Angola, seguindo amanhã a bordo do paquete «Pátria», para Lourenço Marques.

—Está apazada para sexta-feira da próxima semana a estreia, no Capitólio, da companhia Maria Della Costa, com a peça «Gimba».

—O ilusionista português Conde de Aguiar, em digressão pela província de Angola, realiza amanhã um espectáculo em Silva Porto, seguindo depois para Vila General Machado.

—Vindo do Porto, está entre nós o cantor Odyr Odilon, que veio tratar de assuntos que se relacionam com a apresentação no Coliseu do Porto do seu novo programa musical intitulado «Tico-Tico no Coliseu».

—Dentro de dias, por via aérea, segue para o Rio de Janeiro a artista Amália Rodrigues.

—Vindo de Paris, é esperado no fim do corrente mês o cantor Tomé de Barros Queirós, que concluiu o seu contrato com a «boite» «A la romance».

—A companhia do Grande Circo Mariano apresenta-se hoje em Vendas Novas, continuando a fazer parte do elenco os «clowns» portugueses Emiliano e Kinito.

—«Gabião» é a figura da peça «Gimba», que vai ser interpretada pelo actor Osvaldo Lousada.

—O artista português Gutto, que há anos, em digressão artística, percorre a América Central, encontra-se a actuar em Caracas, contratado do «Clube Casablanca».

—A cançonetista Maria Amélia Canossa, que no Brasil tem alcançado grande êxito, foi contratada para actuar na Rádio e TV de Buenos Aires, onde se estreou em 1 de Setembro.

No Monumental

vai representar-se «Gata» em telhado de zinco quente

Para inauguração da temporada de 1959-60, a par das grandes capitais, Lisboa vai ver, no magnífico Teatro do Saldanha, a já célebre peça de Tennessee Williams, «Gata em telhado de zinco quente», numa grande realização de Vasco Morgado, e numa encenação de António Pedro, director do Teatro Experimental do Porto.

Para apresentação desta extraordinária peça, discutida em todo o Mundo, trabalham no Teatro Monumental, dia e noite, muitos técnicos, sob a direcção de Pinto de Campos, a quem pertencem as «maquetes» e cenas desta peça.

A interpretação terá, na protagonista, Laura Alves, ao lado de Brúilde Judice, Alves da Costa, Paulo Renato, Rui de Carvalho, Alberto Ghira, Susana Prado, e a colaboração do talentoso artista do elenco do Teatro Experimental do Porto — João Guedes.

No Teatro ABC

vai estreiar-se «Delírio em Lisboa»

Abre ao publico, depois de amanhã, a bilheteira do Teatro ABC, para a venda de bilhetes para a estreia da nova revista «Delírio em Lisboa», prevista para o fim da próxima semana. O interesse por este espectáculo é extraordinário e justificado por numerosas razões,

(Continua na página seguinte)



As prisões da vida abrem-se para o amor

UM FILME DE MARCEL CAMUS
COM MARPESSA DAWN — BRENO MELLO —
LOURDES DE OLIVEIRA
Produção Francesa em EASTMANCOLOR
FALADA EM PORTUGUÊS

A GRANDE SENSACÃO DO ANO!

Orfeu... Euridice... Dois personagens de lenda. A história de amor mais bela do Mundo. O tema antigo é transportado para a actualidade e desenrola-se no Rio de Janeiro durante o seu fabuloso Carnaval. Orfeu é condutor de eléctricos. Euridice é uma rapariga da província...

A PAR DE UMA HISTÓRIA APAIXONANTE (ADULTOS)
UM AUTÊNTICO DOCUMENTO HUMANO M/ 17 ANOS

ORFEU NEGRO

2.ª - FEIRA no TIVOLI

PALMA DE OURO DO
FESTIVAL DE CANNES

EM INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA

Exclusivo «LUSOMUNDO»

HOJE GRANDE NOITE DE ESTREIA SENSACIONAL

ISABEL Y PACO

HERMANOS RUIZ

VENUS RUBIA

ISABEL y ERNESTO

NO SALÃO TÍPICO
CEIAS com FADOS
e GUITARRADAS

PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL: O FAMOSO

BALLET
ALBENIZ
DE LOS REYS
8 ESCULTURAIS BAILARINAS

RITZ CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS — M. 17 ANOS)

EM PLENO TRIUNFO

ANA MARIA y su BALLET

VILAÇA E SUA ORQUESTRA

2.ª FEIRA: A APLAUDIDA ATRACÇÃO
LES VILALTAS

Proposições

«Arco do Triunfo», no Eden

Regressou aos «écrans» portugueses um dos grandes filmes de na uma dezena de anos atrás, quando os estigmas de uma guerra que mutilou o Mundo ainda estavam demasiadamente vivos. Mas um documentário tão profundo sobre os problemas das consciências humanas vivendo sob o signo da guerra, essa loucura colectiva que desperta e desenvolve nos homens o instinto animal, que os leva a pegar em armas e a torturar brutalmente o semelhante.

Estava-se a meses de um novo conflito mundial, cujas consequências ainda a humanidade está sofrendo, e em Paris vivia-se um grande drama de amor entre refugiados, um entre milhares, descrito pela pena de Erich Maria Remarque.

«Arco do Triunfo» tem, ainda, o atractivo de nos apresentar uma Ingrid Bergman jovem e fresca, já nessa altura uma artista superior, nas cenas capitais como nos mais infimos pormenores; e um Charles Boyer numa interpretação ajustada ao personagem de médico refugiado clandestinamente.

Não há duvida, «Arco do Triunfo» é, ainda, um filme notável, uma grande lição de humanismo. — *Visor 14.*

No Coliseu

continua a revista popular

Agora enriquecida com uma nova e sensacional atracção, «The Norton's Bros», as pérolas brancas do sapateado, do ritmo e da loucura, a preços populares, verdadeiramente acessíveis a todos, continua em cena, a revista «Há feira no Coliseu!».

Espectáculo maravilhoso, pleno de comicidade e alegria, onde a graça alterna com os mais belos momentos da fantasia, recheada de boas piadas e de mulheres bonitas. A querida revista «Há feira no Coliseu!», que o publico aplaude delirantemente é o indiscutível triunfo de um grandioso elenco artístico, à frente do qual se encontram a insinuante vedeta brasileira Rose Rondelli, o querido actor cómico Costinha, os populares artistas Alvaro Pereira, Maria Domingas, Anita Guerreiro, Maria Adelina, Luísa Durão, Carlos Alves no «compêres», os artistas líricos Domingos Marques, Maria Adelaide e Casimiro Chagas e as grandes atracções Yola & Paulo e o famoso «Ballet» Hungaria, composto de oito esculturas bailarinas internacionais.

Cartaz dos Cinemas



15.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/12 anos)

Telefone 27172

Uma hilariante comédia em Cinemascope que nos conta a história dum sargento que se promoveu a general
O FALSO GENERAL
com Glenn Ford, Red Buttons e Taina Elg



15.30 - 18.30 e 21.45
A célebre obra de

Telefone 20768

Erich Remarque
ARCO DO TRIUNFO
com Ingrid Bergman e Charles Boyer
No cinema o tempo não existe... Só ele pode reviver no presente as grandes obras do passado.
Adultos — 17 anos



15.45 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)

Telefone 763080

A história dum sargento que se promoveu a general
O FALSO GENERAL
com Glenn Ford, Red Buttons e Taina Elg
Uma comédia em Cinemascope



15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)

Telefone 26283

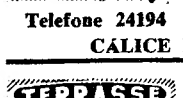
Um filme espectacular para recreio dos sentidos
SONHOS DE OURO
com Lola Flores e Piporro
Cinemascope — Eastmancolor



21.00 (M/17 anos)

Telefone 845037

UMA AVENTURA NO MEDITERRANEO
MELODIA INTERROMPIDA



21.00 (M/12 anos)

Telefone 24194

LUTA SEM TRÉGUAS
CÁLICE DE PRATA



21.00 (M/12 anos)

Telefone 20917

O REBELDE ORGULHOSO
ESTRELA DO DESTINO



4.ª 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/12 anos)

Telefone 58595

2.ª SEMANA
A melhor actriz do ano SUSAN HAYWARD
MEU CORAÇÃO TEM DOIS AMORES
em Cinemascope — Cor De Luxe



15.15 - 18.15 e 21.30

Telefone 26305

Uma comédia de endiabradas aventuras, com episódios em Lisboa
O LADRÃO DE MILHÕES
com O. W. Fisher e Ingrid Andree
(Maiores de 12 anos)



15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)

Telefone 22523

Um espectáculo vibrante de combates ferozes e paixões ardentes. Metrocolor
BANDEIRANTES DA FRONTEIRA
com Keith Larsen, Lisa Gaye e Budd Ebsen



15.30 - 18.30 e 21.45 (M/17 anos)

Telefone 47163

2.ª SEMANA
Uma comédia piante, cheia de graça e malícia!
Adoráveis Mentirosas
com Isabelle Corey, Eloisa Ciani e Inge Schoener
Deliciosa parada de beldades



21.30 (M/17 anos)

Telefone 27493

Technicolor
O INDISCRETO
(Parque Mayer) c/ Ingrid Bergman
A DESAPARECIDA
com John Mayne



21.15 (M/12 anos)

Telefone 48560

Cinemascope
A ÁGUIA SOLITÁRIA
NADA DE CONFUSÕES
O XERIFE E A LOIRA
GENTE DA NOITE



15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)

Telefone 55134/5

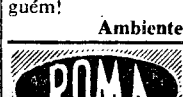
Amor, crime e existências na mesma confusão de sentimento
NAQUELA NOITE...
com Mylène Demongeot, Monica Ronet e Jean Ser'ais
Ar condicionado



15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)

Telefone 54154

BALCÃO 54154
em
O ENREDO FATAL
Intenso «suspense»
Não conte o final do filme a ninguém!



15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)

Telefone 72778

O mais excitante filme de movimento e espionagem
A CONTRA ESPIONAGEM ATACA
com Lino Ventura e Estella Blain



15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)

Telefone 55131

Suspense e mistério num clima explosivo e violento nos bastidores dos traficantes
CONTRABANDO NO CAIRO
com Robert Taylor e Dorothy Malone
Cinemascope



21.00 (M/17 anos)

Telefone 27493

Cinemascope col.
A COROA E A ESPADA
com Robert Taylor
Metrocolor
SEMENTES DE VIOLÊNCIA
com Glenn Ford



21.15 (M/17 anos)

Telefone 610375

Panorâmico Techn.
UM RAPAZ ENCANTADOR
c/ Zizi Jeanmaire
TODOS AO MAR!
(All at Sea)
com Sir Alec Guinness

Teatros e Cinemas

(Continuação da página anterior)

uma das quais é a presença da grande vedeta Carmen de Lirio, uma das maiores estrelas de revista da Europa e da América Latina. Os autores da revista são, Fernando Santos e Nelson de Barros; a música é dos maestros João Nobre e João de Vasconcelos. O elenco de «Delírio em Lisboa» conta com Aida Baptista, Berta Loran, José Viana, Raul Solnado, Carlos Coelho, Hortense Luz, Max e Helena Tavares.

Primeiras exhibições

«Bandeirantes da Fronteira», no Condes

«Bandeirantes da Fronteira» é o título do filme de Jacques Le Tourneur, ontem estreado no Condes.

Bandeirantes, um nome que evoca o desvendar dos grandes segredos das terras brasileiras, e nos fala da audácia de intrépidos exploradores portugueses. Mas os bandeirantes desta película assemblam-se mais aos «comandos», tropas de choque e de extermínio rápido. A acção decorre nos tempos movimentados da expropriação aos nativos norte-americanos das terras que originariamente lhes pertenciam. Nesta película a luta é dirigida particularmente contra os índios moicanos.

Depois de «Apache», de Aldrich, é difícil de conceber a realização de filmes que, como este, transvasam de ódio contra os chamados «peles-vermelhas». Assim, a violência de «Bandeirantes da fronteira» resulta excessiva, bárbara, e sem qualquer significado real.

Para além destas considerações, mais ou menos éticas, o filme é realizado dentro das normas e interpretado regularmente por um punhado de actores desconhecidos: Keith Larsen, Lisa Gaye e Buddy Ebsen. — Visor 32.

No São Jorge

continua «O enredo fatal»

Acção intensa, «suspense», emoção desbordante, mistério e intriga são os elementos básicos de «O enredo fatal», filme que conta ainda com a presença do popular artista Alan Ladd.

Em «O enredo fatal», em exhibição no S. Jorge, Ladd é o infeliz marido duma mulher alcoólica que lhe amargura a existência. Ele é um pintor e agrada-lhe viver na paz bucólica de uma cidadezinha provinciana, enquanto ela prefere o bulício das grandes cidades, onde o vício que a submete encontra mais favorável ambiente. Discutem constantemente, até que um dia ela desaparece. Mas não tarda a constatar entre o povo da pequena cidade que fora o marido quem fizera desaparecer a esposa, e o próprio Alan Ladd se certifica que ela foi, de facto assassinada, pois encontra o seu cadáver numa cova, aberta numa dependência da casa. Mas já a população, levantada contra ele, lhe apedreja os vidros e ameaça matá-lo. A situação torna-se bem clara para Alan, que corre a refugiar-se num bosque próximo, furtando-se à acção da turba exaltada. Ele sabe agora que a sua vida depende de conseguir provar a sua inocência, descobrindo o verdadeiro assassino da esposa, trabalho ingrato, a que se dispõe com o auxílio de algumas crianças e de uma mulher que, embora também casada, sempre compreendeu a sua vida infeliz e o estimava. Carolyn Jones, Diane Brewster e John Lupton são, com Alan Ladd, os principais intérpretes deste filme sensacional, que tem a creditação do nome de Michael Curtis, como realizador.

No Odeon

exibe-se «Sonhos de ouro»

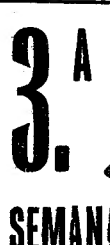
Continuando a sua série de êxitos, o cinema Odeon oferece, esta semana, ao seu publico, mais um filme excepcional.

O folclore hispano-americano, um lindíssimo quadro de musica brasileira, filmado na Bafa, com canções em português, bailados do mais castigo que a Andaluzia nos pode oferecer, tudo nos revela a alma do povo, nos seus amores e nos seus ódios, nas suas alegrias e nas suas decepções.

Uma história, ora romantica, ora cheia de humor, enquadra este desfile musical, que tem como primeira figura a incomparável Lola Flores, o ídolo do povo andaluz, que conta com grande simpatia em Portugal.

TEATRO T. 55133
MONUMENTAL
(P. M/12 anos)**LAURA ALVES**

NA COMÉDIA

O BAILEcom PAULO RENATO
e RUI DE CARVALHOTEATRO T. 27273
AVENIDA
(P. Adultos M/17 anos)**JOÃO VILLARET**

NA COMÉDIA

PATATEcom ALMA FLORA, M. PAULA
ROGÉRIO PAULO, LOURDES NORBERTOHOJE
Às 21.45 h.

Amanhã, espectáculo á tarde ás 16 h.

UMA OBRA-PRIMA NUM FILME PERFEITO

A PONTE DO RIO KWAIBREVEMENTE O MELHOR FILME
DE TODOS OS TEMPOS
(MAIORES DE 12 ANOS)

O PORTO pelo telefone

Estudante enviado ao Tribunal

PORTO, 19 — No passado dia 4 de Agosto, no lugar de Araujo, Rua Leça do Balio, u mautomóvel, conduzido pelo estudante Duarte Lopes Rothes Barbosa, de 23 anos, solteiro, residente na Rua Costa Cabral, 633, atropelou mortalmente a menor de 6 anos Maria Beatriz Ferreira Oliveira, moradora na Rua de S. Dinis, 91. O condutor foi preso, pois se apurou que seguia com excesso de velocidade, mas foi solto no dia seguinte. Entretanto, a P. J. organizou o respectivo processo que enviou agora ao tribunal.

Falecimento

Com 77 anos, faleceu o sr. Américo Graça, director do jornal «A Defesa» e residente na Rua do Carmo, 13.

O funeral, a cargo da Casa Alberto Xavier, efectua-se, amanhã, ás 15 horas, na igreja do Carmo, sendo o corpo sepultado em Agramonte.

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O deserto branco».

RIVOLI — As 21 e 30 — «A Mosca».

COLISEU — As 21 e 30 — «Os turbulentos».

BATALHA — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Liberdade vigiada».

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O valentão das duzias».

AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Entrevista com o medo».

S. JUAO — As 15 e 30 e ás 21 e 30 — «Mentira maldita».

VALE FORMOSO — As 21 e 30 — «Vencer ou morrer».

JULIO DINIS — As 21 e 30 — «A mulher que viveu duas vezes».

OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Gatunos roubados».

PALACIO CRISTAL — Feira Popular.

Morreu um operário num silo de areia no Funchal

FUNCHAL, 19. — Registou-se um desastre de trabalho num silo de recolha de areia para o estaleiro das obras de ampliação do porto do Funchal, tendo morrido asfixiado o operário Juvenal Figueira, de 30 anos, solteiro, natural de Camara de Lobos, que caíra de grande altura. — (L.).

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

A "BOITE" DA MELHOR SOCIEDADE**casapoga**

t. 23584

Empresa MANUEL ZEGERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

Visita do comandante da Legião Portuguesa ao posto da D. C. T.

Amanhã, ás 11 horas, o sr. general Cotta de Morais, comandante-geral da L. P. e da D. C. T., acompanhado pelo chefe do Estado-Maior, visita o posto de socorros montado pela Defesa Civil do Território na praia de Carcavelos, onde será aguardado pelo comandante distrital de Lisboa e pela directora do posto, que lhe apresentarão o relatório das actividades durante os meses de Agosto e Setembro, as quais contam algumas centenas de socorros a banhistas e veraneantes.

Emissões radiofónicas

Aniversário do programa «Ecos do Desporto»

Com a apresentação do n.º 365, entrou no 8.º ano de actividade o conhecido programa da Rádio «Ecos do Desporto», que é transmitido todos os domingos, ás 19 horas, na onda do Clube Radiofónico de Portugal. «Ecos do Desporto» é uma realização de Coelho Flor, Mário Nicolau, Hélio Grilo e Mário Macedo.

EXAMES

no Liceu Passos Manuel

Começam na terça-feira, ás 10 horas, no Liceu Passos Manuel, os exames das provas práticas de Ciências Naturais e Físico-Químicas, da época de Setembro. As provas escritas dos exames do 3.º ciclo têm o seu início na quarta-feira, ás 9 horas. E os do 1.º e 2.º ciclos para os alunos abrangidos por disposições especiais começam também na quarta-feira, segundo o horário afixado no átrio do Liceu.



COSTINHA

CONTINUA TRIUNFANTE no

TODAS AS NOITES AS 20.45 e 23 h.

COLISEU

Telef. 31997

A REVISTA DA ALEGRIA!

HA' FEIRA no COLISEU!

A REVISTA DAS MULHERES BONITAS, DAS BOAS PIADAS E DO BOM-GOSTO AGORA ENRIQUECIDA COM:

THE NORTON'SBROS
OS REIS DO SAPATEADO

ROSE RONDELLI

Preços

populares • Geral a 7\$50

AMANHÃ, AS 16 HORAS
ESPECTÁCULO À TARDE!

Espec. para Ad. M/ de 17 anos

EM PLENA CONSAGRAÇÃO DE ENCHENTES

A ATRACÇÃO FAVORITA DO PUBLICO

HERMANOS HEREDIA
com **MERCEDES del CASTILLO**
NUM NOVO ESTILO DE BAILADOS CLASSICOS**TRIO GUTIERREZ****MILY ZUÑIGA**
LUZ IMPÉRIO

BREVEMENTE: SENSACIONAIS ESTREIAS

OS DIRIGENTES da Cruz Vermelha partiram para a Grécia

Partiram hoje em avião da T. W. A., para a Grécia os srs. prof. dr. Leonardo de Castro Freire, presidente da Cruz Vermelha Portuguesa; D. Maria Espírito Santo Mello, presidente do conselho-geral da secção auxiliar feminina; e coronel Mateus Cabral, secretário-geral da mesma instituição, que constituem a delegação da C. V. P. ás reuniões da 25.ª sessão do conselho dos governadores da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha, que se realizarão, a partir de 21 do corrente, em Atenas e terminarão em 1 de Outubro.

No decorrer dos trabalhos serão debatidos vários problemas, entre os quais figuram propostas de modificação do actual estatuto e regulamento interno da Liga e as eleições para novos mandatos do presidente e secretário-geral da mesma Liga.

TIRO DE GUERRA na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 19 — Na Carreira de Tiro de Guerra, desta cidade, realizaram-se as finais das provas de tiro de guerra, á qual se deslocaram várias equipas do País.

Depois do apuramento das várias provas que agora terminaram, foram indicadas as seguintes equipas classificadas:

1.º, P. S. P. de Lisboa, 697 pontos; 2.º, P. S. P. do Porto, 651 p.; 3.º, Guarda Republicana de Lisboa, 648 p.; 4.º, Sporting Clube de Portugal, 639 p.; 5.º, Administração Militar de Lisboa; 6.º, Associação Naval 1.º de Maio (F. da Foz).

Melhor classificação individual, António Jorge, da P. S. P. de Lisboa.

No HAVANEZA DE ALMADA em Almada, Av. Afonso Henriques, 9, vende-se o «DIÁRIO DE LISBOA».

Encontro de dirigentes da Mocidade Portuguesa Feminina

Com a participação de quarenta e sete professoras do ensino primário de todas as províncias do continente, prosseguiu hoje, nas instalações do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, na Rua Artilharia 1, o IV Encontro de Dirigentes dos Centros Primários daquela Organização.

Hoje realizam-se as primeiras sessões de estudo com o seguinte horário: ás 10 horas, início do estudo do I tema do Encontro — «A vocação da professora como mulher» — pela sr.ª D. Maria Manuela Saraiva; ás 11.30, aula prática de canto coral, dirigida pela sr.ª D. Olga Violante; ás 15, a sr.ª D. Maria Manuela Saraiva falará sobre «Princípios e realizações da M. P. F.»; ás 18, têm início as sessões diárias de Formação Moral, sob a direcção do Rev.º Padre Agostinho Ferraz. A noite, será passado o filme «A Guerra de Deus».

Recintos de diversões

No Grupo de Instrução e Desporto «Os Peixinhos», realiza-se hoje, ás 21 e 30, uma festa de homenagem a Jaime Morais, á qual dão a sua adesão Julio Vieitas, Manuel Dias, Fernanda Idália, Alzira Madruga, Edite Oliveira, Odete Gonçalves, Vitor Nunes, António Ramos, António Santos, Vitor Santos, Manuel Bogalho, Floriano Lopes, João Paulo, e Manuel Pereira, estando a direcção artística a cargo de Pinto Guedes.

«II Grande Noite Popular»

Na «II Grande Noite Popular», organização de Fernando Igrejas e Carlos Fernandes, que se realizará brevemente, num conhecido salão, o antigo cantor Ricardo Porfírio representará o bairro da Graça, no concurso entre os fadistas da «velha guarda», e cantará versos inéditos do poeta José dos Santos.

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Dos quatro tradicionais favoritos três actuam nos campos adversários na jornada inaugural do torneio das multidoes

Mais um Campeonato Nacional da 1.ª Divisão começará amanhã a disputar-se em 14 campos do País, o que significa desde já que durante 26 jornadas o espectáculo desportivo preferido pelas multidões revestir-se-á de um interesse especial.

O torneio de 1959-60, o 22.º, oferece a particularidade de apresentar três novos clubes: Atlético, Leixões e Boavista, que ocuparam os lugares deixados pelo Caldas, Torriense e Barreirense. A troca beneficiou a Associação de Futebol do Norte que passa a contar com três representantes, menos um que a de Lisboa. Uma região não figura na competição, a de Leiria, que perdeu a participação dos Caldens, enquanto a de Setúbal sofreu uma baixa (Barreirense).

A 1.ª jornada, marcada para amanhã, às 16 horas, escalonou os seguintes encontros:

Académica-F. C. Porto
C. U. F.-Sporting
Benfica-V. Setúbal
Sp. Covilhã-Belenenses
Atlético-Leixões
Boavista-Sp. Braga
V. Guimarães-Lusitano

Naturalmente, na véspera da es-

21 campeonatos

e o «record» de vitórias
para o sporting

Quatro clubes, sómente, distribuíram-se entre si os 21 Campeonatos Nacionais já disputados, segundo o seguinte escalonamento:

SPORTING — 1941, 1944, 1947, 1948, 1949, 1951, 1952, 1953, 1954 e 1958 (dez títulos);
BENFICA — 1942, 1943, 1945, 1950, 1955 e 1957 (seis títulos);
F. C. PORTO — 1939, 1940, 1956 e 1959 (quatro títulos);
BELNENSES — 1946 (um título).

treia do torneio nenhuma das equipas concorrentes poderá cotar-se como ampla favorita. Faltam pontos de referência evidentes. Todavia, a força da tradição promete que a luta principal ficará circumscreta aos habitualmente designados por «quatro grandes», F. C. Porto, Benfica, Belenenses e Sporting (pela ordem do campeonato da pretérita temporada), embora seja de contar com uma revelação, hipótese que se afigura no entanto bastante remota, dado que os restantes dez grupos não parecem suficientemente apetrechados para contrariar o poderio do escol do nosso futebol. Contudo, a hipótese tem lugar no campo teórico.

Dos quatro tradicionais favoritos, três actuam nos campos dos adversários e a circunstância pode ser susceptível de oferecer, imediatamente, um interesse excepcional, visto que nenhum querê-lo, logo na arrancada, perder terreno.

Estão neste caso o F. C. Porto, o Belenenses e o Sporting — qualquer deles com jogos difíceis, como, aliás, são as perspectivas de um modo geral, de quantos fazem o papel de visitantes. Além disso, há que considerar o facto dos clubes, tidos como os mais fracos (quem serão eles?), pretenderem libertar-se do fantasma das últimas quatro classificações, aquelas que indicarão duas baixas de divisão e enviarão dois clubes para uma «poule» de competência — um campeonato extra, que na época transacta surpreendeu irremediavelmente o Barreirense.

O Benfica em transe de remode-

lação, actua no seu ambiente e isso indica o ensejo para uma exibição de certo modo tranquila, embora os Setubalenses não esteja na disposição de ceder nos primeiros trechos do desafio.

Vaticínios? E' cedo... No entanto, atentando nas possibilidades tradicionais de cada um dos participantes e na qualidade dos seus valores, parece-nos que quatro podem registar triunfos, esclarecedores. São eles: Atlético, Benfica, Guimarães e Boavista.

JOGOS EM LISBOA

BENFICA - V. SETUBAL
ATLÉTICO - LEIXOES

tico, Benfica, Guimarães e Boavista.

No lote dos vencedores problemáticos figuram: F. C. Porto, Sporting e Belenenses — cada um, porém, com provas já prestadas de uma força capacíssima de contrariar o entusiasmo dos opositores.

ACADEMICA — Maló (ex-Benfica); Araújo e Mesquita (ex-Sporting); Abreu, Wilson e Torres; Samuel, Jorge Humberto, Rocha ou Salazar (ex-Benfica), Nuno (ex-Olhaneense) e Bentes.

F. C. PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Luís Roberto, Miguel Arcanjo e Monteiro da Costa; Gastão, Hernani, Ferreirinha (ex-Sp. Braga), Teixeira e Moraes.

C. U. F. — José Maria; Orlando e Durand; Oliveira, Palma e Carlos Alberto; Rodrigues, José Luís, Pedro Silva, Bispo e Gastão ou Ernesto.

SPORTING — Octávio de Sá; Lino e Hilário; Julius, Galaz e Mendes; Hugo, Perides, Fernando, Faustino e Diego.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Mário João; Neto, Artur e Alfredo; José Augusto, Santana, Águas, Coluna e Cavém.

V. SETUBAL — Mourinho; Soares e Manuel Joaquim; Serra, Vaz e Alfredo; Inácio, Mateus, Mendonça, Miguel e Virgílio.

SP. COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Coreles, Lourenço e Lázinha; Pires, Gabriel, Suarez, Ilo Caldas e Amílcar.

O Congresso da Federação de Futebol está a decorrer

Com a presença de grande número de delegados está a realizar-se a sessão extraordinária do Congresso da Federação Portuguesa de Futebol, sob a presidência do sr. dr. Paulo Sarmiento.

Os trabalhos iniciaram-se com a apreciação das propostas de alteração dos artigos 1.º, 3.º e 26.º do Estatuto, com a intervenção de vários oradores. Seguir-se-á a votação.

Outros assuntos serão objecto da análise dos delegados das Associações Regionais, como sejam: ratificação de propostas de alterações do Regulamento das Provas Oficiais, postas em execução ao abrigo do parágrafo único do art.º 17.º do Estatuto; apreciação e votação de propostas de alteração ao Regulamento das Provas Oficiais; estudo e votação sobre o novo Regulamento Disciplinar para os jogos; apreciação e votação das propostas de eliminação de matéria do Regulamento das Provas Oficiais, em virtude da definição do Regulamento Disciplinar para os jogos; e resolução sobre a apreciação do regulamento das relações entre clubes e jogadores.

BELNENSES — José Pereira; Pires e Moreira; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Yauca, Tonho ou Mendes, Matateu e Estevão.

ATLÉTICO — Ramin; Coelho e Vitor Lopes; Orlando, Germano e Fonseca; Angeja, Gomes, Albano, Brandão ou Apolinário e Tito.

LEIXOES — Rosas; Pacheco e Raul II; Ventura, Raul I e Santana; Carlos Alberto, Osvaldo Silva, Jaboru ou Oliveira II, Silva e Nunes.

BOAVISTA — Levy; Franco e Artur; Mário Campos, Ribeiro e Torres; Cabral, Kovacs, Adriano, Guilherme e Germano.

SP. BRAGA — Faria; Narciso e José Maria Azevedo; Passos, Calheiros e Trenque; Rafael, Livinho, Ce-ninho, Mendonça e José Matos.

V. GUIMARÃES — Pinho (ex-F. C. Porto); Calçara e Abel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Edmundo, Romeu, Carlos Alberto e Daniel.

LUSITANO — Antoninho; Narciso e Inácio; Vicente, Falé e Athos; Palmeiro Antunes (ex-Benfica), Car-raça, Ivson (ex-Sporting), José Pedro e Fialho.

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Repleto de interesse e com novas concorrentes o campeonato principia amanhã

Principia amanhã o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, que, vestindo pelo figurino dos últimos anos, continua a merecer a designação de «Maratona do futebol português».

O torneio comporta 28 clubes, repartidos por duas zonas e levará a disputar, portanto, 26 jornadas — mais de seis meses.

A constituição das zonas apresenta alterações sensíveis em relação à de 1958-59, o que só serve para trazer um acréscimo de interesse à competição e tornar o desfecho da luta mais difícil de vaticínios.

Vejamos, entretanto, quais os desafios previstos para amanhã.

Na zona Norte teremos:

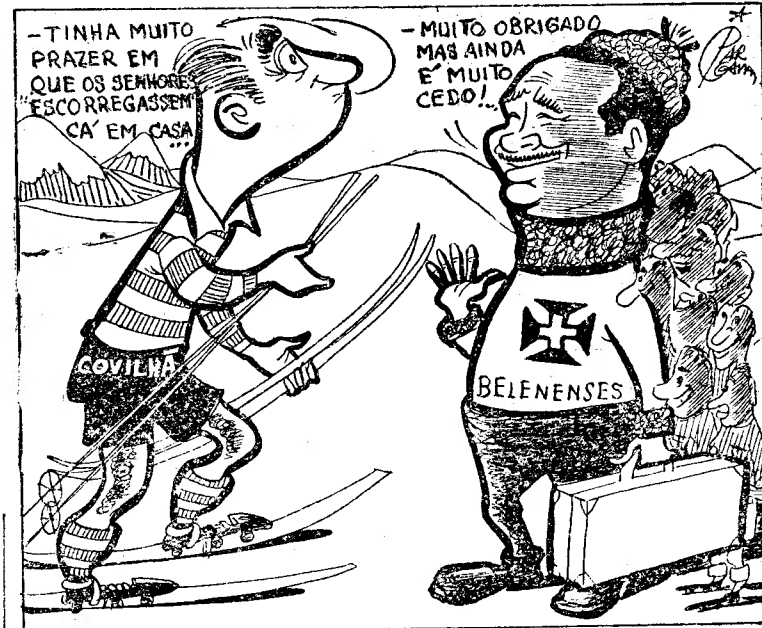
Torriense-Chaves
Académico de Viseu-Caldas
Vianense-Sanjoanense
Oliveirense-Sporting de Espinho
Beira Mar-Peniche
Vila Real-Marinhense
Salgueiros-União de Coimbra

Em nada menos de quatro campos estão em acção equipas (Torriense, Académico de Viseu, Caldas S. C., Beira Mar e União de Coimbra) que ou são estreantes ou voltam a disputar este campeonato, sucedendo que duas delas, vindas de Divisões diferentes (Académico de Viseu, da 3.ª, e Caldas, da 1.ª), se defrontam entre si.

Conceder favoritismo ao Torriense e Caldas não parece estultícia. Nos outros jogos o vaticínio afigura-se difícil, mesmo levando em linha de conta o ambiente «casa». Uma coisa parece certa: é que todos os concorrentes se preparam para a luta com o maior empenho e entusiasmo. Os resultados que amanhã se verificarem ficam, evidentemente, sujeitos a rectificação ou confirmação e nada significarão quanto ao futuro das equipas — que a prova é longa e costuma ser fértil em surpresas.

Na zona Sul, realizam-se os seguintes jogos:

Oriental-Lusitano de Vila Real
Estoril-Montijo



HÓQUEI EM PATINS

O BENFICA de maneira irresistível bateu o Sintra (11-0)

Quem havia de dizer que os Sintrenses, vencedores no passado domingo (6-3) do Benfica, iriam sofrer uma pesada derrota frente ao mesmo adversário volvidos cinco dias? O triunfo estava na linha das previsões, mas o resultado (11-0)

ultrapassou decerto os vaticínios mais optimistas.

Os «encarnados», que actuaram no seu ringue, na Avenida Gomes Pereira, «esmagaram» é o termo o Sintra, imprimindo aos lances uma velocidade diabólica de tal forma que ao intervalo venciam por 8-0. Todos ao ataque foi a palavra de ordem. No segundo tempo, o Benfica abrandou, mas mesmo assim logrou marcar mais três golos — sem resposta do adversário.

Sob a arbitragem do sr. José Maria Ribeiro, alinharam e marcaram:

BENFICA — Orlando, Vitor Rocha, José Lisboa (2), Mário Lopes (6), Perdigo (2) e Urgeiro (1).

SINTRA — Vitor Domingos, Fernando Santos, Edgar, Pompílio, Vitor Santos e João Vieira.

Também em jogo a contar para o «Regional», o Paço de Arcos foi ao Seixal ganhar á equipa da Mundet por 4-3.

Alinharam e marcaram:
MUNDET — Marques, J. António, Cavalheiro (1), Leonel (2), Gonçalves e Chega.

PAÇO DE ARCOS — Vilaverde, Pompeu (1), Campos (1), Virgílio e Correia dos Santos (2).

Hoje à noite

HANDEBOL — «Nacionais» de juniores. No Pavilhão dos Desportos, às 21.30 horas: Campo de Ourique-Universitário do Porto e Benfica-F. C. Porto.

HÓQUEI EM PATINS — No ringue de Cascais, às 21.30 horas, festa de homenagem ao jogador José Eduardo Jacinto que há 13 anos representa o Dramático de Cascais. O programa engloba dois encontros da modalidade em que intervem a equipa que conquistou os campeonatos do Mundo de 1948 e 49, a da velha guarda do clube local, a do Benfica e a do Cascais.

PUGILISMO — Na sede do Bairro de Inglaterra A. C. efectua-se, às 21.30 horas, uma sessão de amadores.

SESSÃO — No Atlético, às 21.30 horas, realiza-se uma sessão comemorativa do 17.º aniversário da

CICLOTURISMO

O 3.º «Raid» à Estremadura

Ao princípio da tarde, partiram do Campo Grande, os cicloturistas do Benfica que vão realizar o 3.º «Raid» à Estremadura, através do seguinte percurso: Vila Franca de Xira, Azambuja, Santarém, Pernes, Minde, visitando as grutas da serra de Mira de Aire, onde pernoitam.

A chegada a Lisboa está prevista para amanhã, às 20 horas, após a passagem por Fátima, Batalha, Nazaré, S. Martinho do Porto e Caldas da Rainha.

Várias provas de amanhã

ATLETISMO — O Clube de Futebol «Os Belenenses», promove mais um torneio para sócios e simpatizantes, nas pistas do Restelo, às 10 horas, com o seguinte programa: 80, 250, 700 e 2.000 metros, altura, comprimento e peso.

CICLISMO — Disputa-se o 12.º Circuito de Paços de Ferreira, para corredores «independentes», com início às 15 horas.

— Em Alpiarça, corre-se, às 10 horas, o «Circuito das Vindimas», para «populares», com partida e chegada no Estádio Municipal. As 15 e 30 horas, inicia-se o festival

de pista para corredores de várias categorias, com provas de eliminação, «criterium» e «á americana».

FUTEBOL (A. F. L.) — Prossegue o Campeonato Distrital da 1.ª Divisão, com os encontros da segunda jornada: Vilafranquense-Casa Pia, Vitória-Operário, Desportivo Olivais-Alverca e Futebol Benfica-Sacavenense, às 16 horas, em categorias de honra; e às 14, em reservas. O desafio Sintrense-Alhandra principia às 16 e 30 e às 14 e 30 horas.

(Continua na página seguinte)

No "Europeu" de handebol de sete participa a equipa do F. C. P.

PARIS, 19. — Pela primeira vez, o Campeonato Europeu de Handebol de Sete tem uma concorrência de 16 países, no caso de ser a Espanha autorizada a tomar parte — anunciaram os organizadores franceses. Portugal, que se conta entre os concorrentes, é representado pela equipa do F. C. Porto, que venceu o último campeonato nacional da modalidade.

O ano passado a prova teve apenas a presença de 14 equipas, tendo a Suécia, representada pela equipa do «Redberglids Idrottsklubb», ganho o título, na final, disputada em Paris.

O sorteio para o torneio de 1959-60, que deveria ter sido realizado no princípio do mês, foi já adiado por duas vezes, e está agora marcado para a noite da próxima quinta-feira. A principal alteração na forma como se disputado o torneio é a divisão das equipas em quatro zonas geográficas, de forma a impedir que as melhores equipas sejam eliminadas logo no início da prova.

Foi anunciado que a divisão em zonas será a seguinte: 1.ª — Países Escandinavos; 2.ª — Países da Europa Central e Oriental; 3.ª — Países da Europa Ocidental; 4.ª — Países da Europa Meridional.

Depois da concordância dos organizadores, será efectuado o sorteio dentro das diversas zonas, para os jogos da primeira fase, que se realiza entre o fim de Novembro e o dia 8 de Dezembro.

A segunda fase, ou quartos de final, inclui os dois primeiros de cada zona, numa só mão, devendo terminar a 10 de Janeiro de 1960.

A terceira, ou meias-finais, jogam-se antes de 21 de Fevereiro; e a final será disputada em Paris, nos dias 12 e 13 de Março.

O caso da Espanha levanta um problema: a Espanha foi punida pela Federação, estando proibida de tomar parte em qualquer competição internacional durante um ano, a partir de Julho deste ano, por ter abandonado a competição.

Várias provas de amanhã

(Continuação da página anterior)

GINCANAS — O Sporting Clube de Alenquer, promove no seu campo desportivo, a partir das 14 horas, com fins de beneficência, duas gincanas — uma de motos e outra de «scooters». Foram instituídas 14 taças.

HANDEBOL DE 7 — O Campeonato Nacional de juniores, prossegue com os encontros da 3.ª jornada — última da primeira volta — no Pavilhão dos Desportos. As 15 e 30, Benfica-C. D. U. Porto; às 15 e 30, Campo de Ourique-F. C. Porto.

HIPISMO — Conclui-se, no campo da Mata, o 47.º Concurso Hípico Oficial das Caldas da Rainha, disputando-se, além dos «Grandes Prémios» de juniores e de seniores, uma prova destinada aos cavalos que não participem no «Grande Prémio».

MOTONAUTICA — Principia o «Grande Torneio de Motonáuticas», organizado pelo Clube Naval Setubalense, com a colaboração do C. N. Cascais. A primeira largada das provas de barcos automóveis está marcada para as 15 e 30, na baía de Cascais. Os concorrentes estão divididos em três classes, disputando várias corridas, num percurso triangular de cinco voltas, muito próximo de terra.

NATAÇÃO — Mais uma prova de rio: a 3.ª Travessia Alhandra-Lezíria-Alhandra, como homenagem ao nadador António Pereira de Carvalho. A corrida, destinada a homens e senhoras das categorias juniores e seniores, com classificações individual e colectiva, principia às 18 e 30 horas.

TENIS — Conclui-se o campeonato nacional, individual, de 1.ª categoria, em singulares e pares-homens. Os adversários só são conhecidos hoje ao fim da tarde, depois de efectuadas as meias-finais.

VELA — Sob a organização da Associação Naval de Lisboa, realiza-se a última regata de barcos de cruzeiro da presente época. Os concorrentes partirão de Belém, às 10 horas, rondando o barco dos pilotos em Cascais e regressando a Lisboa.

do Campeonato Mundial, disputado em Viena.

Os organizadores franceses esperam que o presidente da Federação levante o castigo à Espanha, para que este país possa tomar parte no campeonato.

São os seguintes os clubes inscritos: Dukla Prague, da Checoslováquia; Redberglids Idrottsklubb, da Suécia; Tunverning Aalsmeer, da Holanda; Olympic Clube Flemallois, da Bélgica; Dinamo de Bucareste, da Roménia; K. S. Sport Katowice, da Polónia; Sportverein Union, da Finlândia; A. G. F., da Dinamarca; Burgerturnverein St. Gallen, da Suíça; Futebol Clube de Porto, de Portugal; Fradesborg Ski of Balcklubb, da Noruega; R. K. Borac, da Jugoslávia; Esch Sur Alzette, do Luxemburgo; Frisch Auf Goppingen, da Alemanha Ocidental; e Paris University Club, da França — (A. N. I.).

FUTEBOL

O Brasil

«cilindrou» o Chile

enfiando sete bolas

sem resposta

RIO DE JANEIRO, 19. — No primeiro encontro da taça «O'Higgins», o segundo disputava-se amanhã em S. Paulo, a selecção de futebol do Brasil infringiu uma pesada derrota ao Chile, após uma exibição que esteve na linha dos pergaminhos dos Campeões do Mundo, não obstante terem alinhado sem Milton Santos, Didi, Garrincha e Julinho. Os Chilenos, que estão a ser preparados por Fernando Riera, antigo treinador do Belenenses, perturbaram-se nos primeiros lances e nunca mais puderam dominar o maravilhoso sincronismo do «conce» brasileiro, onde o famoso Pelé foi o maestro dominador.

A velocidade do 1.º tempo constituiu um quebra-cabeças para os Chilenos. Com 13 minutos decorridos, o Brasil ganhava por 3-0, golos de Pelé (2) e Dorval, este substituto de Garrincha e Julinho (ambos lesionados). O 4.º tento foi de autoria de Pelé, que na segunda parte cedeu o lugar a Canhoteiro. Neste período, o andamento diminuiu para acelerar nos últimos 20 minutos pelo que não surpreendeu a marcação dos três restantes golos, todos obra de Quasentinha.

O Brasil registou o seu 21.º jogo, sem derrotas, continuando assim uma impressionante série iniciada há dois anos, quando se estabeleceu o plano que levou à conquista do campeonato mundial, na Suécia.

O grupo vencedor alinhou: Gilmar; Djalma Santos e Coronel; Zito, Belini e Orlando; Dorval, Dino, Pelé, Quasentinha e Zagalo. — (E.).

Ginásio Clube Português

Prepara-se o novo ano lectivo

Como prelúdio da época lectiva de 1959-60, o Ginásio Clube Português abriu ontem as inscrições aos alunos das suas classes de Ginástica e de Desporto, cujo horário comporta 27 turmas dirigidas pelos distintos professores Santos Vieira, Reis Pinto, Angelo Caruso, João Gonçalves Mariano, Nelson Mendes, D. Georgina Villas-Boas, D. António Lopes Mariana, João Vinha, Ernesto Salles, Norberto Costa e Silva, Mário Begonha e monitor Carlos Abreu.

As inspecções médicas, cujo início está fixado para 1 de Outubro, efectuam-se diariamente das 17 às 21 horas, e a abertura das classes em 6 do mesmo mês.

VOLEIBOL

Derrota do Brasil no torneio «Três Continentes»

PARIS, 19. — A Hungria derrotou o Brasil por 3-2 no Campeonato de Voleibol «Três Continentes», disputado a noite passada nesta cidade. Os resultados individuais deste encontro foram os seguintes: 8-15, 15-11, 15-8, 6-15 e 15-13. — (A. N. I.).



A menina Ilda Martins, acompanhada de sua prima, minutos antes de partir para Peniche

«DOMINGO FELIZ!»

Fim de semana

em Peniche

Esta manhã, às 7 horas, partiu para Peniche, num dos autocarros da Empresa Capristanos, a menina Ilda Martins Pereira Cardoso, de 18 anos, que, esta semana, foi premiada com o 1.º Prémio Sintra, do nosso concurso «Domingo Feliz». Acompanhada por sua prima, a menina Maria Luísa Mesquita Cardoso, passará o dia de hoje em Peniche, onde a respectiva Comissão Municipal de Turismo lhe proporcionou algumas horas agradáveis, visitando a típica vila e seguindo amanhã para a Pousada S. João Baptista, nas Berlengas, onde lhe será servido um óptimo almoço.

Além deste prémio, a menina Ilda Martins Pereira recebeu também 5 quilos de tinta S. João Bel-Plast. Como já dissemos, o passado domingo, que foi para esta nossa leitora um dia normal de trabalho, terminou num verdadeiro domingo feliz, que lhe anunciou um próximo fim-de-semana de verdadeira alegria.

Os filiados da M. P.

da Guiné e Cabo Verde visitaram Braga e Guimarães

GUIMARÃES, 19. (Pelo telefone). — Depois de visitar, em Braga, durante a manhã, o Estádio 28 de Maio e a Sé, onde depuseram ramos de flores nos túmulos de D. Henrique e D. Teresa, os componentes do cruzeiro Honório Barreto vieram à tarde, para esta cidade, onde formaram junto às muralhas do castelo, em cuja torre se via hasteada a bandeira nacional. O reverendo padre José Ribeiro, fez uma breve alocução sobre a figura do primeiro rei e o significado da homenagem. Junto à base do monumento foi depois colocado um ramo de flores.

Corporação da Industria

Esta manhã, reuniu-se com o ministro das Corporações, o Conselho da Corporação da Industria, tendo sido estudados diversos problemas e aprovado o estatuto que rege aquele organismo.

A visita

de D. Duarte Nuno de Bragança

a Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 19. — Ao sr. D. Duarte Nuno de Bragança foi oferecido pelo jornalista e historiador Alfredo Pereira de Lima, como recordação da sua visita à Moçambique, um cofre de ébano da Zambézia com incrustações de marfim, trabalhado por indígenas «macondes», contendo relíquias de alto valor histórico, pertencentes ao seu museu particular. O cofre contém, no fundo, areia do ilhéu de S. Jorge, no Oceano Índico, onde Vasco da Gama colocou o último padrão da Descoberta. Numa caixa plástica interior, encontram-se fragmentos de pedras das fortalezas de S. Caetano de Sofala, de S. Sebastião da Ilha de Moçambique e da Praça de Nossa Senhora da Conceição de Lourenço Marques. Nos quatro cantos interiores encontram-se pequenos sacos plásticos, contendo terra dos campos de batalha de Marracuene, de Magul, de Macotene e de Chaimite.

O duque de Bragança agradeceu, sensibilizado, a oferta, dizendo que a conservaria como recordação muito grata ao seu coração. — (A. N. I.).

Os infantes estão em Luanda

LUANDA, 19. — A sr.ª D. Maria Francisca, duquesa de Bragança, e seus filhos, os infantes D. Miguel e D. Henrique, encontram-se hospedados desde o dia 16 na Fazenda Tentativa, onde aguardam o sr. D. Duarte Nuno, que amanhã chega a Luanda, vindo de Lourenço Marques, no avião da T. A. P.

Os duques de Bragança demoram-se alguns dias em Angola, visitando a Fazenda Boa Entrada, da Companhia de Agricultura de Angola (CADA), o colono da Cela e as quedas do Duque de Bragança, regressando depois à sua casa de S. Marcos, nos arredores de Coimbra. — (A. N. I.).

58 mortos

— balanço final

da tragédia de Barletta

BARILETTA, 19. — O balanço definitivo das vítimas da derrocada de um prédio de cinco andares, na quarta-feira de manhã, é de 58 mortos e 13 feridos.

O engenheiro que fez o projecto do edifício e o mestre de obras, Francesco Lombardi e Scipione del Carmine, contra os quais haviam sido passados mandados de captura, apresentaram-se às autoridades.

Há duas hipóteses quanto às causas do desastre: 1.ª, uma «economia de cimento» na construção; neste caso, a responsabilidade seria do mestre de obras. 2.ª, um erro de cálculo, sobretudo quanto às bases de betão armado; neste caso, o responsável seria o engenheiro Lombardi. — (F. P.).

CAMPO PEQUENO

QUINTA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 1959, AS 22 HORAS
GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS
NUM CONCURSO DE GANADERIAS

A favor do Fundo de Assistência do Sindicato Nacional dos Toureiros Portugueses.

A qual se digna assistir Sua Excelência o senhor Ministro das Corporações e Previdência Social, e o Ex.º senhor Coronel Oscar de Freitas, digníssimo inspector-chefe dos Espectáculos.

Lidar-se-ão

8 — BRAVOS E ESCOLHIDOS TOIROS — 8

de várias e acreditadas ganaderias, para as quais se reservam valiosos prémios para os toiros mais bravos

CAVALEIROS: JOÃO BRANCO NÚNCIO, DR. FERNANDO SALGUEIRO, MANUEL CONDE e DAVID R. TELES

MATADORES: DIAMANTINO VIZEU, ANTÓNIO DOS SANTOS, JOSÉ TRINCHEIRA e ARMANDO SOARES

FORCADOS: 2 — VALENTES GRUPOS — 2
DE ADELINO DE CARVALHO e MANUEL FAIA

Bilhetes à venda a partir de segunda-feira, dia 21, na bilheteira da Praça dos Restauradores (edifício do Avenida Palace) das 11 às 19 horas — TELEF. 21712.

SOMBRA: DESDE 50\$00 — SOMBRA-SOL: DESDE 40\$00

SOL: DESDE 30\$00 — GALERIAS: 17\$50 e 15\$00

— Maiores de 12 anos —



MAIS DURAÇÃO
MENOS AVARIAS

PERFECTA-DEMM

ANDA MAIS
E GASTA MENOS

CICLO-AREEIRO

Av. do Aeroporto, 3-A LISBOA
(junto à Praça do AREEIRO)

A aprovação do novo regulamento de Caixa de Reformas dos jornalistas

No gabinete do ministro das Corporações, ao fim da tarde, efectua-se a cerimónia da aprovação do novo regulamento da Caixa de Reformas dos Jornalistas.

Uma das cláusulas adoptadas de maior interesse diz respeito às pensões de reforma por invalidez e velhice, sendo estabelecidas disposições que solucionam as dificuldades inerentes aos jornalistas mais idosos.

Dado que a Caixa de Reformas dos Jornalistas dispõe de receitas próprias e extraordinárias de que não beneficiam outras instituições, pode o seu regulamento ser remodelado, de modo a contar-se para a atribuição das pensões de reforma todo o tempo de exercício profissional e não apenas o que decorria desde a inscrição na Caixa. Assim, os 14 anos que constituíam o máximo de contagem para efeitos de reforma, são notavelmente acrescidos para muitos jornalistas, alguns com mais de 35 anos no exercício do esgotante labor exigido pela missão da Imprensa.

Quanto ao nível das pensões o novo regulamento determina a elevação para 5.000\$00 do limite máximo dos ordenados. Ao mesmo tempo, desenvolver-se-á a acção da Caixa de Reformas dos Jornalistas em moldes devidamente fixados através do seu fundo de assistência de que é reservada parte substancial da receita proveniente do adicional sobre publicidade cobrado por intermédio das empresas.

No novo estatuto ponderou-se também aspirações gerais relativamente à protecção a dispensar, quer aos profissionais em situação difícil, quer às famílias, em caso de falecimento.

Ao acto assistem, em representação da classe, as direcções da Caixa de Reformas dos Jornalistas e do Sindicato dos Profissionais de Imprensa.



O Choupal de Torres Vedras ficou transformado num lago

Chuvas torrenciais durante cerca de uma hora provocaram inundações na região de Torres Vedras

TORRES VEDRAS, 19. (Pelo telefone). — Esta manhã, cerca das 10 horas, pairou sobre toda a região torrense uma violenta trovoadra, acompanhada por chuva torrencial.

Registraram-se inundações em vários

pontos, especialmente no Mercado Municipal e no teatro desmontável da Companhia Rafael de Oliveira, bem como em alguns estabelecimentos comerciais.

Compareceram material dos Bombeiros Voluntários locais e pessoal que procedeu ao esgotamento da água.

Uma verdadeira torrente transformou o Choupal, junto ao posto da Polícia de Viação e Trânsito, num verdadeiro lago.

Em Runa e noutras povoações do concelho, registaram-se verdadeiras enxurradas na estrada e nas ruas, onde a água alcançou grandes velocidades.

Amanhã — último dia do concurso "Domingo Feliz!"

Encerra-se amanhã o concurso que instituímos para o Verão e que dedicámos especialmente aos leitores que escolheram os campos ou praias dos arredores da capital para o seu repouso semanal. Sem pretender ser mais do que uma forma simples de brindar um sector importante dos nossos leitores — os outros não deixaram de ser considerados em novas oportunidades — «Domingo Feliz!» corresponde inteiramente aquilo que se pretendia. Durante doze domingos consecutivos deste Verão, os nossos serviços fotográficos surpreenderam muitas dezenas de leitores, nas suas desocupadas estadias nos arredores e, assinalando a sua presença em gravuras reproduzidas nas colunas do «Diário de Lisboa», foi possível determinar, por mera sorte, aqueles a quem havia de caber os prémios uteis e variados que criámos para o efeito, com a colaboração amiga de alguns dos nossos estimados anunciantes.

Foram assim instituídos cerca de 150 prémios, num valor global que anda por centena e meia de contos. Deste modo, o «Diário de Lisboa» pôde levar a muitos dos seus leitores, durante o período do Verão agora prestes a terminar, um complemento agradável dos seus «domingos felizes».

Último domingo do Verão de 1959, o dia de amanhã constitui, pois, o fecho da iniciativa deste ano. Haverá ainda numerosos leitores que a objectiva dos nossos reportéres fotográficos irão surpreender nos locais de partida para os arredores, ou nos pontos de aglomeração domingueira. E haverá

rá, dentre os muitos fotografados, uma dúzia que a sorte bafejará, atribuindo-lhes os prémios da lista que hoje publicamos.

SINTRA

1. — Uma viagem ao Porto nos aviões da TAP, com estadia num dos melhores hotéis do Norte, e 5 quilos de tinta S. João BEL-PLAST.

2. — Um fogareiro eléctrico de ferro esmaltado com placa, marca ELEKTHERMAT, da firma BARROS QUEIROZ.

3. — Um lote de produtos de salsicharia da Fábrica AVEL-RENE, LDA.

4. — Duas caixas com chocolates e bombons RAJA.

COSTA DO SOL

1. — Um fogareiro CUDLA; um forno MINHON-PLUMA, para assados e bolos, da CASA PIRES (do Calhariz), e produtos VILARINHO & SOBRINHO, e 5 quilos de tinta S. João BEL-PLAST.

2. — Duas caixas de sabão activado CUF.

3. — Um conjunto de jarro e 6 copos para água, em vidro decorado, da firma BARROS QUEIROZ.

4. — Um bilhete inteiro para a lotaria, da Casa CAMPAIO.

COSTA DA CAPARICA

1. — Uma bicicleta VILAR, fornecida pela firma CICLO-AREIRO, e 5 quilos de tinta S. João BEL-PLAST.

2. — Produtos SCHWEPES.

3. — Compras no valor de 300\$00, na firma FABRICAMPO, LDA., a casa especializada em campismo.

4. — Flores plásticas da Papelaria Vasconcelos, Lda.

Jóias Antigas e Modernas

compramos pelo mais alto preço
G. OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

A CAMPANHA DO «DIÁRIO DE LISBOA» PARA A SEGURANÇA RODOVIÁRIA

Os problemas do trânsito na região do Porto

De um leitor do «Diário de Lisboa» residente no Porto, recebemos uma extensa carta, a propósito das declarações que fez o nosso jornal o comandante da P. S. P. daquela cidade, sr. coronel Santos Junior, e, embora algumas das observações que sejam susceptíveis de discordância, bem como determinadas conclusões que apresenta, não queremos deixar de lhe dar publicidade, pois revelam um alto interesse pelo problema que constitui objecto da nossa campanha de segurança rodoviária. Apesar de se nos ter identificado, pedimos o nosso correspondente que, por motivos que, aliás, justifica, não revelemos o seu nome, o que não temos dúvida em atender, dados os termos da sua exposição e o interesse com que apresenta as questões, num perfeito espírito construtivo e uma intuição polémica, que está, neste caso, fora dos nossos desejos. Eis o que nos diz:

«Li há dias a entrevista concedida ao «Diário de Lisboa» pelo sr. comandante distrital da P. S. P. sobre os problemas de trânsito da cidade do Porto.

Segundo as suas declarações as causas de desorganização do trânsito na região do Porto devem atribuir-se, principalmente, aos peões, aos ciclistas, aos animais errantes e aos «eléctricos».

Tenho, como muitos tripeiros, muita simpatia pelo sr. coronel Santos Junior e em alto apreço as suas qualidades, mas acho que só por deformação profissional se podem fazer afirmações que revelam uma apreciação unilateral do problema.

Por espírito observador e até por obrigação, tive nos últimos meses de me debruçar sobre as causas de muitos acidentes de viação e posso garantir a V. Ex.ª que sem desconhecer as imprudências e levianidades dos peões e dos ciclistas, as maiores responsabilidades ainda cabem aos automobilistas.

Parece entender-se hoje, nas classes dirigentes, que as estradas e ruas se abriam e se reparam e existem exclusivamente por que há automóveis. E, portanto, os peões, os ciclistas, os carros de animais, os veículos de transporte colectivo são tolerados na via pública, mas nunca podem ter direitos que afectem os automobilistas. De qualquer forma devem sempre ceder perante os automobilistas e o acesso à via pública só lhes poderá ser consentido sujeitando-se às consequências do trânsito automóvel, incluindo a morte ou ferimentos graves nessas consequências.

Não me parece que esse critério que vejo praticamente aceite, possa

(Continua na 14.ª página)

O ministro da Saúde parte hoje para Haia de onde seguirá para o Brasil

Parte esta tarde, em avião da K. L. M., para a Holanda, o sr. dr. Henrique Martins de Carvalho, ministro da Saúde e Assistência, que também é membro da missão portuguesa ao julgamento da questão posta por Portugal contra a União Indiana, no Tribunal Internacional de Justiça de Haia. No mesmo avião seguiu o sr. dr. João Asencio, assistente da Faculdade de Direito de Lisboa e componente da mesma missão.

O ministro da Saúde seguirá directamente da Holanda para o Brasil, a fim de, em S. Paulo, representar o Governo português nas comemorações do 1.º Centenário da Real e Benemérita Sociedade de Beneficência Portuguesa, que se iniciarão no dia 27. Aquele membro do Governo viajará acompanhado do sr. dr. João de Matos, seu secretário.

O sr. dr. Martins de Carvalho proferrá no dia 28, no decorrer da «Semana Médica», no salão Manuel da Nóbrega, uma conferência sobre «Os Problemas da Saúde Pública e da Assistência em Portugal».

OURO e PRATA

Compra e vende os melhores preços
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 - Tel. 24564



Eis uma imagem típica da Suécia: plêndido parque de campismo à costa do

RAPSÓDIA SUECA —

Terra da frescu

Montados num pato selvagem, quem nos dera reviver a viagem fantástica de Nils Holgersson, o rapazinho que nasceu no extremo Sul da Suécia e sobre um daqueles palmípedes voadores percorreu todo o país, até às montanhas da Lapónia, onde, no Verão, nunca se vê o pôr-do-sol. É uma lenda maravilhosa criada por Selma Lagerlöf e traduzida em todas as línguas do Mundo, que tem favorecido de modo fascinante, o ensino da geografia a gerações de Suecos e encantado multidões de adultos que buscam na fantasia o antidoto anímico para as realidades cruas da vida de todos os dias.

Procurando dar verdade ao sonho, ou, mais propriamente, sonho à verdade, os caminhos de ferro da Suécia organizam regularmente, em comboios-hoteis, o «Circuito Nils Holgersson», ao longo do qual desfila ante os olhos extasiados do ávido visitante toda a florescência da paisagem revestida de múltiplos verdes que nunca se confundem. O que parece uma floresta é mesmo uma floresta. O que se julga um lago é mesmo um lago. E o que sugere uma planície de cultura é mesmo isso.

Como o do pequeno Nils, o nosso pato partiria também da Escânia, a província mais ao Sul e mais habitada de toda a Suécia, transbordando de curiosidades em cada angulo, desde os vestígios da pré-história aos diversos efeitos do modernismo deste século, incluindo ainda templos medievais e uma quantidade incalculável de castelos da Renascença, todos bem conservados, entre campos férteis, fazem das vistas e praias de areia bran-

DENTES
COMO ESTES
SO COM
PASTA
MEDICINAL
COUTO

CONTRA AS
DOENÇAS DA BOCA



UM CAVALO

ganhou um prémio
de 1.400 contos

WESTBURY (Nova York), 19. — O cavalo «Amin», o mais célebre da França na actualidade, conquistou para o seu dono o prémio de 50.000 dólares (cerca de 1.400 contos), ao vencer todos os seus competidores no Campeonato Americano de Trote, disputado a noite passada nesta localidade. — (A.N.I.).



de hoje. Aqui, um recanto do est. Landskrona, a bela cidade daidental

(11)

ra que canta...

ca, com dunas caprichosas, onde os jovens amantes se refugiam. Voando, voando sempre, em direcção à terra das noites claras...

*

Aterrariamos, porém, por algum tempo, em Landskrona, a cidadezinha de 30 mil habitantes, mesmo na costa Oeste, onde a autora de «A Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson», criou, quando ali era professora, a sua obra mais famosa, «A Saga de Gösta Berling», que lhe mereceu o Prémio Nobel em 1909. Repetiríamos, com imenso prazer, a visita que, acompanhados das entidades mais recomendáveis, o director do turismo, sr. Danestig, e a directora do jornal «Landskrona Posten», Elsa Lindholm, realizámos à pequena casa branca onde Selma Lagerlöf viveu, leccionou e escreveu. Mas se o factor espiritual obriga a escala em Landskrona, o que principalmente impressiona ali é a livre e feliz coexistência do passado com o presente. Alcantorados nas colinas verdes que servem de sepultura a reis da idade do ferro caídos em terríveis batalhas e a tenebrosos chefes «vikings», descortina-se nos dias luminosos oito cidades em redor. É verdade, de uma só cidade alcança-se com a vista, e numa única rotação completa de cabeça, oito cidades, entre elas, distintamente. Copenhague, monumental e feérica, e Helsingör, na Dinamarca, que está a hora e meia de barco. Malmö, mais ao Sul, que é a terceira urbe sueca, Hälsingborg, Lund, Eslöv e Skanör, sem contar com a romântica ilha de Hven, cuja incorporação no distrito de Landskrona, este ano, deu motivo a grandes festejos e distribuição de artísticas chavenas aos visitantes, das quais uma nos foi oferecida.

Os 570 habitantes da minúscula ilha, já visitada por regentes e príncipes de quase toda a Europa, são, na sua maioria, operários na capital distrital, dos maiores estaleiros de toda a Escandinávia, que constroem navios de deslocamento até 100 mil toneladas; de refinarias de açúcar de fábricas de fosfatos, das mais importantes do país, etc. A toda esta intensa industrialização, aos blocos de imponentes edifícios da

(Continua na 11.ª página)

Mais de 200 especialistas assistiram à primeira reunião das Jornadas Ginecológicas e Obstétricas efectuadas em Lisboa

Realizou-se hoje a primeira etapa das «Jornadas Ginecológicas e Obstétricas de Lisboa», que compreendem uma reunião internacional organizada pela Sociedade Portuguesa de Obstetria e Ginecologia e o IV Congresso da União Profissional Internacional de Ginecologistas e Obstetristas (U. P. I. G. O.). No Instituto Por-

tuguês de Oncologia, efectuou-se hoje a primeira destas reuniões a que presidiram os profs. drs. Freitas Simões, Pedro da Cunha e Diogo Furtado, este em representação do prof. Gentil, tendo assistido mais de 200 especialistas. Foram abordados dois temas gerais: «Problemas de diagnóstico actualmente em discussão, em relação do cancro uterino (colo e endométrio)» e «Profilaxia do aborto». Apresentaram comunicações, sobre o primeiro tema, o dr. Albert Netter (França), que exerceu ainda as funções de relator e moderador, os profs. R. Bourg (Bélgica), Wattewille (Suíça), e os drs. R. Palmer (França) e Grumbertges (Austria). Sobre o segundo tema, dissertaram, além do prof. Usandizaga, que também exerceu as funções de relator, os profs. Pedro da Cunha (Portugal), e Green Armitage (Inglaterra).

Após os trabalhos, os congressistas darão um passeio pela cidade, sendo, depois recebidos, na Estufa Fria, pelo presidente do Município. À noite, a Sociedade Portuguesa de Ginecologia e Obstetria oferece um jantar típico no Restaurante Espelho de Água. Amanhã, às 9 e 15, e ainda integrada nesta reunião, o prof. R. Palmer proferirá, na Faculdade de Medicina, uma conferência sobre «O que podemos esperar da celioscopia em ginecologia».

E' também amanhã, às 10 e 30, que, sob a presidência do ministro da Saúde, se realiza a sessão solene inaugural do IV Congresso da U. P. I. G. O.

Um casal

viaja há dois anos
num pequeno veleiro

LOURENÇO MARQUES, 19. — Encontra-se fundeado na baía do Espírito Santo, em frente do cais da Matola, o pequeno veleiro de 13 metros «Penelop» Elle, em que o crítico de arte Frank McEwen, director da Galeria de Arte Moderna, de Joanesburgo, e sua esposa viajam há dois anos. Tendo partido de Paris, cruzaram o Atlântico com escalas nos Açores e Cabo Verde, até aos portos do Brasil, regressando depois até à África do Sul. Da Cidade do Cabo vieram até Lourenço Marques e tencionam seguir para a Beira e para a Ilha de Madagascar. «De Madagascar voltaremos ao Atlântico e seguiremos para o Norte. Quero voltar aos Açores. Fiquei apaixonado pelos Açores» — declarou McEwen, entrevistado pelo «Notícias». — (A. N. I.).

Terminou o Concurso Internacional de Trabalho

MODENA (Itália), 19. — Portugal colocou-se ao lado da Bélgica e da Irlanda e a seguir à Itália, à Espanha e à Alemanha no Concurso Internacional de Trabalho, realizado este ano em Modena, entre jovens do ensino técnico.

Dez primeiros prémios couberam à Itália e à Espanha, quatro à Alemanha e um à Bélgica, a Portugal e à Irlanda.

Os segundos prémios foram distribuídos pela Espanha (oito), Alemanha (sete), Itália (seis), Irlanda (cinco), Inglaterra (três), Portugal e Bélgica (dois a cada) e Luxemburgo (um). — (A. N. I.).

COZINHEIRO

Muito apto, para casa particular. Máximo sigilo estando empregado. Enviar referências e ordenado ao N.º 101, Rua Azevedo de Albuquerque, 58 — Porto.



Danik Patisson, que desempenha a figura de «Luísa», contracenando com a artista portuguesa Cecília Guimarães, no papel de «Juliana»

Está pronta a exhibir-se a segunda versão cinematográfica de «O primo Basílio»

Pela segunda vez, foi cinematizado o romance «O primo Basílio», de Eça de Queirós. A primeira tentativa data dos tempos heroicos do cinema português e o publico cineclubista conhece a cópia, que é pertença da Cinemateca Nacional e foi já apresentada na Retrospectiva do Cinema Português. No princípio da temporada, será estreada em Lisboa e em Paris, a segunda versão do famoso romance, desta vez filmado em cinematóscopo por António Lopes Ribeiro, realizador bem conhecido de todos os nossos cinéfilos.

As diferentes personagens do romance foram distribuídas por um grupo de excelentes actores de que fazem parte João Villaret, Ribeiro, Paiva Raposo, Cecília Guimarães, Aura Abranches, etc. As figuras



António Vilar, no protagonista de «O primo Basílio»

TECIDOS

Novidades para 1960

Para conhecimento do comércio interessado, informamos que a firma José Augusto da Conceição & C.ª, «Tecidos Jac», com sede no Porto, Rua Candido dos Reis, n.º 70, tem já em organização as suas colecções de lanifícios para homem e senhora, destinadas à próxima época de Verão.

Para que essas colecções possam continuar a merecer o interesse dos seus clientes, deslocou-se à Itália, Suíça, etc., o seu sócio sr. Jacinto Conceição, a fim de reunir os elementos indispensáveis.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco, o céu estava muito nublado e caíam chuviscos na região ao norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela por acção de uma massa de ar, transportada na circulação duma depressão centrada sobre a Espanha.

TEMPERATURAS AS 9 HORAS (T. M. G.) — Porto, 16°; Coimbra, 18°; Lisboa, 19°; Faro, 21° e Funchal, 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 10 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 19°6; na água do mar, 19°.

TEMPERATURAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 16 HORAS: máxima, 21°1; mínima, 16°7. No mesmo dia do ano passado: máxima, 27°7; mínima, 17°8.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado diminuindo gradualmente de nebulosidade. Vento fraco, predominando de Noroeste. Possibilidade de aguaceiros nas regiões montanhosas a norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela.



FRIGIDAIRE

A marca que deu nome aos frigoríficos

Diniz M. d'Almeida, Lda.
Av. Liberdade, 216
Telefones 732152/3/4

FESTAS E ROMARIAS

Grande animação em Mafra

Principiaram hoje as festas em honra de Nossa Senhora da Nazaré, que se prolongarão até ao dia 27.

As 8 horas, houve alvorada com salvas de morteiros e toque de sinos. Ao meio-dia, chegaram as bandas de música do Seixal e da Lourinhã e um grupo de zés-pereiras, que percorreram as principais artérias da vila. Durante a tarde, realizaram-se várias manifestações. As 17, chega a imagem peregrina da Senhora da Nazaré. As 18 e 30, será inaugurada a Feira Popular, havendo arraial e vários divertimentos. As 19, chegará o importante circo da Prata Grande, procedido de vistoso cortejo, o qual dará entrada na basílica.

Amanhã, prosseguem as festividades, com concertos musicais, largada de 2.000 pombos-correios, fogo de artifício, etc.

Em Elvas

Iniciaram-se esta tarde, com a realização do Concurso Hípico, as festas do Senhor Jesus da Piedade, realizando-se à noite, no Cine-Teatro, os V Jogos Florais (Luso-Espanhóis).

Amanhã, de manhã, desfilarão as bandas de música Municipais de Badajoz e de Nisa e 14 de Janeiro, de Elvas, que cumprimentarão as autoridades civis e militares. Na sede da M. P. será inaugurada a II Exposição de Artes e Ofícios, iniciativa da Sociedade Instrução e Recreio. À tarde, prosseguirá o concurso hípico. E à noite, abrirá a tradicional Feira de S. Mateus, havendo, também, no Parque da Piedade, um grandioso arraial alentejano. As 23 horas, realizar-se-á uma sessão de fogo de artifício.

Em Gavião

Em Gavião (Alto Alentejo), começaram hoje os festejos em honra de Nossa Senhora dos Remédios, que terminarão depois de amanhã. Do programa fazem parte algumas procissões, em honra de Nossa Senhora e vários números de divertimentos populares.

As festividades serão abrilhantadas pela banda da Sociedade Filarmónica de Tolosa e nas sessões actuarão os Ranchos Infantil do Pego e Folclórico de Gavião, sendo queimado vistoso fogo de artifício. A receita líquida reverterá em favor de obras de melhoramentos na capela da Senhora dos Remédios.

Em Carril

Realizam-se amanhã, às 7 horas com uma grande salva de morteiros, os festejos em honra do Martir S. Sebastião, em Carril (Ferreira do Zêzere).

As 9 horas, chegada da banda de música de Santa Cecília de Alvala. As 13, haverá procissão; às 14, «quermesse»; às 14 e 30, venda de fogaças e flores; às 15, abertura da barraca de chá. À noite, exhibir-se-á o rancho folclórico de Pedrógão Grande e às 24, vistoso fogo de artifício.

Em Coruche

Na praça de toiros de Coruche, efectua-se amanhã, às 16 horas, um festival folclórico, em que participarão o Rancho das Cantarinas e o Rancho das Cantarinas.

VAI PARA FÉRIAS?

Não se esqueça do seu amigo e fiel companheiro de todas as tardes.

Diário de Lisboa

assegurando o seu envio diário para as praias, terras ou campo, pelo regime especial de

Assinaturas de Verão

que podem ser pedidas, desde já, nos nossos escritórios, Rua da Rosa, 57, 2.º.

10 dias ... 10\$00
20 dias ... 20\$00
30 dias ... 30\$00

Em ALGÉS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na AGENCIA CULTURAL. Av. Combatentes da Grande Guerra.

Santa Ovaia

Começaram, em Santa Ovaia, as tradicionais festas, que terminarão depois de amanhã. As 7 horas, houve alvorada. As 19, chegará a orquestra-jazz do Café Central, de Cantanhede e serão inaugurados a «quermesse», o bar e o «dancing». À meia-noite, haverá fogo de artifício.

Em Armação de Pera

As tradicionais festas em honra de Nossa Senhora dos Aflitos e de Santo António, na praia de Armação de Pera, iniciam-se amanhã e terminam na segunda-feira, as quais costumam revestir-se de muito brilho e ter grande concorrência de banhistas.

Do programa do primeiro dia, consta uma solene procissão religiosa, com msrmão ao ar livre, depois de recolher. À noite, haverá arraial com fogo de artifício e concerto de banda, número do programa de grande tradição. No segundo dia, haverá competições desportivas, na praia e no mar, com prémios aos primeiros classificados.

«Domingo Franco»
na Feira de S. Mateus

VISEU, 19 — A Feira de S. Mateus terá amanhã o seu «Domingo Franco». É o terceiro domingo da feira. O programa está assim delineado: pelas 16 e 15, e 22 e 30, exibição do famoso rancho de Almeirim, que não deixará de trazer ao recinto milhares de curiosos; 18 e 30, «Pauliteiros de Abraveses», com seus descantes e bailados típicos acompanhados de jogo de paulitos; pelas 20 e 30 concerto pela Banda Nova de Partilhó; e pelas 23 e 45, grande sessão de fogo de artifício, preso e do ar, pelo famoso pirotécnico de Nespereira Alta, sr. Manuel de Figueiredo. A entrada no recinto da Feira custa 2\$50.

Na segunda-feira, efectua-se, na Feira, o «Dia do Albergue», havendo de manhã, alvorada com morteiros, e de tarde, uma prova automóvel demonstradora de pericia. As 20 e 30, concerto pela Banda da Polícia de Segurança, do Porto; às 22, Rancho de Gonçalo Sampaio, de Braga (que antes de entrar no recinto da Feira percorrerá algumas ruas principais da cidade); e pelas 23, começa o grande concurso de fogo de artifício, preso e do ar, oferecido pelos melhores pirotécnicos que serão premiados com medalhas apropriadas. A entrada no recinto, depois das 13 horas, custará 2\$50 em benefício do Albergue Distrital.

A objectiva do leitor

Alegria
em Meda!

Há muito tempo que o concelho de Meda não registava um ano agrícola tão farto como este. Uvas, batatas, cereais, legumes, tudo foi produzido em grande abundância — em especial o feijão frade, a que lá chamam, erradamente, «carrapatos». Na gravura, vemos um casal da povoação de Marialva malhando as vagens do apreciado produto, num magnífico instantâneo de um dedicado leitor do nosso jornal, que por respeitável modestia, não deseja ver indicado o seu nome



Hoje de manhã, gaiteiros percorreram as ruas de Mafra, engalanadas, anunciando as festas em honra de Nossa Senhora da Nazaré, de que é juiz honorário o sr. almirante Américo Tomás

Os «Meninos da Luz»
que visitaram o Brasil
chegam a Lisboa amanhã

RIO DE JANEIRO, 19 — No Colégio Militar brasileiro efectuou-se uma grande festa de homenagem e despedida dos alunos do Colégio Militar de Lisboa, que hoje, às 19 e 30, partem de regresso, de avião, à capital portuguesa, onde devem chegar, amanhã, cerca das 15 horas. Durante uma parada, foram condecorados a bandeira de Portugal e todos os oficiais que fazem parte da delegação dos «Meninos da Luz». Depois da imponente cerimónia militar, o Colégio Militar do Rio de Janeiro ofereceu um almoço de despedida aos alunos portugueses. — (A. N. I.).

Pedido de madrinha

O 1.º sargento António da Silva Ferro, solicita, por nosso intermédio, uma madrinha de guerra, podendo a resposta ser-lhe dada para a 1.ª Companhia de Caçadores. Goa — Índia Portuguesa.

Os oficiais portugueses
visitaram Brasília

RIO DE JANEIRO, 19 — O brigadeiro Pereira de Castro, director do Colégio Militar de Lisboa, com os demais oficiais portugueses da sua comitiva, visitou, ontem, as obras de construção de Brasília, a futura capital do Brasil.

Os «Meninos da Luz» ficaram na capital carioca, a passear, a fazer compras e a visitar diversas famílias luso-brasileiras.

Antes de partirem para a Brasília, o brigadeiro Pereira de Castro e os oficiais lusos, acompanhados do adido militar de Portugal, coronel Pereira da Conceição, visitaram o vespertino «O Globo», agradecendo as elogiosas referências que aquele jornal carioca tem feito aos visitantes portugueses. — (A. N. I.).

Mensagem de despedida
dos «Meninos da Luz»

RIO DE JANEIRO, 19 — O aluno

Necrologia

José dos Santos

Na sua residência, Rua de Entre Campos, 44, 2.º, esq., faleceu o sr. José dos Santos proprietário, de 88 anos, natural da Serra de Tomar, casado com a sr.ª D. Maria das Neves Santos, irmão da sr.ª D. Jacinta Maria dos Santos Matos. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, às 10 horas, da residência acima referida para o cemitério do Lumiar.

SUFRÁGIOS

Joaquim Leitão

Mandada dizer pela viúva, sr.ª D. Maria Portugal Leitão, foi hoje celebrada, ao meio-dia, na basílica dos Mártires, missa do 3.º aniversário do falecimento do escritor Joaquim Leitão, que foi secretário perpétuo da Academia das Ciências.

Foi oficiante o rev.ª Arraiano e ao acto estiveram presentes além da viúva, individualidades de várias categorias sociais.

Maria Matos

Na igreja do Sagrado Coração de Jesus e comemorando o 7.º aniversário da morte da actriz Maria Matos, foi hoje celebrada missa de sufrágio por sua alma.

A cerimónia começou às 10 horas, e foi celebrada no altar-mór pelo rev.ª Morais Sarmiento, coadjutor da freguesia.

Ao acto assistiram além das pessoas de sua família vários colegas e pessoas da intimidade da saudosa artista.

n.º 263 do Colégio Militar de Lisboa, Carlos Beja, por incumbência dos seus companheiros, e autorizado pelos seus superiores, escreveu especialmente para a «France Presse» o seguinte artigo:

«A poucas horas do nosso regresso a Lisboa, começamos já a ter saudades desta bela e hospitaleira terra do Brasil, verdadeiro Portugal prolongado aquém-oceano, onde nos sentimos como se estivéssemos na nossa própria terra. Teve a visita que estamos a terminar o mérito de estreitar ainda mais os antigos laços de amizade com os nossos camaradas do Colégio Militar do Rio, bem como o de criar novos elos com o hospitaleiro povo do Brasil.

Não esquecemos a recepção que toda a colónia portuguesa nos dispensou, nem o carinhoso afecto de que fomos alvo em toda a parte. Recebemos aqui dos Portugueses uma grande lição: mostraram-nos que o patriotismo não se dilui com distâncias e que o generoso sangue lusitano continua a correr nas suas veias. A grande família luso-brasileira apresentamos, ao concluímos tão agradável estadia, os nossos agradecimentos e as nossas despedidas, na certeza de que todos nós, do Colégio Militar, jamais os esqueceremos. Levamos, também, nos olhos e nos corações a bela e fascinante paisagem do Brasil imenso, os seus grandiosos monumentos, padrões de glórias imorredouras e, ainda, sinais do febril progresso que tornam a grande Pátria brasileira cada vez maior e mais respeitada no conceito internacional». — (F. P.).

As descobertas

«fundamentais»

do «Lunik II»

serão divulgadas

MOSCOVO, 19. — O míssil lunar russo fez «descobertas de importância fundamental» para o conhecimento da origem da Terra e da Lua, por intermédio dos elementos fornecidos pela Rádio do engenho, tomadas próximo da Lua e enviadas para a Terra — declarou o presidente da Academia de Ciências de Moscovo, Leonidas Sedov, numa reunião daquela instituição, devotada ao «Lunik II».

Sedov acrescentou que as descobertas resultaram também das medições feitas em vários pontos à volta da Terra, que serão em breve publicadas para que sejam propriedade da ciência mundial — anuncia a «Tass».

O cientista soviético não pormenorizou, contudo, as descobertas feitas. — (A. N. I.).

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

vista Francesa de Estudos Clínicos e Biológicos.

Que dizem Mathe e Jammet? Sem cuidar de pormenores técnicos, des-cabidos neste momento, convém re- cordar que o sangue é constituído gundos têm núcleo, cuja forma e sensibilidade aos corantes os sepa- ram em polinucleares, mononuclea- res e, dentro desta categoria, encon- tram-se os basófilos e neutrófilos, entre outros.

Ao lado destes elementos globula- res existem microcorpos, diferentes segundo os indivíduos, diástases, elementos químicos e corpusculares, possuindo cada um deles individual- idade própria, impeditiva de mis- turas inoportunas. Surgiram, assim, os grupos sanguíneos, demarcados por factores secundários, entre eles o «rhésus».

Os glóbulos do sangue possuem uma vida limitada, inferior à do or- ganismo. Regeneram-se com regula- ridade nos centros hematopoiéticos, ficando os que têm importância maior alojados na medula óssea, se- de de uma das funções mais signi- ficativas da vida.

Esta medula óssea, num dizer simples e compreensível, espelha a composição do sangue, obedecendo às mesmas regras de incompatibili- dade.

As células da medula são jovens. Nelas, o núcleo desempenha papel muito importante, possuindo caracte- res que lembram as dos descen- dentes: os glóbulos do sangue. A sua individualização corresponde, de uma maneira geral, à do sangue.

Ora, as células sanguíneas são destruídas pelos raios gama, sobre- tudo as jovens e as reprodutoras, isto é, as que presidem à renova- ção. Conhece-se hoje em pormenor a acção daqueles raios sobre as cé- lulas do homem e dos animais. Hi- roshima constituiu uma lição que jamais se apagará da memória dos cientistas — uma tremenda e dolo- rosa lição para a Humanidade.

Que se passou, porém, com os Ju- goslavos? Durante as experiências, realizadas por meio de um reactor, registou-se uma emissão imprevis- ta, e muito importante, de neutrões e raios gama. Sabe-se que a dose má- xima, compatível com a vida, anda à roda de 600 r.

Os dois médicos de Paris, com o auxílio do espectrómetro, verifica- ram que um dos doentes recebera 1.000 r, dose muito superior à mé- dia, quatro receberam 600 r cada um e o sexto enfermo 400 r, dose inferior ao limite tóxico.

Os sintomas apresentados pelos doentes identificaram-se com os co- lhidos em Hiroshima. Nos primei- ros dias, após o grave acidente, os enfermos denunciavam fadiga, grande depressão e apatia, náuseas, membros pesados, transpiração pro- fusa e diarreia.

Nas seguintes três semanas, ex- cepto para o primeiro, registaram- se profundas alterações da pele, queda de cabelo e conjuntivites.

A fórmula sanguínea revelava profundas alterações, alarmantes e progressivas: queda dos glóbulos brancos e desaparecimento das fór- mas jovens, das gama globulinas, elementos imprescindíveis para a defesa do organismo. Passadas as três primeiras semanas, surgiu fe- bre, acompanhada de profusos su- ores, violentas dores do estômago e dos intestinos, deterioração progres- siva do estado geral. Só o enfermo que recebera 400 r evoluía sem si- nais que causassem apreensão. O mais atingido sucumbiu devido a um inesperado acidente intestinal.

As fórmulas sanguíneas, na fase crítica, confirmaram o desapareci- mento das células renovadoras da medula e a inactividade dos prin- cipais elementos. Que restava fazer? Transfusões sanguíneas, que não re- sultaram no início do tratamento? Surgiu, então, o grande problema: introduzir no sangue dos enfermos células de medula fresca, na espe- rança de uma rápida aclimação, e reorganização do sistema de abas- tecimento. Semelhante tentativa im- plicava riscos sérios, em especial a incompatibilidade dos grupos san-

guíneos, maior para a medula do que para o sangue. A grande expe- riência nunca tinha sido tentada e ensaiada no homem. Só a certeza da morte, a pouca distância, justifi- cava semelhante intervenção.

Foi, então, que Mathe e Jammet, num gesto decidido, firme, instituí- ram um esquema duplo de trata- mento: geral e hematológico.

Os enfermos foram isolados, tal como sucede com os prematuros nas Maternidades, isolados e caute- losamente protegidos contra as in- fecções.

A queda dos glóbulos brancos e das gama globulinas colocou estes doentes à mercê de ataques micro- bianos, assaltos para os quais se en- contravam desprovidos de naturais defesas.

Estabelecida a razão alimentar, assentou-se no seguinte regime: três litros de água, carnes brancas, açú- car e sais minerais, totalizando 2.400 calorias por dia.

Procedeu-se a transfusões de san- gue simples e com gama globulinas, transfusões que se mostraram inefi- cazes em relação ao estado geral e à fórmula.

Decidiu-se, então, injectar, por via endovenosa, medula óssea adulta, escolhida em indivíduos com ca- racteres sanguíneos, vizinhos, quan- to possível, do sangue dos doentes em questão.

Foram injectados 180 a 300 cm c., correspondendo a muitos e muitos milhares de células. O sexto doen- te não necessitou de ser injectado. Os quatro submetidos a tão delicada operação, realizado o grande mi- lagre, melhoraram: a temperatura baixou, desapareceram as náuseas e o apetite voltou. A fórmula modi- ficou-se, passando a acusar a presen- ça de elementos jovens de ori- gem medular: reticulócitos, granu- lócitos e plaquetas.

No decurso das observações os in- vestigadores franceses verificaram que, só passado um mês, se poderia aliançar se os doentes caminhavam para a cura.

Presentemente — confirmam-no Mathe e Jammet — os cientistas ju- goslavos encontram-se bem e as fór- mulas mantêm-se na fronteira do normal.

Qual o prognóstico a distância? Qual o futuro que os espera? Leu- cemias? Cancro? Regresso ao ponto de partida? Certo é que ainda per- sistem alterações compatíveis com a vida e que o futuro se torna difí- cil de prever.

Contudo, as experiências realiza- das em Paris com os Jugoslavos fo-

O III SALÃO de Arte Fotográfica na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 19 — A co- missão Municipal de Turismo pro- moveu o III Salão de Arte Foto- gráfica, a que concorreram 27 ama- dores com 122 trabalhos, de que foram admitidos 63, sendo classifi- cados com prémios os srs. Eduardo Antunes Gageiro, de Sacavém; Ma- nuel Correia e Jorge Henrique de Sanches Osório, de Lisboa; João Santana, de Setúbal, com 2 prê- mios; Alberto da Silva Fonseca, do Porto; Vítor Manuel Chagas, do Barreiro; Eduardo Nogueira, do Porto e Oscar Amorim, da Figuei- ra da Foz.

A exposição, que foi aberta com 52 fotografias a preto-e-branco e 11 a cores, no salão da sede da C. M. T., tem sido muito visitada.

TRÊS DESASTRES na Covilhã

COVILHÃ, 19 — Deram entra- da no hospital da Misericórdia, en- de ficaram internados, o sr. Ale- xandre Rodrigues, de 53 anos, ca- sado, de Vale Formoso, por ter caí- do de uma figueira, quando colhia frutos, sofrendo várias contusões, nomeadamente no peito; Manuel Gonçalves, de 55 anos, casado, de Colmeal da Torre, que foi atropel- ado por uma furgoneta, sofrendo fracturas da clavícula direita e da perna do mesmo lado; e a sr.ª D. Rita Gomes, de 75 anos, viúva, de Aldeia do Carvalho, que caiu e fracturou a perna esquerda.

ram positivas, tendo fornecido pre- ciosos ensinamentos numa época ameaçada por estranhas convulsões e semelhantes catástrofes. Num fu- turo próximo, a energia atómica, na paz e na guerra, conquistará o Mun- do, e semelhantes acidentes multi- plicar-se-ão.

Na terapêutica da leucemia, a li- ção dos Jugoslavos deverá ter, num dia próximo, tremendas reper- cussões.

Pensou-se já submeter os leucé- micos a uma carga de 600 r e, em seguida, injectá-los com medula ós- sea adulta. O mecanismo de tal tra- tamento parece certo em teoria.

Qual o futuro? Pouco ou nada se conhece por enquanto. Uma luz bri- lha na noite escura e incerta, luz cujo brilho parece tecido de incer- teza, mas que não anula a esperan- ça...

Uma luz brilha ao longe. A expe- riência e a fé dos homens de bata branca encontram-se ao serviço da Humanidade. Triunfar-se-á hoje? Amanhã? Esperar é uma das mais belas razões da existência. A certe- za alastra. Em ciência, tudo ainda não foi...

A. d'E.

Rapsódia sueca

(Continuação da página central)

zona central, aos harmoniosos bair- ros residenciais onde patrões e em- pregados vivem lado-a-lado, ao aéro- dromo onde o célebre dr. Enoch Thulin se consagrou pioneiro da aviação sueca, ao primeiro «court» relvado para ténis e aos confortá- veis parques de campismo para mais de três mil pessoas, a tudo isto, se chama modernismo. Moder- nismo glorificado por um solene enquadramento histórico em que se destacam o original castelo da ci- dade, de grande interesse militar, erigido em 1549, inteiramente circun- dado por um canal serpenteante, e, mais ao longe, a culminar, a capela de Dalby, que é o monu- mento mais antigo da milenária Es- candinávia. Tudo rodeado de vastas e vigorosas terras onde o trigo, ceifado por esbeltas raparigas em «blue-jeans», convive fraternalmen- te com as belas flores que as crian- ças colhem com alegria para ofere- cer aos visitantes, sob a vigilância aprovativa dos moinhos de vento.

Ainda na Escania, obtem-se uma ideia precisa da extraordinária ri- queza de um país que não é mais a Suécia unicamente das florestas inabitáveis, dos campos de urze e das pedras rúnicas com inscrições co- memorativas das grandes aventuras dos «vikings», quando estes domina- vam toda a Escandinávia e desco- briram a Rússia. Não é mais o ter- ritório extremamente pobre e triste de há um século. A Suécia de hoje é uma nação moderna e milionária, apoiada fundamentalmente numa série de reformas sociais que o res- to do Mundo admira e procura imi- tar. Para o progresso fabuloso de um povo que dentro de quinze anos, calcula-se, terá um automóvel para cada três pessoas, contribuiu certa- mente a doce paz em que vive des- de há cento e cinquenta anos e uma educação realista que torna cada indivíduo integralmente apto a en- frentar as múltiplas situações que a vida nos apresenta. Pioneiros numa quantidade enorme de pesquisas e experiências, os Suecos, que reali- zaram a primeira operação ao cé- rebro por meio de energia nuclear, facto que os Russos previam ape- nas para o século XXI; que conse- guem fazer trabalhar corações hu- manos após uma hora de paralisa- ção; que todos os anos lançam aos rios, das florestas às serras, 180 milhões de troncos de árvores; que se ocupam da construção de uma ponte de 15 quilómetros de compri- mento, para ligar Malmö a Cope- nhague, a qual custará 5 milhões e 700.000 contos; esse povo admirável de cultura, poder físico e cordialida- de, apesar de materialista, não per- deu o gosto pela face poética da vida.

Enquanto as máquinas correspon- dem sem pausas a uma intensa ca- pacidade de industrialização, os ha- bitantes continuam, como os seus antepassados românticos, a amar o ar livre, as flores e o Sol. Em todo o país, festas de atraente signifi- cado espiritual e étnico, plenas de

radioso pitoresco, são dedicadas à Primavera e ao Verão. As jovens de abundantes cabelos de ouro, da Escania ou da Dalecária, da Lapó- nia ou da ilha de Gotland, com lin- dos trajos multicores, redopiam gra- ciosamente nos braços dos seus atléticos companheiros nas valsas, «schottis» e «polkas» campestres, ao som de um violino ou de um acordeão e à vista da bandeira na- cional, pois onde vive um Sueco tremula uma bandeira da pátria. Imaginem o quadro. Que admirável ternura. Que saudável alegria. Que poética ingenuidade. A chegada das estações do Sol é também muito celebrada nos templos religiosos cujo único mealheiro é encimado por uma inscrição que apenas diz: «De qualquer coisa para as flores e para o embelezamento da igre- ja». Para os estudantes, o 30 de Abril é a data da sua maior festa, a que celebra, simultaneamente, o fim dos exames, o começo das férias e o início da Primavera. As cidades enchem-se de uma vibração ruidosa e contagiante. Corsos, canticos e bailes nas ruas, archotes em vez de luz eléctrica, fogueiras que toda a gente salta. Aos jovens universi- tários suecos tudo acontece em 30 de Abril. Todos os idílios nascem e morrem em 30 de Abril...

Alguém já disse que a Suécia é o «parque nacional da Europa». Justo. Lagos, ilhas e florestas for- mam o cenário que mais pode am- bicionar o homem deste século, es- cravo de uma vida febril e desgasta- dante, saturado de trabalho e de problemas. Quem, em manhãs dou- radas, corre entre a natureza vir- gem e majestosa, entre o sibilar do vento nas searas, o aroma salu- tífero dos densos bosques e a paisagem vivificante de milhares de arquipélagos, conquista a certeza de que o principal encanto da Sué- cia reside na sua beleza natural e no ritmo tranquilo da sua existên- cia.

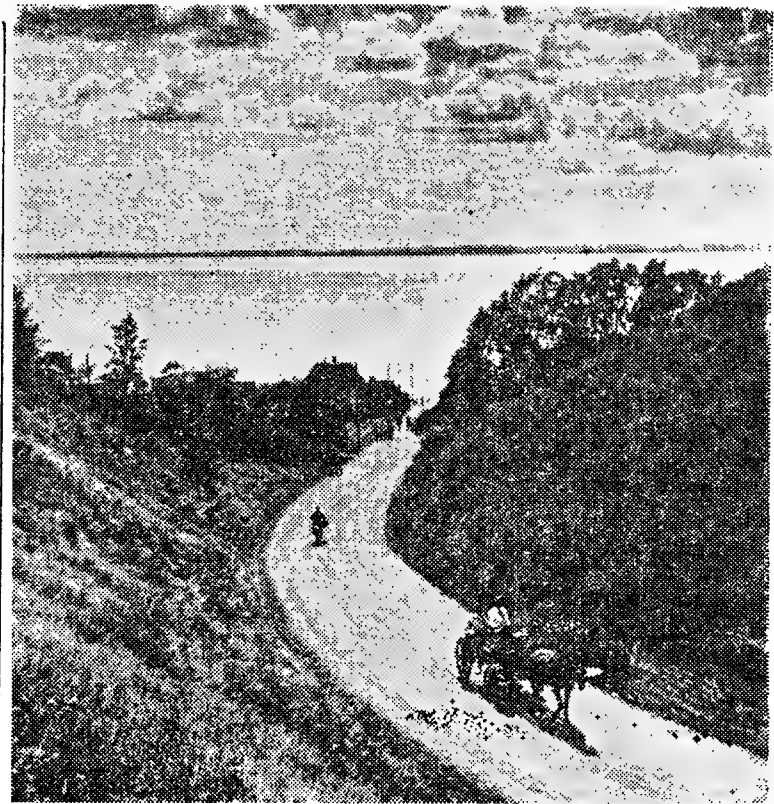
Sem custo algum, depara-se-nos, porém, um conjunto infindável de factores que mais fazem crescer a admiração por esse verdadeiro pa- raíso terrestre — uma democracia mo- derna e progressiva, chefiada pelo «rei das perguntas», como os seus ministros chamam a Gustavo VI, o soberano que, casualmente pode- ser encontrado a passear nas ruas de Estocolmo como qualquer apo- sentado que vai às compras ou a declarar a alguém: «Aconteça o que acontecer, eu sempre poderia acabar os meus dias como profes- sor de arqueologia...»; as próprias princesas reais exercendo profis- sões públicas; uma civilização digna do muito que o homem repre- senta como valor humano; uma legislação social superior, que ofe- rece um nível de vida único no Mundo; a inexistência de um só indivíduo verdadeiramente pobre; uma população tão bem repartida que proporcione o contacto íntimo entre os homens e a natureza; um povo amante da liberdade, tranqui- lo, realista, reservado, que não se

abre em confidências, mas superior- mente educado; a sinfonia dos cor- teses «tack!-tack!» (obrigados) a todo o segundo; a riqueza de um país que se basta a si próprio em alimentos; onde se contrapõe a esse sabor a coisas mórbidas de que o Mundo do após-guerra está cheio, um perfeito sentido das rea- lidades; mulheres fascinantes pela sua beleza, doçura e acessibilidade, não obstante, a sua já milenária in- dependência; a atmosfera elevada da terra onde nasceram Lineu, Cel- sius, Schéele, Lagerlöf, Strindberg, Lagerkvist, Fröding, Svedberg, o ginasta Ling, que pela cultura fi- sica arrancou o seu povo da cor- rupção; Carl Milles, o escultor que fez de cada obra um hino à arte; Alfred Nobel, o inventor da dina- mite, que, constrangido pela aplica- ção desumana dada ao seu invento, deixou toda a sua fortuna para a instituição de prémios destinados a distinguir os grandes homens da literatura, das ciências e da medi- cina que mais contribuíam para o bem da Humanidade; Olivecrona Crafoord, Greta Garbo, Ingrid Ber- gman e Dag Hammarskjöld, o ár- bitro das Nações Unidas, que foi membro do Governo do seu país e faz parte do juri encarregado de conceder o Prémio Nobel de litera- tura, e cujo pai, Hjalmar, foi pri- meiro-ministro da Suécia e tradutor de «Os Lusíadas»; um dos raros países onde o artista pode viver da sua arte, sete orquestras sinfó- nicas profissionais estão em per- manente actividade, e os círculos musicais contam para cima de 100 mil membros; um desporto bem considerado no plano social e edu- cativo e uma invulgar capacidade de eclectismo atlético; e a protecção verdadeiramente excepcional con- cedida pelo Estado às crianças. Não esqueçamos aquela cena adorável de dezenas de miúdos fazendo ga- timónias numa velha camioneta de carga que não seguiu para o depó- sito de sucata a fim de, depois de adaptada e vistosamente colorida, servir como atracção de um dos numerosos parques infantis de Es- tocolmo. Campanhas de segurança são organizadas largamente nas es- colas e nas clínicas pediátricas. E nas aulas de economia doméstica as raparigas são ensinadas como de- vem proteger as crianças contra acidentes.

Estamos a chegar ao fim do nos- so documentário. Da nossa «Rapsó- dia Sueca», que não tem a musica- lidade daquela que Alfvén compôs em louvor do Verão — mas, ajuda- rá, por certo, a compreender essa fascinante e enigmática Suécia, pá- tria do bem-estar, da nostalgia poé- tica, do amor juvenil, da frescura que canta. Que saciou, realmente, a nossa antecipada saudade, mas criou-nos o desejo irreprimível de reviver a aventura fantástica de Nils Holgersson...

Acreditem — vale a pena a des- coberta!

CÉSAR FAUSTINO



Paisagem idílica da ilha de Hven, de tão eloquente tradição histórica

Em 3 linhas

Foram criadas novas escolas de ensino primário para os dois sexos nos distritos escolares de Aveiro, Bragança, Castelo Branco, Viana do Castelo, Setúbal, Viseu e Lisboa — estão em Monte Estoril.

///

Encontra-se aberto na Academia Militar concurso para professor adjunto da 43.ª cadeira (Armas e munições, material de engenharia), e a 44.ª cadeira (Balística).

///

A Câmara Municipal de Fafe foi autorizada a entrar na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, um empréstimo no montante de 1.150.000\$00, destinado à conclusão de um bairro de casas económicas e ainda para obras de beneficiação do edifício dos paços do concelho e de adaptação de um prédio para nele ser instalada a escola técnica.

///

Foi exonerado do cargo de comandante do contratorpedeiro «Dão» e nomeado para exercer edênticas funções no «Tejo», o capitão-de-fragata Moreira Rato.

///

Trocaram-se os instrumentos de ratificação de acordo sobre transportes aéreos entre a República Federal da Alemanha e Portugal.

///

Foi concedida a medalha de ouro de comportamento exemplar a António Loureiro, serventuário de 2.ª classe dos Hospitais Cívicos de Lisboa.

///

A obra de saneamento de Chaves está orçada em 2.696 contos.

///

Foi criado o Centro de Comunicações da Armada (C. C. A.), na directa dependência do chefe do Estado-Maior da Armada, destinado a processar e a encaminhar as mensagens transmitidas por aquela entidade, ou a ela endereçadas; e foi extinto o gabinete de cifra do Ministério da Marinha.

///

O Ministério das Finanças vai pôr em hasta pública, no próximo dia 28 do corrente, um prédio do seu património, na Rua de S. Bento, 684 a 686, com a base de licitação de 150 contos.

E' excepcional

a campanha do algodão em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 19 — A produção de algodão, na presente campanha, deve atingir ou ultrapassar o máximo até hoje registado: o de 1953, com mais de 125 mil toneladas.

Segundo as ultimas informações, a estimativa da produção de algodão caroço, por distritos, é a seguinte: Gaza — 11.700 toneladas; Inhambane — 9.000; Manica e Sofala — 13.800; Tete — 6.800; Zambézia — 30.000; Moçambique — 33.550; Cabo Delgado — 12.300; Niassa — 8.200. Total — 125.350 toneladas.

A campanha máxima, até agora, da colheita de 1953, foi de 125.353.962 quilos de algodão caroço, em apuramento final. E o apuramento final dos números desta colheita de 1959 ainda não está feito. — (A. N. I.).

General Monteiro Libório

Jantar em sua homenagem

Na pastelaria Bénard, na Rua Garrett 104, continua aberta a inscrição para o jantar que um grupo de amigos promove em homenagem ao general Monteiro Libório e que se encerram, impreterivelmente, às 13 horas de segunda-feira.

O jantar realizar-se-á no mesmo dia, no Restaurante do Leão, no Castelo de S. Jorge, pelas 21 horas.

O movimento escolar da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 19 — O movimento escolar da Figueira da Foz e seu concelho regista uma ascensão notável. Basta dizer-se que, no ano lectivo de 1958-59, se matricularam na 3.ª classe 1.267 crianças de ambos os sexos e na 4.ª 886. A exame foram propostas, respectivamente, 937 e 623, ou seja, uma percentagem de 74,7% e 70,3%; e aprovadas na 3.ª 907 e na 4.ª 610, com uma diferença entre as propostas e as aprovadas de 30 e 13, ou seja, nas aprovadas de 94,5% e 97,8%.

Daqui se conclui que o professorado deste concelho, durante os 9 meses de ensino, demonstrou competência a par de grande esforço e cuidada preparação de centenas de crianças.

Gasolina e Gasóleo DA SACOR

aditivados com

BARDahl

e sem aumento de preço

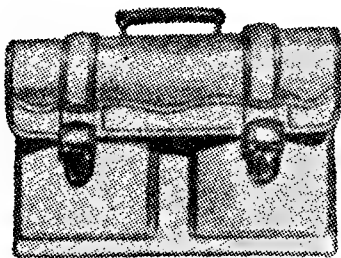
À venda Estações de Serviço

BARDahl

Av. Marquês de Tomar, 7 — Av. Defensores de Chaves, 85

EM LISBOA

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A Comprido—R. Madalena, 97

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

SERRA DE TOMAR



José dos Santos

FALECEU

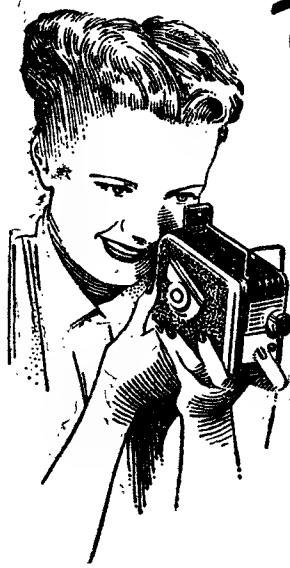
Maria das Neves Santos, Jacinta Maria dos Santos Matos e mais família, participam o falecimento de seu chorado marido, irmão, cunhado, tio e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 20, pelas 10 horas da sua residência, Rua de Entre Campos, n.º 44, 2.º, esqu.º, para o cemitério do Lumiar.

AGÊNCIA SALGADO

Filmar é tão fácil!

COM A MÁQUINA

Kodak BROWNIE



... e proporciona o prazer de fixar, com a magia do movimento e de cores naturais, os gestos dos seus filhos e todos os belos momentos da sua vida. Um filme a preto e branco ou a cores, de 8 mm, permite filmar, num rolo, 30 ou 40 cenas diferentes.

UM CINEMA

EM SUA CASA

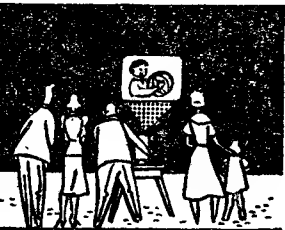
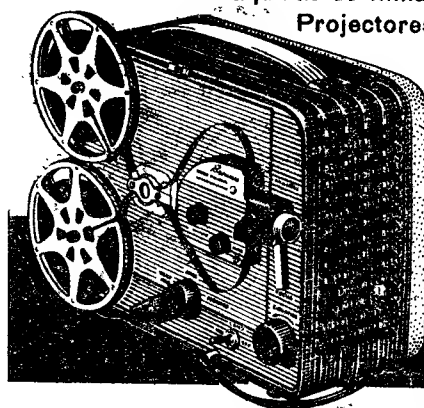
Máquinas de filmar desde Esc. 1.200\$00
Projectores desde Esc. 3.300\$00

Pagamentos suaves

Peça detalhes

a qualquer

Revendedor Kodak



Kodak Portuguese Ltd. — Rua Garrett, 33, Lisboa

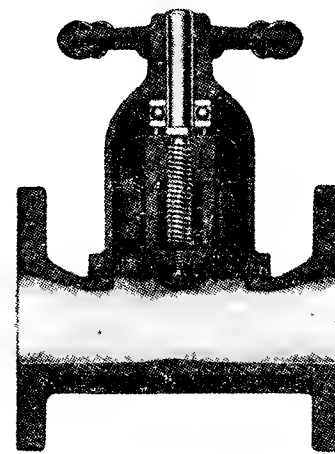
Ingersoll-Rand, Limitada



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS E DEPOSITARIOS DAS

VÁLVULAS «SAUNDERS»

PARA INSTALAÇÕES MARÍTIMAS E TERRESTRES APROPRIADAS PARA VACUUM, AR, ÁGUA, GAZES E TODOS OS LÍQUIDOS CORROSIVOS, ACTUALMENTE EMPREGADAS PELA CONSTRUÇÃO NAVAL DE VÁRIOS PAÍSES, COM OS MELHORES RESULTADOS, EM NAVIOS DE GUERRA, PETROLEIROS, ETC. SÃO AINDA TAMBÉM USADAS NAS MODERNAS CONDUTAS DE FUEL-OIL, GASOLINA E PETRÓLEO.



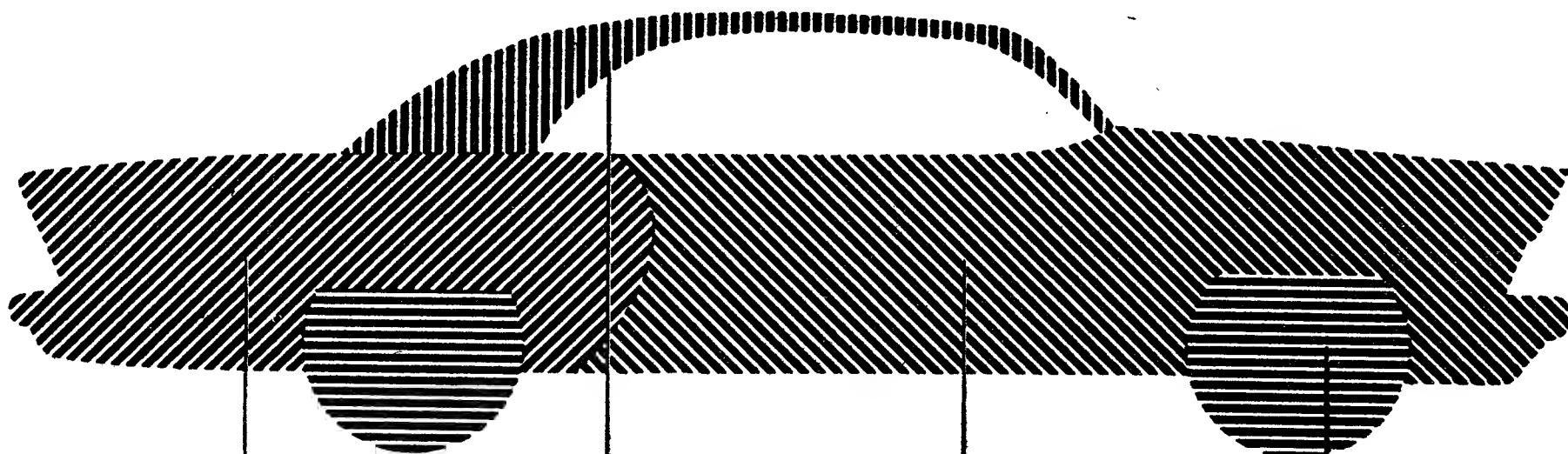
LARGO DO CORPO SANTO, 28-2.º
TELS. 29671-23212 - TELEGRAMAS: «INGERSOLL»

PARA GUIAR MELHOR**TESTE SHELL N.º 7**

Verifique se pode guiar sem óculos

Este teste serve para verificar se se sofre ou não de astigmatismo. Olhe a gravura abaixo com um olho de cada vez e rode a página lentamente

Todas as linhas deverão parecer igualmente negras. Se algumas aparentarem tornar-se ligeiramente mais cinzentas isso pode significar astigmatismo. Não deixe de consultar o médico antes de guiar.



Se as linhas diagonais nesta direcção lhe parecerem cinzentas, é natural que tenha dificuldade em identificar os sinais de trânsito.



Por outro lado, se são as linhas verticais que se tornam cinzentas, são os postes e estacas que representam perigo para si.



Se as linhas nesta direcção não se mostram tão negras, os sinais deste tipo podem escapar-lhe.



A dificuldade em ver as linhas horizontais pode impedir a percepção de barreiras ou vedações.



Cuidado com os seus olhos—eles podem traí-lo

Há belas paisagens através do País — recantos aprazíveis onde todos podem repousar. Uma boa rede de estradas dá acesso até esses locais. Essa rede de estradas cobre muitos milhares de quilómetros — mas, de automóvel, cada quilómetro tem de ser percorrido com o máximo cuidado.

É para que faça os seus passeios com segurança que a Shell Portuguesa lhe vem lembrar a necessidade de ser cauteloso. Ponha os seus olhos na estrada, e as mãos no volante. Capacite-se de que tem a sua vida e a dos outros nas suas mãos.



CORTESIA E PRUDÊNCIA == SEGURANÇA NO TRÂNSITO

A campanha do "Diário de Lisboa" para a segurança rodoviária

(Continuação da 1.ª página)

fácil e é um trabalho fatigante. Começamos por algumas estradas das regiões meridionais do Ribatejo e Estremadura, desde Vila Franca de Xira a Setúbal.

Prossegue a distribuição das miniaturas do nosso jornal

Em todos os postos da P. V. T. por onde passamos deixamos exemplares das miniaturas do «Diário de Lisboa», dedicadas aos perigos do trânsito na Estrada Marginal e na estrada Lisboa-Vila Franca de Xira, editadas com a colaboração da Mobil Oil Portuguesa, para serem distribuídas pelos automobilistas.

Em Vila Franca de Xira, à entrada da ponte, rapazes do Centro de Assistência Social Infantil, obra admirável do rev. padre Moniz, têm também feito a distribuição das miniaturas do nosso jornal aos automobilistas. E as palavras de aplauso e simpatia que caracterizaram o lançamento das miniaturas do «Diário de Lisboa» repetem-se cada vez que são entregues a um novo automobilista.

Excessivas velocidades nas proximidades de Porto Alto

Em Porto Alto, nas vizinhanças do posto da P. V. T., têm-se registado grande numero de acidentes, quase todos por falta de atenção dos automobilistas às placas de sinalização com indicação das estradas que seguem para Évora, Alco-

sionado pela distração dos peões, principalmente crianças que, na sua inconsciência, brincam no leito da estrada ou atravessam sem tomar as precauções devidas. Há aqui, por isso, bastantes atropelamentos e alguns casos mortais, muitas vezes sem culpa dos automobilistas.

A imprudência dos ciclistas na região de Setúbal

Nas vizinhanças de Setúbal, principalmente nas estradas da Arrábida e Figueirinha, têm-se registado muitos acidentes de viação. O maior numero de vítimas são ciclistas, que não raro perdem a vida. A máxima parte dos acidentes é causada por excessos de velocidade. Na estrada do sítio da Comenda, surgem, quase em cadeia, curvas e contracurvas, em formato de grandes bolsos ou de S. Também nesta estrada as maiores vítimas têm sido os ciclistas. Lançam-se imprudentemente em grandes velocidades. Quando tentam meter travões, estes rebentam e os imprudentes ciclistas vão estatelar-se nas bermas ou bater com as cabeças nas pedras, sem salvação possível. Este local representa tanto para o automobilista, como para o ciclista, uma verdadeira ratoeira da morte, desde que não se conduza com a maior prudência e a máxima atenção.

De Setúbal para a Arrábida

A Estrada Nacional n. 10-4, que

De Sesimbra para Cacilhas

As estradas de Azeitão, S. Luís da Serra, Aguas de Moura, Sarilhos Grandes, Pinhal Novo, Coina, Montijo, Atalaia, Moita, Rio Frio, são

também, todas elas, de uma maneira geral, perigosas.

Há boas estradas, como por exemplo, a de Cacilhas-Corroios, que liga com as de Fogueteiro, Cova da Piedade e Almada. Nestas estradas,

o maior numero de acidentes são atropelamentos de peões, na maior parte, diga-se de passagem, por culpa das vítimas, embora também por excessos de velocidade. E o maior numero de vítimas são crianças.

Diferentes sugestões dos nossos leitores para maior disciplina no trânsito

(Continuação da página central)

ter fundamento nas leis que nos regem, na moral ou até nos direitos naturais da pessoa humana.

Nas Comissões de trânsito não há representantes dos peões e ciclistas

Enquanto, porém, os peões, os ciclistas, os sem automóvel não tiverem assento nas Comissões de Trânsito ou nas cadeiras de dirigentes da circulação, há-de ser difícil modificar a situação actual. É bom que se saiba que na Comissão de Trânsito da cidade do Porto todos os seus vogais só se deslocam de automóvel, próprio ou dos serviços; e até os representantes dos Transportes Colectivos nunca utilizam os veículos de transporte colectivo mas os automóveis ao seu serviço. Não admira, pois, que se diga não se poder organizar o trânsito cidadão sem educar previamente os peões ou os ciclistas quando, a meu ver, melhor seria e mais fácil iniciar a educação dos automobilistas em quem é de presumir — sem que infelizmente o facto se verifique — maior instrução, maior educação cívica e melhor predisposição para o exacto cumprimento das regras do trânsito. E antes de se iniciar essa educação, ainda seria muito oportuno que as viaturas dos serviços públicos comessem por dar o exemplo desse exacto cumprimento, por forma a que os restantes automobilistas não pudessem servir-se de maus exemplos para prevaricar também.

Insuficiente fiscalização do trânsito

Todos os dias verifico que a P. S. P., inclusivé da secção de trânsito, deixa passar sem advertência ou reprimenda centenas de transgressões, como ultrapassagens em locais não permitidos, excessos de velocidade, manobras perigosas, atravessamento das passadeiras sem cuidado, etc., enquanto, por outro lado, vejo esses guardas demasiadamente preocupados em anotar o tempo de estacionamento dos veículos, a fim de levantarem os respectivos autos se for excedido o período concedido pela postura.

Há arruamentos onde os sinais indicam a velocidade máxima, a proibição de ultrapassagem, etc., e onde a vista de guardas da P. S. P. essas indicações são desrespeitadas. E quando se chama a atenção dos guardas para os factos que se verificam, dizem que nada têm com o assunto. Por outro lado, só com quatro guardas motociclistas, para mais sempre aos pares, não se pode fazer uma fiscalização eficiente ao trânsito da cidade do Porto, principalmente porque os prevaricadores conhecem os horários e os locais onde as brigadas normalmente actuam.

Obrigatoriedade do seguro contra terceiros

Também é indispensável que os tribunais deixem de ser benevolentes e apliquem com rigor as penas previstas nas leis, tanto aos que cometam transgressões como delitos. Ainda há dias vi que em Lisboa se louvou a ligeira condenação de um condutor de veículo automóvel, que, sendo pedreiro, o adquirira por 2.500\$00 e, sem ter carta de condução, passear a família pelo Sul do País, durante mais de 1.500 quilómetros, até que foi apanhado devido a um ligeiro acidente. Mas se o acidente tivesse sido grave, se houvesse indemnizações a pagar às vítimas, se estas ficassem inutilizadas para toda a vida ou deixassem a família na miséria? Pode haver tolerância para com levianos e imprudentes que pelas facilidades dadas aos automobilistas em Portugal se arrogam o direito de se passear nas estradas, especialmente aos sábados de tarde e domingos, provocando inúmeros acidentes, fugindo

às responsabilidades e não tendo bens nem seguro para responder por elas? Em meu entender, quem não tivesse a carta de condução segura contra todos os riscos não deveria ser autorizado a conduzir, da mesma forma que nenhum automóvel, motocicleta ou bicicleta motorizada devia transitar nas estradas sem estar seguro contra o risco da responsabilidade civil. E o seguro nunca deveria ser total, pois uma parte mínima de responsabilidade deveria caber ao condutor do veículo para que este se sentisse solidário com a companhia de seguros nos riscos provenientes de acidentes de viação.

É possível que com essas providências não aumentasse, tão depressa, o numero de automóveis em Portugal e fosse menor o numero de veículos em trânsito. Mas não só me parece desproporcionado o numero de veículos em relação ao nível económico da quase totalidade da população, como ainda me parece que a economia do País só teria a lucrar com a maior utilização e desenvolvimento dos serviços de transportes colectivos. Poupar-se-ia em divisas estrangeiras, dar-se-ia mais trabalho a Portugueses e ate como noutros tempos haveria maior ligação entre as classes da população, neste momento quase dividida em duas classes: os que têm e os que não têm automóvel.

Para que se organize o trânsito no Porto

Então e resumindo. Para que o trânsito da cidade do Porto se organize e seja menos perigoso torna-se necessário:

1 — Estrita observância das regras do trânsito por parte dos condutores dos veículos de serviços públicos, mesmo quando ao serviço particular, e seja qual for a categoria do seu utente. Se o interesse publico exigir que as regras de trânsito não sejam em dado momento observadas por esses veículos, deve usar-se um sinal sonoro contínuo ou sereia, enquanto o facto se verificar, tal como sucede com os bombeiros, ambulâncias, etc.

2 — Fiscalização intensa das contravenções praticadas pelos automobilistas, começando por avisos e conselhos, mas anotando o numero dos veículos e das cartas dos condutores para efeitos futuros. Passadas semanas, dos conselhos passar-se-ia ás multas e destas á applicação de penas de prisão e de apreensão das cartas, no caso de reincidência.

3 — Ao mesmo tempo devia reiniciar-se a campanha de educação dos peões e ciclistas: não tolerando a estes as corridas que antes e depois do trabalho fazem pela cidade e apreendendo as bicicletas por período determinado e aumentando por cada reincidência; e sendo inextinguível para com os desrespeitados, os ostensivos das regras do trânsito, como bem diz o comandante da P. S. P.

4 — Severidade por parte dos tribunais na apreciação da prova acusatória dos causadores de acidentes de viação e fixação de indemnizações que efectivamente compensem materialmente o lesado dos prejuizos do acidente ou da sua inutilização total ou parcial para o trabalho.

5 — Obrigatoriedade legal do seguro das cartas de condução dos automobilistas, motociclistas e ciclistas motorizados e ainda obrigatoriedade legal do seguro quanto a responsabilidade civil para com terceiros, dos veículos automóveis e bicicletas motorizadas, possivelmente com a participação obrigatória dos condutores nessa responsabilidade.

Enfim, não digo que adoptando-se as providências que proponho não houvesse desastres de viação nem tivéssemos que lamentar as suas consequências. Mas estou certo que estas seriam diminuídas e haveria menos desastres. Enquanto,

no entanto as classes dirigentes não derem o exemplo de cumprimento das regras de trânsito e se puderem furtar ás consequências do não cumprimento, pouco se poderá conseguir. Mas unam-se Magistrados, Polícias e Dirigentes no cumprimento do dever e na firmeza de actuação e, em pouco tempo, notar-se-á uma decidida melhoria nas condições actuais do trânsito, que é, afinal, o que todos desejamos.

O não cumprimento das regras de prioridade

Um leitor que assina «Um fiel cumpridor das regras do trânsito», occupa-se de um problema da maior oportunidade:

«A grande maioria dos condutores parece desconhecer que, contrariamente ao Código antigo, o Código actual dá prioridade de passagem ao condutor que se apresenta pela direita, mesmo quando vem duma rua de segunda categoria para cruzar uma artéria principal, a não ser quando haja sinais de prioridade de passagem. Em geral, o que acontece é que o condutor que segue na via principal não dá prioridade ao que vem da rua secundária, apesar deste ultimo se apresentar pela direita e ter, portanto, prioridade de passagem.

Pode-se verificar, facilmente, a veracidade do que afirmo se se tentar por exemplo cruzar a Avenida da Republica. Até meio da faixa de rodagem o carro que cruza a avenida tem prioridade porque se apresenta pela direita. A maioria dos condutores, porém, não lhe dá. Já inúmeras vezes me aconteceu ter estado na iminência duma colisão porque, apesar de haver toda a visibilidade e avançar lentamente, ao cruzar a Avenida da Republica os carros que a sobem ou descem teimam em não parar. Quando, por fim, param por ver que eu insisto em cumprir a lei, têm gestos e palavras para comigo que mostram bem estarem convencidos que eles é que têm razão e que eu, que cumprio a lei, estaria a transgredir. Faço um apelo, nas columnas do seu jornal, para que a Policia de Viação obrigue os condutores a cumprirem a regra de dar prioridade de passagem nos cruzamentos ao carro que se apresenta pela direita. Não se compreende que a Policia, tão zelosa em fazer cumprir as regras do trânsito, mesmo quanto a faltas inofensivas como o estacionamento em lugares proibidos, seja tão complacente com a prioridade nos cruzamentos e deixe que esta regra seja violada milhares de vezes por dia».

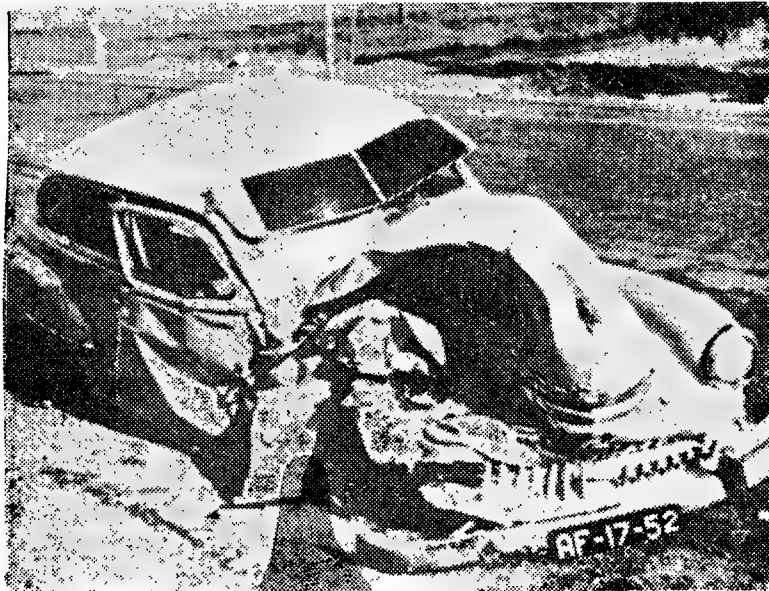
O sétimo teste da «Shell»

O sétimo teste da «Shell», que hoje apresentamos, permite ao leitor verificar se sofre ou não de tigmatismo.

Se a resposta for afirmativa, não deixe de consultar imediatamente um oftalmologista. E' quando for a conduzir podem passar-lhe despercebidos sinais de perigo, como, por exemplo, de cruzamentos ou curvas. Postos ou estacas podem tornar-se inactos na sua retina e as barreiras ou vedações tornarem-se perceptíveis apenas quando já for impossível ou muito difícil impedir um acidente. E' para que faça os seus passeios com segurança que a Shell Portuguesa, através do «Diário de Lisboa» lhe oferece esta série de dez testes. A sua vida e a vida dos outros pode depender de uma indicação obtida na resolução de um destes testes.

Depois de amanhã, publicaremos o oitavo teste «Shell»: «Verifique se é um condutor paciente!».

Em ALHOS VEDROS e PINHAL NOVO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por MANUEL DE SOUSA MELRO.



Na recta do Cabo, a menos de um quilómetro de Porto Alto, um carro pesado, que seguia, a excessiva velocidade, pelo centro da faixa de rodagem, foi chocar com um automóvel. Balanço: 5 feridos e uma viatura quase destruída. É um exemplo dos perigos na estrada, onde a prudência nunca será excessiva

chete, Alcacer do Sal, Vila Franca, Santarém e Tomar. Os ciclistas têm sido as maiores vítimas destes acidentes, pagando assim a velocidade e imprudência com que pedalam pela estrada. Os automobilistas surgem aqui com tal velocidade que frequentemente não se apercebem da existência de um posto da P. V. T., nem do guarda que se encontra afastado deste posto, em sítio próprio para aconselhar moderação. Para se fazer uma ideia do que se passa, basta dizer que vimos e ouvimos um guarda fazer sinais de paragem, sem que os automobilistas de tal se apercebessem.

A recta para Pegões tem algumas curvas bastante perigosas, em que os automobilistas entram, por vezes, fora da sua mão e a grande velocidade. Os acidentes sucedem-se com uma frequência trágica. Também aqui, as principais vítimas são ciclistas. A estrada de Alcochete é uma recta bastante estreita, com duas curvas classificadas de perigosas. Há grande movimento de camionetas. Mas, caso curioso, é das estradas em que se dão raros desastres. Talvez porque de um lado e do outro da estrada existam apenas grandes quintas agrícolas.

Outro tanto já se não pode dizer, infelizmente, das restantes estradas que afluem ao cruzamento de Porto Alto, todas elas consideradas perigosas pelo numero de acidentes que ali se registam.

A estrada do Montijo, até ao apeadeiro de Sarilhos Grandes, é devesa acidentada e, por isso, oferece maior perigo aos automobilistas. Grande numero de acidentes é oca-

vai de Setúbal ao Sanatório do Outão, é repleta de curvas e contracurvas, principalmente ao quilómetro 3-600; e declives e lombos, principalmente no sítio denominado Ribeira da Ajuda, onde passa próximo de uma braçada do mar e é ladeada de um lado e o do outro, por arvoredos e vegetação, a formar muro, o que tira visibilidade aos automobilistas. Sucodem-se as curvas em formato de meia lua, algumas formando bolsos com saída para precipícios, o que requer a maior atenção dos automobilistas.

Quando se julga ir entrar-se numa recta, surge uma curva. O automobilista que venha largado, ou a velocidade moderada mas sem atenção, despista-se e corre o risco de se despenhar numa vala ou precipício.

A estrada de Sesimbra, no sítio da Apostiga, tem uma série de curvas que require mtoda a atenção. O mesmo exige a entrada para a vila, que é muito estreita e tem grande movimento de carros e peões, assim como a estrada a partir de Santana, numa extensão de três quilómetros.

O conde de Barcelona regressou a Lisboa

Em avião dos T. A. P. regressou de Inglaterra e França o sr. conde de Barcelona, que no aeroporto foi cumprimentado pelos srs. dr. José Maria Ibañez Martin, embaixador de Espanha no nosso País; Rafael Morales, ministro-conselheiro; e Nicolau Franco, antigo embaixador espanhol em Lisboa.

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

«Animado da mesma fé que fortaleceu os Portugueses de outros tempos, espero que com o auxílio de Deus e a cooperação do Conselho do Governo e do povo da Índia, poderei levar a cabo a obra que projecto realizar e que a missão que o Governo da República se dignou confiar-me, se não puder assinalar-se por um grande brilho, se assinalará pelo grande desejo que é sempre o meu lema: bem servir a Pátria e aqui particularmente bem servir a Índia» — dizia o general Craveiro Lopes, pai, no acto de posse de governador-geral do Estado da Índia, e publicava o «Diário de Lisboa» em 19 de Setembro de 1929.

EFEMÉRIDES

No dia 19 de Setembro de 1870, na guerra franco-prussiana, os Alemães tomaram Versailes.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — As 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Rádio-rural; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa A — As 19, Trechos em piano; 19 e 15, Emissão infantil; 19 e 45, A Orquestra de Tony Osborne; 20 e 15, Música de «jazz»; 20 e 30, Album musical; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Canções italianas, de Modugno, por Giacomo Rondinella; 21 e 30, Ritmos sul-americanos; 21 e 45, Programa de variedades; 22 e 30, Ter-

Direito marítimo internacional

Em avião da «Swissair», partiram para a Jugoslávia, via Zurich, os srs. drs. José Augusto Correia de Barros e Vasco Taborda Ferreira, delegados da Comissão de Direito Marítimo Internacional que, em missão oficial do Ministério da Marinha, vão participar na Conferência de Direito Marítimo Internacional, que se realiza em Zagreb.

Cruzeiro de férias

Numa viagem denominada «Cruzeiro do Outono», chega amanhã ao Tejo o paquete «Constituição», com cerca de 500 excursionistas, muitos deles possuidores de grandes fortunas e que, tendo já feito a sua viagem de férias de Verão, estão agora, a realizar mais esta com passagem por Lisboa.

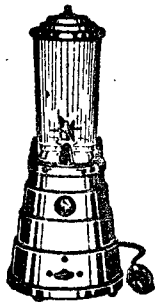
As estradas nacionais

Na Junta Autónoma de Estradas está fixado para o dia 6 de Outubro de 1959 o seguinte concurso publico: Rectificação e alargamento da E. N. 247, lance entre Santa Cruz e Póvoa de Penafim, cuja base de licitação é de 878.540\$000; o depósito provisório é de 21.964\$000; e o depósito definitivo será 5% do valor da adjudicação.

TURMIX

(Modelo Turbilhão)

O aparelho indispensável em todas as cozinhas modernas, com mil e uma possibilidades de aplicação: puras de sopa, «mayonaises», sucos de fruta, trituração de sólidos, fácil preparação de massas de bolos e de alimentos para doentes e crianças.



Esta excelente batedora de mão com aplicações de fácil manejo é distribuída pela acreditada firma

MARÇAL CORREIA, LDA.

R. SERPA PINTO, 15, 5.º - E. Tel. 26076 — LISBOA

ras de Angola; 22 e 50, Programa de variedades; 23 e 35, Danças; 23 e 45, Junção dos emissores.

Programa B — As 19, Palestra; 19 e 10, Conclusão da transmissão integral dos concertos brandeburgueses de Bach, pela Orquestra «Schola Cantorum Basiliensis», dirigida por August Wenzinger; 19 e 30, Música de piano: «Rondó em dó maior, op. 51, n.º 1», de Beethoven; «Prelúdio n.º 10, op. 32», de Rachmaninoff; «Três burlescas, op. 80», de Bela Bartók; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Concerto sinfónico, em gravações cedidas pela Radiodifusão Polaca; 20 e 40, «Suite basgamasque», para piano, de Claude Debussy; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, «Missa breve, em ré maior K 194», de Mozart; 21 e 45, Tempo de poesia; 22, Continuação da transmissão das sonatas de Prokofiev: «Sonata n.º 7, em si bemol maior, op. 83»; 22 e 20, Cartas a um desconhecido, pelo prof. Simões Dias; 22 e 45, Que quer ouvir? «Sonata em sol menor», de Tartini; «O Lago do Cisne», de Tchaikowsky; 23 e 45, Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — As 17 e 30, Alfarrábio; 19, Canções; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Motivos portugueses; 20 e 30, Ona desportiva; 21, Imagens por música; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, Baile; 22 e 15, Solistas; 22 e 30, Cantares de Espanha; 23, Concerto, programa de divulgação; 23 e 31, Contos, humor e fantasia; 23 e 45, Noticiário; 2, Fecho.

Estação de Miramar — As 18, Ritmos de baile; 18 e 30, Cantos e recantos de Portugal; 19, Palestra de língua portuguesa; 19 e 15, Motivos portugueses; 19 e 30, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 10, Vida desportiva; 21, Noticiário; 21 e 15, Carlos Ramos; 21 e 45, Brasil; 22 e 15, Intermédio musical; 23 e 30, Artistas portugueses; 23, Programa de concerto; 23 e 30, Variedades; 0, Baile.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 15, Música seleccionada; 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 25, Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30, Franca, Horizonte do Mundo; 19 e 45, Música de cinema; 20, Ritmos e canções de sucesso; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, As ultimas novidades; 21 e 30, Fados; 21 e 50, Rádio Rural; 22 e 15, Orquestra sinfónica; 22 e 45, Noticiário; 22 e 57, Boletim religioso; 23, Música e canções.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; 22 às 2, Club Radiofónico de Portugal.

HORAS DAS MARES

PREIA-MAR

Dia 20 — 6 e 2 (4,06 m.); 18 e 22 (4,03 m.).

Dia 21 — 6 e 40 (3,09 m.); 18 e 58 (3, 81 m.).

BAIXA-MAR

Dia 19 — 23 e 26 (0,92 m.).

Dia 20 — 11 e 43 (0,97 m.); 23 e 57 (1,07 m.).

Dia 21 — 12 e 16 (1,13 m.).

TELEVISÃO

Hoje, às 21 horas: abertura; 21 e 2: «O que vai pelo Mundo»; 21 e 10: João Villaret, produção e texto de Nelson de Barros, acompanhamento ao piano por Carlos Villaret; 21 e 30: «Festa brava», a primeira corrida das festas da Moita; 21 e 50: Canções por Ana Maria, acompanhada por Shegundo Galarza e o seu conjunto; 22 e 15: «Os grandes rios: o Rio Aar»; 22 e 25: «His-

Tauromaquia

Simões triunfa em Espanha

ENCINASOLA, 19. — O novilheiro José Simões, alternando com Regaterim, obteve grande triunfo, cortando duas orelhas. — (E.).

Amanhã, na Chamusca

Amanhã, às 16 e 30, na Chamusca e a favor da sua Misericórdia, toureiam os cavaleiros João Nuncio, eng.º José Rosa Rodrigues, D. Francisco de Mascarenhas, Pedro Loureiro, David Teles e Mestre Baptista, com o Grupo de Forcados-Amadores de Santarém. As 11 horas, entrada dos touros pelas ruas da vila.

tória de uma mulher», de Armando Vieira Pinto, 3.º episódio, com Fernanda Borsatti, Ana Paula, Paiva Raposo, Carlos Wallenstein, Curado Ribeiro e Luzia Guedes de Andrade; 22 e 45: «Teledesperto»; 23 e 10: Jornal R. T. P.; 23 e 30: Encerramento.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «O balles».

AVENIDA — A's 21 e 45 — «Patates».

COLISEU — A's 20 e 45 e às 23 — «Há feira no Coliseu».

GINEMAS

S. LUIS — «O falso general».

TIVOLI — «Meu coração tem dois amores».

S. JORGE — «O enredo fatal».

IMPERIO — «Naquela noite».

MONUMENTAL — «Contrabando no Cairo».

EDEN — «Arco do triunfo».

POLITEAMA — «O ladrão de mil-lhões».

ODEON — «Sonhos de ouro».

ROMA — «A contra-espionagem ataca».

CONDES — «Bandeirantes da fronteira».

ALVALADE — «O falso general».

AVIS — «Adoráveis mentirosas».

CAPITOLIO (Terraço) — «A coroa e a espada».

RESTELO — «Um rapaz encantador».

OLIMPIA — «Indomável».

PAVILHAO — «O indiscreto».

PROMOTORA — «O homem de palha».

JARDIM — «A casa de chá do luar de Agostão».

S. JOSE (Sacavém) — «Testemunha de acusação».

CAMPOLIDE — «Meu amor brasileiro».

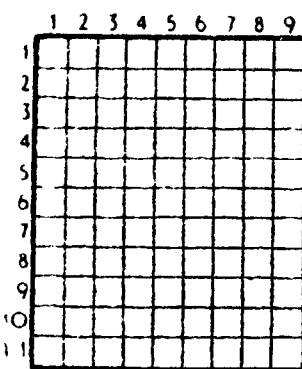
FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNIO D — Benfica — Estrada de Benfica, 678-B, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, T. 780511; Santa Cruz — Rua n.º 15, 4 Av. Gomes Pereira, n.º 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — Rua da Beneficência (ao Rego) 91, Telefone 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 8-B, Tel. 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Moraes, 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marques Sá da Bandeira, 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefânia, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Lda. — Rua J. lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluiz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higiénica — Rua Heitor Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153 T. 683438; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Amoreiras (Das) — Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 621515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, T. 687949; Lináida — Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Confiança — Praça das Flores, 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, 4 Lapa, 156, Tel. 663562; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef. 638256; Botânico-Química, Lda. — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Noqueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Telefone 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telefone 860464; Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova de Almada, 71, Tel. 30521-A-; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 710621.

Palavras cruzadas

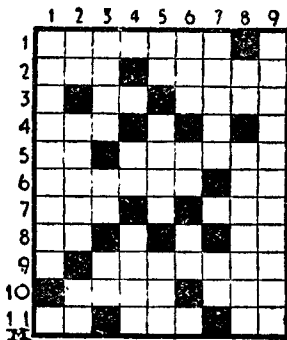
NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3770



(COM PROVERBIO)

Problema N.º 1721



HORIZONTAIS: 1—Título de nobreza. Estime. 2—Pulo. 3—Fluido elástico que respiramos. Rio de Portugal abundante em sável e lampreia. Artigo definido. 4—Lago de Itália. Ramagem. 5—Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Pequena bigorna de aço sem hastes. 6—Pôr em ordem. 7—Freguesia do concelho de Coimbra. 8—Pertences. Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Pronome pessoal. 9—Mentira. Protela. 10—Suaviza. 11—Ave semelhante á pomba. Equipe.

VERTICAIS: 1—Nó. Restabelecer. 2—Ratava. No caso de. 3—Artigo definido. Oportunidade. Igual. 4—Conjunto de coisas no mesmo envólucro. Gargalhada. 5—O lado do vento. Intemperata. 6—Amarrar. Cidade tomada por Afonso de Albuquerque em 1511 e que hoje faz parte da Federação da Malásia. 7—Pedra de amolar. Ligas. Oferecer. 8—Estimar. Pronome pessoal. 9—Pegas. Perto de.

Solução do problema n.º 3769

HORIZONTAIS: 1—Pigmalião. 2—Ária. Anto. 3—Arrastado. 4—Ida. Eco. 5—Café. Traí. 7—Usa. Dor. 8—If. Sai. Oc. 9—Dais. Tona. 10—Anta. Ardi. 11—Seus. Roas.

VERTICAIS: 1—Pá. Iça. Idas. 2—Irada. Ufane. 3—Girafas. Itu. 4—Mar. Assas. 5—Ar. 6—Lás. Ditar. 7—Interino. Oro. 8—Ataca. Ronda. 9—Oó. Oiã. Cais.

ECHARPES

de lã mohair

LINDAS CORES

OS MELHORES PREÇOS

TORRE EIFFEL

104—RUA DO CARMO—106

111.º ANIVERSÁRIO

da Sociedade «Incrível Almadense»

No próximo dia 4, às 15 e 30, haverá na Sociedade Filarmónica «Incrível Almadense», uma sessão solene comemorativa do 111.º aniversário da fundação daquela colectividade.

A semana do contribuinte

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

— Contribuintes.

— Divisão em quatro prestações.

Até 30 do mês corrente:

Apresentar nas secções de finanças respectivas, o pedido para a sua divisão em prestações trimestrais.

Observações:

O pedido para a sua divisão em 4 prestações não carece de ser renovado anualmente, visto que uma vez feito, subsiste enquanto não se fizer pedido em contrário.

— Despacho de S. E. S. E. das Finanças de 14 de Janeiro de 1947, «Boletim» do mesmo ano, p. 145).

— Decreto n.º 25300, de 6 de Maio de 1935, art.º 13.º e § unico.

IMPOSTO COMPLEMENTAR

— Reclamações.

Termina dentro do prazo de 90 dias (noventa), contados no dia imediato, inclusive, ao primeiro dia útil do mês de Julho ultimo, o prazo para serem apresentadas reclamações sobre o lançamento e liquidação deste imposto.

— Regulamento do Imposto Complementar, artigo 33.º e seu § unico.

IMPOSTO PROFISSIONAL

— Empregados por conta de outrem.

— Cessação.

Participar na competente secção

de finanças, no prazo de 15 dias, a contar daquele em que o facto se verifique, a cessão do exercício de profissão.

ARRENDAMENTOS VERBAIS

Dispõe o artigo 39.º da Lei n.º 2030:

No caso de o arrendamento não ser reduzido a escrito, o senhorio é obrigado a apresentar na secção de finanças participação do contrato, e nela deverá apor o selo devido.

O Regulamento do Imposto do Selo (Decreto n.º 12700, de 20 de Novembro de 1926), no seu artigo 69.º, diz:

Para efeito do imposto do selo, os arrendamentos sem título e suas prorrogações são equiparados aos feitos com título.

E o § unico, o seguinte:

Na falta de título, os locadores (senhorios) pagarão as taxas, por meio de selo, numa declaração em duplicado que os locadores apresentarão no respectivo concelho ou bairro até oito dias depois da data em que tiver sido feito o contrato.

Em ALHANDRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se por intermédio de CECILIO AUGUSTO COSTA.

AS RELAÇÕES RUSSO-AMERICANAS

Kruchchev é hoje hóspede do cinema dos Estados Unidos

(Continuação da 1.ª página)

te, que venha a ser apresentada uma «mistura» aceitável para os aliados ocidentais.

O presidente Eisenhower, no retiro sossegado da sua fazenda na Pennsylvania, está a estudar com cuidadosa atenção o plano de «K». O secretário de Estado, Christian Herter, exprimiu a opinião geral das entidades oficiais e dos chefes políticos norte-americanos, ao declarar:

«Falando em termos gerais, julgo poder dizer que os Estados Unidos trilharão até ao mesmo ponto, como qualquer outro país, a estrada que conduz a um desarmamento «controlado».

«Friso a palavra «controlado», porque até agora as anteriores propostas sossobraram perante a recusa do Governo soviético em concordar com um «contrôle» eficaz. Outras altas entidades oficiais norte-americanas emitiram, a título particular, a opinião de que o plano de Kruchchev se resumia a pouco mais do que uma esperança atraente. Mas declararam-se dispostos a discutir com os Russos, a fim de averiguar até que ponto essa esperança tem, realmente, viabilidade prática.

Nos mesmos círculos oficiais há a convicção de que o chefe do Governo russo talvez tenha exagerado demais, ao tentar conquistar uma vitória de propaganda nas Nações Unidas e mostram-se confiantes em que uma sóbria reflexão fará com que a maioria dos diplomatas encare como irrealístico o plano de desarmamento do chefe russo.

Os Estados Unidos, declararam os círculos de Washington, estão resolvidos a tentar obrigar os Russos a esclarecerem a sua definição de «contrôles» para policiar um plano de desarmamento. Os planos que existem actualmente determinam que os Estados Unidos e a União Soviética, bem como quatro outras potências ocidentais e outros tantos países comunistas se ocupem, mais uma vez, da questão, em Genebra, em princípios do próximo ano.

Os círculos oficiais norte-americanos fazem conjecturas sobre o que é que Kruchchev quereria dizer quando declarou, por exemplo: «Somos a favor de um desarmamento sob «contrôle», mas somos contra um «contrôle» sem desarmamento».

Alguns círculos de Washington receiam que «K» tenha querido dizer que não concordaria com «contrôles» enquanto não tivesse sido posto em execução o desarmamento. A atitude que tem sido mantida pelos Estados Unidos resume-se a exigir que qualquer plano de «contrôles» de armas seja acompanhado por um sistema de inspecção infalível que assegure o acatamento dos compromissos relacionados com o desarmamento. Nesta garantia, os Russos têm tergiversado.

E' possível que antes de «K» dar por concluída a sua visita aos Estados Unidos se consiga saber até que ponto o chefe do Governo russo está disposto a ir, para concordar, nesta questão, com o Ocidente. Considera-se provável que o assunto seja uma das principais questões a discutir, quando Kru-

chchev e Eisenhower se reunirem, durante dois dias, em Campo David, para conversações secretas.

Em aditamento ao seu plano de desarmamento global, «K» pediu, também, a criação de uma zona na Europa Central, a liquidação das bases militares norte-americanas na Europa e um pacto de não-agressão entre os países da N. A. T. O. e os do Pacto de Varsóvia. Todas estas três propostas já foram, anteriormente, rejeitadas pelos Estados Unidos. — (A. N. I.).

A opinião de Selwyn Lloyd

LONDRES, 19 — Comentando a proposta de desarmamento de Kruchchev na O. N. U., dizem nas esferas autorizadas britânicas que o desarmamento total tem sido sempre o objectivo da Inglaterra e constitui a ultima fase do plano de três anos apresentado na quinta-feira por Selwyn Lloyd à Assembleia Geral das Nações Unidas.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, ao regressar hoje de nova York, disse:

«O projecto de Kruchchev e o plano britânico sobre o desarmamento apresentam, em certos aspectos, alguma semelhança. Devemos trabalhar na base destes dois planos e verificar qual o melhor partido a tirar deles». — (F. P.).

Kruchchev visita hoje Hollywood

HOLLYWOOD, 19 — Nikita Kru-

chchev visita hoje Hollywood, devendo jantar com algumas centenas das mais proeminentes personalidades do mundo cinematográfico.

Antes do jantar, porém, o chefe do Governo russo assistirá a uma merenda no «Café de Paris» da 20. Century Fox, e a que estarão presentes muitos artistas e, de entre os de maior nomeada.

Depois da merenda, o «leader» soviético deverá ainda visitar o estúdio em que se encontra em filmagem a película «Can Can», assistindo ao desenrolar de algumas cenas em que figuram Frank Sinatra, Shirley MacLaine, Maurice Chevalier, Louis Jourdan e Juliet Prowse.

Frank Sinatra apresentará alguns números do seu repertório de cancionista, procedendo, seguidamente, à apresentação dos seus colegas de filmagem a Kruchchev e comitiva.

No almoço tomarão parte 405 convidados, e ao jantar, 400. Este efectua-se no «Café de Paris», onde a refeição será televisada para todo o território dos Estados Unidos.

Entre as diversas iguarias das ementas da merenda do jantar figuram: cocktail de camarão, «batatas persas», foie gras com cebolinhas, tournedo à la Bolshoi, charlotte à russa, além de saladas de fruta, café e vinhos nacionais e estrangeiros. — (A. N. I.).

Tunes aguarda uma resposta afirmativa do Governo de Marrocos para a reunião sobre o «Plano de Gaulle»

TUNES, 19. — Respira-se em Tunes uma atmosfera de «suspense»: os chefes da rebelião argelina esperam o regresso de Nova York, de Mohamed Yazid, e a chegada de El Madani, do Cairo, para começarem as deliberações sobre a resposta a dar ao «Plano de Gaulle».

Não menor expectativa se nota nos círculos governamentais tunisianos depois do lançamento pelo presidente Burguibá da ideia de uma conferência dos chefes de Governo norte-africanos. Esta ideia foi inicialmente recebida com reserva, senão com surpresa, em Rabat, onde o primeiro-ministro marroquino recebeu ontem, à noite, o embaixador da Tunísia que deve ter-lhe exposto os planos do chefe de Estado tunisiano. Espera-se em Tunes que a resposta de Rabat seja agora afirmativa, tanto mais que Ferhat Abbas anunciou, entretanto, pela voz de Yazid, que está pronto a assistir à conferência preconizada por Burguibá.

Pensa-se em Tunes que se essa conferência chegar a reunir-se, haverá certamente que aguardar o seu fim para se conhecer a decisão definitiva do «governo provisório argelino» e a sua resposta ao «Plano de Gaulle». Os círculos argelinos locais dão a entender, nesta ordem de ideias, que nada será divulgado até quarta-feira pelo menos. — (F. Presse).

Ferhat Abbas participará na reunião?

NAÇÕES UNIDAS, 19 — Indicam de boa fonte que, na reunião particular que as delegações árabes à O. N. U. tiveram ontem, à tarde, Mohamed Yazid, ministro da Informação do «Governo provisório argelino», que deve regressar amanhã a Tunes, teria anunciado o propósito de Ferhat Abbas, de participar numa conferência dos três países e territórios do Maghreb, a fim de estudar a declaração do general de Gaulle a respeito da Argélia. — (F. P.).

Lacoste aprova o «Plano de Gaulle»

BORDEUS, 19 — Num artigo publicado no jornal «La France de Bordeaux et du Sud-Ouest», Robert Lacoste, antigo ministro socialista, e durante mais de dois anos, até 13 de Maio de 1958, representante do Governo na Argélia, apoia as

declarações do general de Gaulle acerca do problema argelino.

«A política de negociações foi, até agora, e continua a ser impossível», escreve Lacoste, que prossegue: «Quer queiramos ou não, temos de pacificar. Muitos franceses teriam preferido outra coisa. Mas, se assim é, de quem é a culpa? E, além disso, esquece-se, ou não se quer crer, que é obra magnífica. A França acaba de fazer saber, uma vez mais, que entende usar apenas os métodos democráticos. Nada receio do veredicto do povo argelino, quando a paz voltar». — (F. P.).

O número definitivo dos países que participarão no acordo mundial do café será conhecido na segunda-feira

WASHINGTON, 19. — Na próxima segunda-feira, à noite, deverá ser conhecido definitivamente o número de países que participarão no acordo mundial de estabilização do café. Esta data ficou assente para a ultima reunião do «comité» especial de doze países do grupo de Estudo do Café para discussão do sistema de contingentes das exportações, que constitui a base do acordo.

A decisão foi tomada ontem pelo «comité» dos Doze, numa sessão de duas horas em que não se fez qualquer progresso sensível relativamente à reunião da véspera.

De acordo com informações colhidas, a Grã-Bretanha continua a insistir na cifra global de 10.500.000 sacos para as exportações africanas, cifra rejeitada pelas delegações latino-americanas. Parece, por outro lado, que a Bélgica continua indecisa quanto à sua possível adesão ao acordo mundial.

Dada a situação, o «Comité» dos Doze criou ontem um grupo de trabalho de nove países, sendo quatro da América Latina-Brasil, Colombia, Salvador e México — os quatro pro-

A expectativa na Haia provocada pelo julgamento do litigio entre Portugal e a união Indiana

HAIA, 19. — (Pelo enviado especial da A. N. I., Dutra Faria) — Todos os dias, centenas de turistas estrangeiros e holandeses visitam o Palácio da Paz. E todos os dias, ao entrarem na grande sala onde as audiências do Tribunal Internacional de Justiça solenemente decorrem, esses turistas ouvem do circunspecto guia a informação: — Aqui é que no dia 21 vai ser julgado o litigio entre Portugal e a União Indiana.

Este pormenor, só por si, dá bem uma ideia, parece-nos, da importância que atribuem a este processo o Tribunal e quantos frequentam o palácio onde o Tribunal tem a sua sede.

Entretanto, apresta-se tudo para as audiências, das quais a primeira inicia-se na segunda-feira, pelas 16 horas.

Não nos foi ainda possível saber quantos Indianos se encontram na Haia (o quartel-general da delegação indiana tem sido e continua a ser alguns em Londres), mas o numero de Portugueses trazidos à Holanda por causa do processo sobre já a cerca de cinquenta.

No Palácio da Paz, onde numa sala — como exércitos que se defrontam nas vésperas da batalha — se erguem uns defronte dos outros, forrando por completo duas paredes, os documentos encerrados em «dossiers», que constam do memorial português de 15 de Junho de 1956, do contra-memorial indiano de 25 de Março de 1953, da réplica portuguesa de 25 de Julho de 1953 e da tréplica indiana entregue já este ano, delegados indianos e portugueses concluíram os seus trabalhos de exome e leitura da vasta documentação, para a qual, pelo que nos toca, contribuíram o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, o Arquivo de Goa e os Arquivos de alguns Ministérios, designadamente os do Ministério do Ultramar e do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Trabalha-se agora, porém, quer na Embaixada de Portugal, quer na da União Indiana — e gemem, numa como na outra, os duplicadores, tirando cópias sobre cópias das exposições que serão lidas no Tribunal pelos advogados e conselheiros das duas partes.

No julgamento que vai principiar, o que, no entanto, se aguarda com mais vivo interesse — e não apenas pelos juristas que de todo o Mundo acorrem a estes julgamentos e habitualmente enchem a sala de audiências, mas também pelos jornalistas

acreditados junto do Tribunal — é, por um lado, o reaparecimento do prof. Galvão Teles, cujas intervenções, em 1957, o impuseram e, por outro lado, aquilo a que por aqui já se chama «o combate entre os dois galos» — a luta entre o prof. Bourquin, advogado de Portugal, e o prof. Rolin, advogado da Índia, ambos belgas, ambos juristas eminentes, ambos famosos na Haia (e no Palácio da Paz em particular), pela sua actuação, perante o Tribunal Internacional de Justiça, em anteriores processos.

Todavia, e enquanto não surge a este respeito um comunicado da secretaria do Tribunal, que deve ser distribuído hoje por volta do meio-dia, tem-se já como certo que efectivamente a Índia engrossou, na Haia, as suas hostes com a espectacular aquisição do prof. Henri Rolin. — (A. N. I.).

O tribunal publicou a constituição das representações portuguesa e indiana

HAIA, 19. — O Tribunal Internacional publicou hoje a lista definitiva da representação do Governo português e da do Governo indiano, nos debates orais a começar em 21 do corrente, às 16 horas, sobre a questão do direito de passagem para os enclaves portugueses da Índia.

Portugal: agente, advogado e conselheiro: Inocêncio Galvão Teles; director da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa; advogado e conselheiro: Maurice Bourquin, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Genebra e do Instituto Universitário dos Altos Estudos Internacionais; conselheiros: professor Guilherme Braga da Cruz, director da Faculdade de Direito de Coimbra; Pierre Lalive d'Epina, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Genebra; e Joaquim Moreira da Silva Cunha, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa; peritos: dr. Henrique Martins de Carvalho, conselheiro para os Territórios do Ultramar, no Ministério dos Negócios Estrangeiros; Alexandre Marques Lobato, secretário do Centro de Estudos Históricos do Ultramar; João de Castro Mendes, assistente da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa; secretários: José de Oliveira Ascensão, assistente da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa; Carlos Macieira Ary dos Santos, secretário da embaixada de Portugal na Haia; e António Leal da Costa Lobo, secretário de legação.

Índia — agente e conselheiro: M. C. Setalvad, procurador-geral da Índia; conselheiros: Henri Rolin, professor de direito internacional na Universidade Livre de Bruxelas, advogado e senador; sir Frank Sookicejn, antigo procurador-geral da Inglaterra; Paul Guggenheim, professor de direito internacional na Faculdade de Direito da Universidade de Genebra e no Instituto Universitário dos Altos Estudos Internacionais; C. H. M. Waldock, professor de direito internacional publico na Universidade de Oxford; e J. G. Le Quesne, membro do foro inglês; conselheiros-peritos: do Ministério dos Negócios Estrangeiros em Nova Delhi (serviços respeitantes a Goa): Vasant Govind Joshi, Vishwanath Govind Dighe, Vithal Trimbak Gune, Leofredo Agenor de Gouveia Pinto e Ram Swarup Bhardwaj; do Departamento jurídico — High Commission of India (Londres): João Francisco Caraciolo Cabral; agente adjunto e secretário: G. M. Mukhi, conselheiro jurídico do Ministério dos Negócios Estrangeiros. — (F. P.).

ESCOLA LUSITANIA FEMININA

EXTERNATO

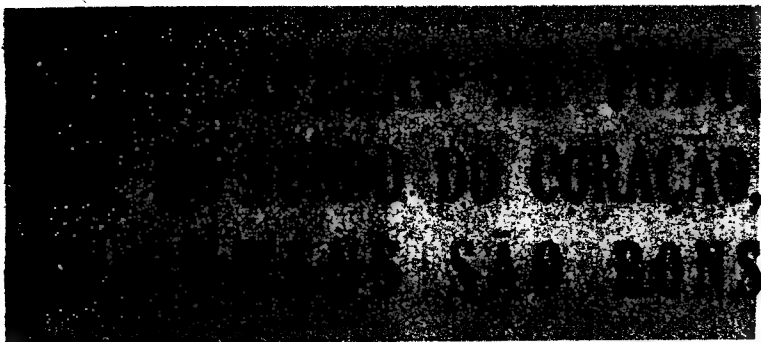
RUA D. ESTEFÂNIA, 126 (à Av. Duque de Ávila)

CURSO DOS LICEUS

Não sofra mais de HIPERACIDEZ

Não há necessidade de sofrer os incómodos provenientes da azia e outras perturbações de estômago causadas por um excesso de ácido. A Magnésia «Bisurada» dá-lhe alívio rápido neutralizando o ácido em poucos minutos. Suaviza também as membranas inflamadas das paredes do estômago fazendo com que este volte a funcionar normalmente. À venda em pó e comprimidos.

Magnésia
BISURADA



—Escreveu uma rapariguinha que morreu aos quinze anos

No dia 4 de Agosto de 1944 a Feld-Polizei forçava a porta do «Anexo»; todos os que nele se tinham refugiado foram remetidos para um campo de concentração. No meio dos destroços emergiam uns livros velhos e um caderno. A Polícia não julgou que este último possuísse mais importância do que os livros velhos. Talvez nenhum dos seus beneméritos recrutas tivesse passado um relance de olhos nacional-socialista por aquela escritazinha de menina que enchia as páginas do caderno. Desleixo grave, aliás, que o «Fuherer dos povos» não perdoaria se dele tivesse conhecimento. O «Diário» da menina seria salvo por mão piedosa. Impresso. Multiplicado por centenas

de milhar. E plantaria em milhões de seres que o percorreram linha por linha, comovidamente, uma generosa flor de ternura e de saudade e um insaciável sentimento de protesto.

O livrozinho encajado num monte de destroços era mais importante do que o III Reich da Raça Apurada. Ao escrevê-lo Ana Frank não o salvaria.

Dez anos de guerra — escreveu no «Diário» — deverá fazer um tolo efeito a minha história de oito judeus metidos no seu esconderijo, a sua maneira de viver, de comer, de falar.

Tinham-se escondido no esconde-

(Continua na página central)



Entre Ana Frank e o seu jovem companheiro de sofrimento abria-se um romance maravilhoso...



Diário de Lisboa

NUMERO 62

Diário de Lisboa

QUEM SOMOS NÓS ?

— PARA AS CRIANÇAS —



A "DIVINA INSPIRADORA" DE PETRARCA

-LAURA- → NÃO QUIS CEDER AO SEU AMOR

«Só, pensativa, com os cabelos encaracolados e cheios de reflexos de ouro» — tal surgiu Laura de novo aos olhos de Petrarca, ao pé daquela fonte de Vaucluse onde as águas do Sorgue jorram misteriosamente para se precipitarem em coscorões de espuma sobre os rochedos. E foi de novo lá que um dia, reencontrado-a, o Poeta julgou ver

brilhar entre os seus cílios negros aquela suave luz com que

Por uma manhã de Abril de 1327 tornara a ver Laura e ela ficou-o demoradamente. Francisco Petrarca era então um mancebo sem cuidados e feliz. Filho de um rico florentino, passara a infância à sombra da Corte pontifical, cumulado de favores pelo Papa João XXII. Aos vinte e três anos, conforme nos confessa

seu coração não sabia resistir às seduçções do prazer.

Agora, porém, depois da aparição desta jovem desconhecida, a

sua vida, bem recheada de aventuras amorosas, ia mudar de rumo.

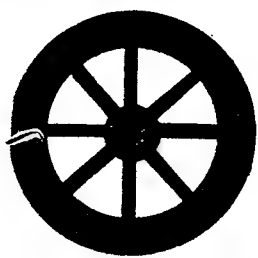
Uma coisa é certa: o Poeta não pôde resistir à tentação.

O seu primeiro e ansioso cuidado fora informar-se sobre ela. Soube então que a jovem fugazmente entrevista pertencia aos Nova, família da pequena nobreza provençal. Soube também (com que angústia!) que havia casado aos dezassete anos com Hugo de Sade. O marido podia muito bem ser pai dela; possuía, porém, uma excessiva virtude: ocupava um alto cargo na municipalidade de Avinhão.

Esta criança ingénua, casada sem amor, não devia ser difícil de seduzir. Foi com certeza este o primeiro pensamento do Poeta; todavia, ao aproximar-se de Laura logo percebeu que ela lhe ligava tanta importância como aos demais mancebos que se encavalitavam à sua roda. Com todos se mostrava amável e reservada. Contudo ele

(Continua na página central)

O FURTO DO
NÃO PODE
SERVIR DE ESTRU-
MEIRA AOS DETRI-
TOS ATÔMICOS



Das correntes desconhecidas

Se os biólogos se apaixonam pelos mistérios dos abismos, os físicos também e não em menor escala. Eles estabeleceram que os fundos marinhos são, na maioria dos casos, constituídos por uma camada de vasa fabulosamente espessa que, ao menor contacto, voa em nuvens opacas.

As profundezas que se julgava estivessem eternamente adormecidas, na imobilidade, no silêncio, na noite — são, ao contrário, agitadas por correntes que sulcam na lama fantásticos «canhões» como os do Colorado, erguem até ao infinito dunas de um metro de alto e prolongam os rios para muito longe das costas. O Sena, por exemplo, continua o seu percurso debaixo da Mancha até 100 quilómetros do Havre.

Uma das últimas descobertas do FNRS III é a presença, no Pacífico, de poderosas correntes submarinas que se propagam a velocidades variáveis, ainda não medidas.

Esta observação não deixa de ser inquietante. Certas potências, supondo, até há pouco, que as grandes

(Continua na 3.ª página)



Para os miúdos os pais são deuses onnipotentes e benéficos; mais tarde é que as coisas mudam e a sua opinião torna-se mais realista...

O talento de Georges Duhamel transformou em clássica esta encantadora historiazinha:

— Papá, eu tenho sede!

O pai segura o menino pela mão. Passeiam na floresta. Nem um riacho nas imediações. Nem uma aldeia, vários quilómetros em redor. E a casa fica a duas horas de caminho.

Papá bem procura justificar to-

(Continua na 3.ª página)

O que Napoleão

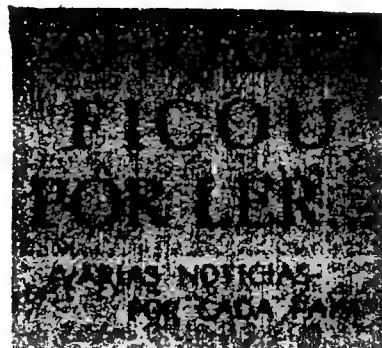
não conseguiu...

...conseguiu
a B. B. (mas
sem dar um tiro)

Napoleão, como se sabe, chegou a Moscovo mas viu desaparecer-lhe a cidade, em fumo, diante dos olhos. As consequências dessa milragem também já os leitores as conhecem. Muitas vezes devem ter visto um daqueles quadros românticos com Napoleão a cavalo, no cavalo branco de Napoleão (a dextra a apunhalar o colete), seguido de um formigueiro já ralo de soldados e muitos deles caídos na neve que os sepulta, cruelmente branca e cruelmente fria.

Os belicistas gauleses nunca esqueceram o desastre sofrido pelo seu herói.

Afinal, foram desautorizados mais uma vez. Moscovo foi tomada sem um tiro pela simpática B. B., que aqui vemos numa cena do filme «Babette s'en va-t-en guerre», que fez render os Russos à gargalhada.



ITALIA

Segundo as últimas previsões, calcula-se que aos Jogos Olímpicos comparecerão 8416 atletas e não menos de meio milhão de turistas.

Segundo as informações da Organização Mundial de Saúde a taxa de mortalidade por acidente é máxima nas crianças abaixo de um ano de idade e tende a aumentar. Em Itália, o acidente mais vulgar nas crianças de tal idade é a asfixia. Nada mais e nada menos que 27%.

INGLATERRA

Poucas horas depois da sua vitória no ringue de Nova York, o pugilista Ingemar Johansson, campeão do mundo dos pesados, recebeu três telegramas de felicitações assinados Gustavo Adolfo. Um deles vinha do Rei da Suécia, mas Johansson teve necessidade de consultar um amigo para saber o que significava a letra R, posta a seguir de Gustavo Adolfo. Quando lhe explicaram que queria dizer Rex, o pugilista desculpou-se da ignorância: —Arranho só um nadia de Latim.

No próximo mês de Outubro entrará em funções em alguns escritórios e casas particulares de Roma um aparelho de telefone que responde a certas perguntas, na ausência do assinante: informa, por exemplo, a hora exacta (pontualidade britânica) do regresso deste ou então o número do telefone do local em que ele se encontra, na altura.

O Daily Mirror não lamenta a pobre sorte dos toureiros de Espanha ultimamente vítimas de graves colhidas; numa editorial cheia de humor toma a defesa pura e simples dos animais que finalmente conseguiram vingar-se dos seus carrascos...

AMERICA

A guarda pessoal do presidente Eisenhower, que o acompanhou à Europa, foi escolhida entre os milhares de atiradores dos Estados Unidos. A sua distribuição táctica foi sempre a seguinte: à esquerda do presidente, os canhotos; à direita, os normais.

O senador republicano Kenneth pediu a Nelson Rockefeller o endereço do filho deste, na Noruega (onde fora, como se sabe, casar-se). Resposta do milionário: «Escreva: Steve — Noruega. Não é necessário mais nada».

O dentista dr. Braden E. Nida deixou, em testamento, um dote de 10 mil dólares (cerca de trezentos contos) a quem entregasse ao executor testamentário a nota de meio dólar com P 18975 12 7H. Deu-se uma furiosa batida em cata da importante cédula...

ALEMANHA

O vice-presidente do Senado, Fritz Jäger, numa entrevista ao jornal Spiegel afirmou: «Para um homem católico não existe neutralidade: Deus também não é neutral!».

Os Alemães reagiram com cartas de protesto e indignação às declarações do sr. Ettore Solimani, guarda do tumulo de Romeu e Julieta, em Verona, segundo as quais o suposto sarcófago dos infelizes amantes não passava de uma manjedoura de cavalos.

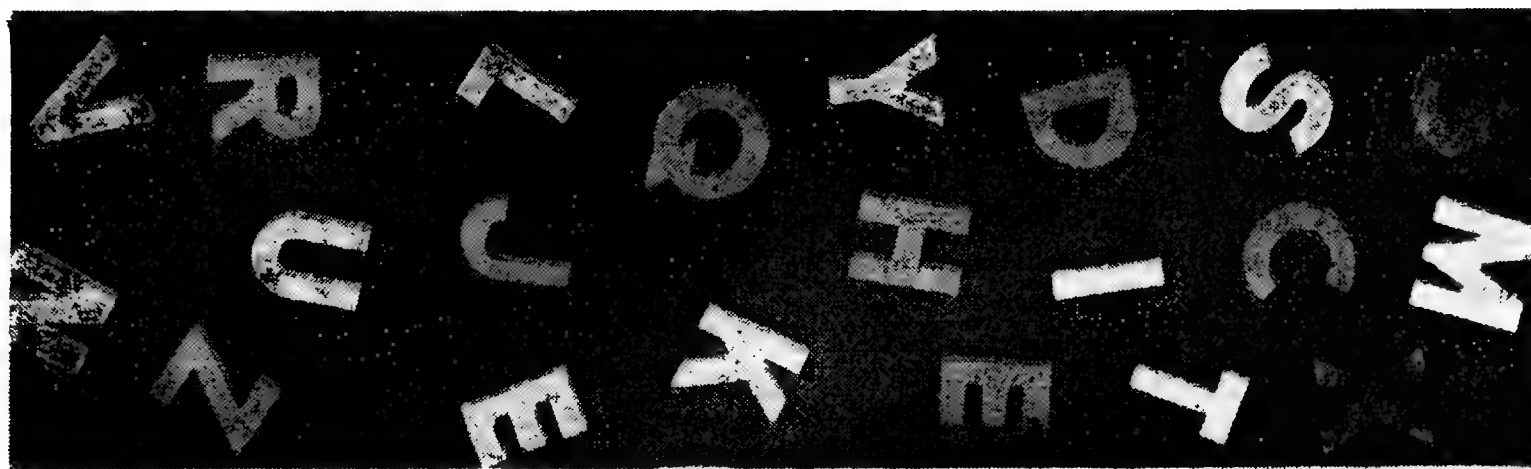
Também os aeroportos perturbam o sono dos Alemães. O Ministério dos Transportes da Renania Westfália decretou a proibição do tráfego aéreo a reacção, durante a noite. O barulho dos reactores estava a causar fenómenos de esterismo nos moradores das vizinhanças do aeroporto.

Eis uma bela dinastia soviética: Linbov Valentinovna Puzak nasceu em 1803. Atingiu já, portanto, a veneranda conta de 156 anos mas ainda tem vivos

(Continua na 2.ª página)

AJUSTE DE CONTAS

Que é que você sabe?



CAMBRONE pronunciou as palavras célebres: «A Guarda morre, mas não se rende»!

SIM ou NAO?
PORQUE?

RABELAIS foi preso por ter querido envenenar Francisco I?

SIM ou NAO?
PORQUE?

O «GOD SAVE THE KING», hino nacional inglês, é de origem francesa?

SIM ou NAO?
PORQUE?

O «BARBEIRO DE SEVILHA» conseguiu, na primeira representação, obter o sucesso que quase dois séculos de representações não esgotaram?

SIM ou NAO?
PORQUE?

É possível a um pianista ler mais de 4 mil notas em menos de 4 minutos?

SIM ou NAO?
PORQUE?

O CELEBRE quadro de David «A Coroação de Napoleão» contém um erro histórico?

SIM ou NAO?
PORQUE?

MOZART tocou toda a vida numa épinette ou cravo?

SIM ou NAO?
PORQUE?

Ver

respostas

na Pág. 7

SÓROR ANGÉLICA

Por ALVARO BELO MARQUES

«Imagina muita gente que o tempo em que os animais falavam se extinguiu há milhares de anos, pois enganam-se. Há alguns que ainda hoje falam e que, às vezes, contam histórias bem curiosas...»

Tudo caminhava muitíssimo bem até que um dia... zut! e acabou-se aquela paz de espírito que tanto apreciava! Mas, de um momento para o outro, sem mais nem aquelas. Verdade, verdadinha, como dizem os homens, o meu patrão não me tratava com grandes manifestações de afectividade e, delicadezas, só de ano a ano. Contudo, que mais queria eu?! Comia normalmente a horas certas, passeava por toda a cidade, gozava de conhecimentos antigos, que me saudavam com amizade, via as crianças rodearem-me, apreensivas umas, muito curiosas, outras e tantas, tantas coisas que me davam felicidade. Muita gente imaginava-me triste mas só eu sabia como me sentia bem.

E, de um momento para o outro... Zut! Acabou-se! Claro que não culpo ninguém. Julguei que poderia ter asas, subir um pouco da minha condição de burro e caí. Aliás é o que acontece a muita boa gente... Mas vou-vos contar como foi.

Estava certa tarde a meditar filosoficamente na vida quando um respeitável senhor se dirigiu ao meu patrão. De início não liguei à conversa mas como reparasse que me dizia respeito, arrebitei as orelhas. Querida que eu fosse para a ópera... entrar numa ópera! Precisavam de mim somente por uma noite mas representava durante muito tempo. O meu coração bateu com mais força! Finalmente me era dado imaginar umas asas, subir um pouco na escala social — perdão! — na escala animal.

Ansioso pela resposta, ouvi o meu patrão concordar. Como agradecimento, gritei bem alto o meu nome, espalhando a boa nova pelos meus patrícios e amigos. O regozijo foi, na verdade, geral e vislumbrei imediatamente nos seus olhos mais consideração por mim. Era um artista!

Nessa noite mal dormi! Imaginei o impossível, visto nunca ter entrado num teatro, mas consegui, com um esforço supremo ouvir os aplausos, após a minha actuação.

E, com esse belo sonho, adormeci vendo-me admirado por milhares de pessoas! Até veio o rei para me ver e animar. Quando se aproximou de mim, levantou uma perna e... acordei com uma violenta dor na barriga. Junto a mim, não o rei mas sim o prosaico do meu patrão.

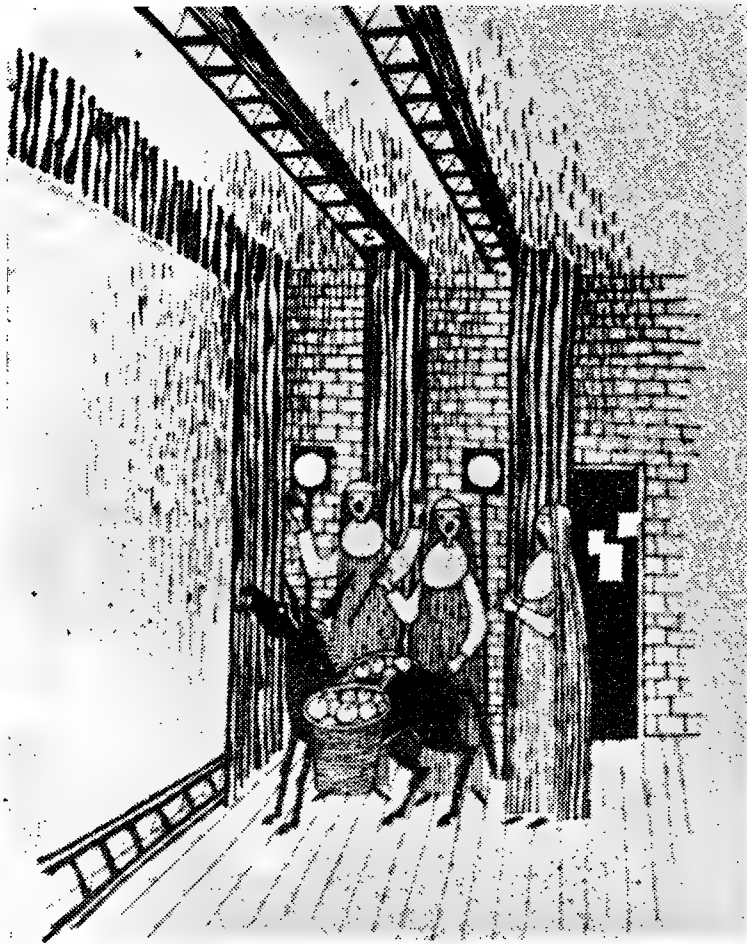
O dia foi longo... mas o Sol seguiu normalmente o seu caminho e recolheu-se.

Depois fui para a porta do teatro onde já se encontrava o senhor respeitável. Entrei com ele para um sítio mais escuro onde me apetrecharam devidamente, sob os olhares do meu atônito patrão. Pus-me a cantar, com a diferença que a fruta, nessa altura, era a brincar. Comecei a ouvir a orquestra que, por sinal, tocava de maneira diferente à dos ceguinhos que eu estava habituado a ouvir na rua, e também ouvi muitas senhoras a cantar. Pensei então para comigo: «Lembra-te que é a primeira oportunidade que te dão e talvez a única: aproveita-a bem».

Nisto, uma senhora com os vestidos compridos puxou por mim. Por sinal também estava nervosa... E lá fui com ela. Da escuridão em que me encontrava, passei para um local muito bem iluminado; luz de cima, de baixo, dos lados, parecia dia. Muitas senhoras à minha volta, todas com vestidos compridos, começaram a cantar enquanto me tiravam a fruta que era a fingir. E cantavam, cantavam, cantavam, todas muito contentes por me verem — supuz eu —. Pensei de novo, não para com os meus botões, mas para com os meus pelos: «Lembra-te que é a primeira oportunidade que te dão e talvez a única: aproveita-a bem».

Fincando bem os pés no chão, enchi completamente os pulmões de ar e zás! Aliei-me àquela alegria e entusiasmo, zurrando, zurrando, cada vez mais alto, com mais ardor, sentindo, enfim, que a vida me pertencia por inteiro. E zurrava até que, abafando o meu grito ouvi milhares de pessoas a rir à gargalhada fazendo troça de mim. Comprometido, quase a chorar, calei-me, mas ainda ficaram a dominar-me os olhos daquelas gentis senhoras de vestidos até aos pés, mirando-me com ira e desgosto. De cabeça baixa, retirei-me vencido e triste, sem me importar mais com aquilo tudo.

Foi assim que a infelicidade entrou em mim como maleita ruim.



Deixei de ser cumprimentado pelos meus amigos e, alguns, até dentadas me deram. Perdi a alegria, já não me interessa a cidade, nem as crianças, nem a comida, somente me serve de consolação a frase que um burro velho, meu amigo, me disse há dias:

— «Não te preocupes. Tu és bur-

ro e, louvavelmente, quise, sem o conseguir, fazer de homem ao passo que no Mundo, há milhares de homens que, sem o querer, fazem figuras de burro!».

(1) — Ópera de Giacomo Puccini. (Nota do intérprete destas memórias).

QUEM SOMOS NÓS PARA AS CRIANÇAS?

(Continuação da 1.ª página)

das estas contingências, mas a criança não desiste:

— Papá, eu tenho sede!

Que importa a secura do solo e o afastamento de casas: o pai, que sempre lhe fez a vontade, tem de estar à altura de lhe arranjar forma de matar a sede. Para um pai não há impossíveis.

E Georges Duhamel, lisongeador, de início, com esta confiança, depois irritado com a teimosia, assiste, desolado, ao que supõe ser a destruição das ilusões dos filhos a respeito da onipotência dos pais.

Os mitos não morrem tão depressa. Um tão pequeno incidente não basta para fazer ruir o universo da criança. A força ilimitada dos pais é uma verdade sobre que não faltam testemunhos desde que um menino começa a ter olhos para ver o que se passa à sua roda. Por volta dos cinco, seis anos surgem certos sinais de dúvida. Mas o menino prefere interpretar essas dúvidas de outra maneira: se papá o priva de um copo de água não é porque não possa dá-lo; é porque não quer fornecê-lo; é porque pretende puni-lo...

Em primeiro lugar, a segurança

Porque, muito mais do que de pão e de água, necessita a criança de se sentir segura. Para ele, tão fraco, tão desarmado, tão vulnerável, a segurança consiste no facto que dois seres, pertencentes a categoria muito superior à sua (os pais, claro) estão em condições de, a toda a hora, lhe fornecer exactamente aquilo que a ele lhe falta.

Reside talvez aí a primeira descoberta, pelo menos a mais importante que a criança faz no limiar da sua existência.

O pai e a mãe maravilham-se muitas vezes ao descobrir, em cada dia, o «seu menino», a medida que ele acorda para a vida. Na realidade

de eles não distinguem nada de novo, nada de que não saibam ou de que já não pressintam a existência. Quanto mais maravilhosas, mais de espantar não são as experiências da criança que, dia após dia, descobre os seus pais.

Nos primeiros meses, o lactante apenas possui do que o cerca uma vaga consciência. Não se distingue

POR

EDMOND BARCILON

deste Mundo, faz parte dele. Gradualmente, porém, acaba por se dar conta dos seus próprios limites, das suas fronteiras psicológicas e que, aonde ele acaba, qualquer outra coisa começa. Esta qualquer coisa existe para o servir: quando tem fome, surge à boca a comida necessária; quando molha ou suja as fraldas, a impressão de mau estar não dura muito tempo; logo se sente despido, lavado, seco e de novo vestido.

Bem cedo se inteira da existência de uma terceira entidade (os dois primeiros são ele e o Mundo exterior): a mãe. É ela que o alimenta, que vela pelo seu conforto. Reconhece-a pela entoação da voz, pela ternura do seio, pelo odor do leite. E, pois, ela que cria o mundo exterior e que o põe ao serviço do menino.

Um pouco mais tarde bebé verifica que a mãe muda de forma de tempos a tempos. A nova forma é mais dura, mais brusca. Eis que entra em cena uma quarta entidade: o pai. É então um casal que dirige o Mundo, e este casal de tão estreitamente depende, possui imensos dons, imensos poderes, tão consideráveis que deve pertencer, sem qualquer dúvida, a uma raça de génios de meter respeito e, ainda por cima, benfazejos.

(Continuação da 1.ª página)

fossas abismais se mantinham na mais perfeita imobilidade, habituaram-se a despejar aí os seus dejectos atómicos. Enormes cubas em cimento armado cheias de elementos radioactivos jazem, para sempre, no fundo dos oceanos. Mas um dia as suas paredes cederão sob o efeito inevitável da corrosão.

Que se passará então? Os dejectos perigosos serão provavelmente arrastados e disseminados pelas correntes agora descobertas em todos os mares do Mundo. Tornar-se-ia urgente que os técnicos atómicos deixassem de supor que os fundos oceanicos estão imóveis. O mar pode fazer caro, um dia, a sua ignorância.

Todas estas informações, por vezes inquietantes, sacadas dum mundo tão misterioso como os espaços interestelares — devemo-las nós às sondagens feitas pelos dois batiscafos.

Sempre mais fundo

A um ou a outro poder-se-ão aplicar estas palavras que o comandante Houot escrevia a propósito do FNRS III:

«O batiscabo é apenas um protótipo, um monstro zarolho, desajeitado, semi-paralítico. Graças a ele, no entanto, construir-se-ão engenhos mais evoluídos, a bordo dos quais os homens irão mais longe. Tal como está, abre uma porta que não se fechará mais».

Essa porta é a que o seu camarada de trabalho, Pedro Willm, procura abrir mais. No mento actual ultima ele os planos do segundo batiscabo francês.

O novo engenho será capaz de descer à mais profunda fossa marinha conhecida, ao largo das Filipinas, com 10.780 metros. A nova esfera abrigará dois observadores e terá de suportar pressões da ordem dos 1.000 quilos por centímetro quadrado.

E' provável que as escotilhas sejam, em consequência da pressão, reduzidas a pequenos raios do tama-

nho dum olho. Um sistema óptimo muito complexo conferir-lhe-á, apesar disso, um campo de visão bastante extenso.

A carcaça do flutuador medirá cerca de 20 metros de longo (em vez de 17; armazenará portanto mais essência e mais lastro que o anterior batiscabo. Os motores laterais que asseguram a sua autonomia serão dez vezes mais poderosos que os do FNRS III.

No total, o engenho pesará o duplo do seu predecessor, isto é, cinquenta toneladas. Nunca deverá ultrapassar este peso: impõe-se, com efeito, que possa ser erguido pelas gruas portuárias e transportado para um cargueiro.

A carcaça da esfera deve começar incessantemente. Exigirá dezoito meses de trabalho. Durante este tempo, as peças do flutuador serão reunidas no cais do arsenal. O lançamento

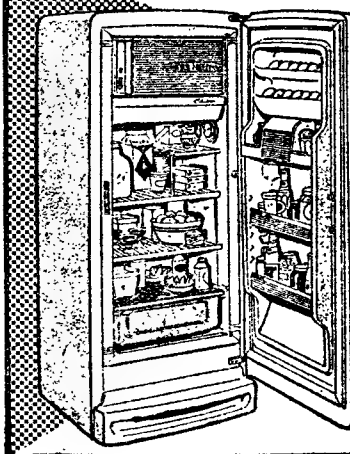
está previsto para 1960 e os gastos com os trabalhos elevam-se já a 250 milhões de francos, dos quais 100 apenas para a esfera.

Vale a pena.

Com este novo aparelho capaz dos mergulhos máximos até aos fundos oceanicos, o homem satisfará, enfim, um sonho milenário: estender a sua curiosidade e o seu domínio sobre os dois terços do planeta que ainda lhe escapam.

GEIado começa por GENERAL ELECTRIC

O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA



- FECHO MAGNÉTICO ETERNO
- MOTOR SILENCIOSO
- PRATEIRAS METÁLICAS INOXIDÁVEIS
- GAVETA PARA VEGETAIS
- CONGELADOR A TODA A LARGURA
- PRATELEIRA PARA OVOS
- MANTEIGUEIRA

À VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES DA

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

dos tempos

por ALFREDO BRAZ

Grande na aldrabice, porque de resto até na estatura era pequeno. Os seus contemporâneos descrevem-no como um homem baixo, rechonchudo de pescoço curto, tez morena e uma pronunciada calvície. Tinha olhos muito vivos, nariz irregular e voz sonora de charlatão.

Quando o conde Alexandre de Cagliostro, aliás, Giuseppe Balsamo, chegou pela segunda vez a França, por volta de 1780, aparentava ter uns quarenta anos, vestia com grande ostentação, carregando-se de joias da cabeça aos pés, e vinha precedido de fama de ser um homem extraordinário: alquimista, fabricante de elixires de longa vida e curandeiro de todas as doenças possíveis. Ele próprio se ocupava zelosamente da sua «propaganda», pondo a circular as mais espantosas histórias a respeito dos seus dons sobrenaturais.

Conta-se, por exemplo, que antes de Cagliostro ter partido para Paris se teria passado numa rua de Estrasburgo esta cena curiosa:

Passava o «mago» em companhia de um seu criado quando, parando, atônito diante de uma imagem de Cristo que se exhibia numa montra, exclamou de modo a ser ouvido pelos transeuntes:

— Como é possível que um artista de hoje tenha conseguido expressar uma presença tão assombrosa?

— E como sabeis vós que está parecido? — não faltou quem lhe perguntasse —. Haveis conhecido Jesus?

— Vi-O muitas vezes antes da crucificação — respondeu Cagliostro.

Quantas vezes aguardei com impaciência a sua chegada, na margem do lago Tiberiades! Sua voz era de uma doçura infinita...

E voltando-se para o criado que o acompanhava acrescentou, com a maior naturalidade:

— E tu, não te recordas de Jesus?

— Senhor — respondeu-lhe o criado, com a mesma naturalidade —

esqueceis que só há três séculos estou ao vosso serviço.

Outra história posta a circular, possivelmente pelo próprio interessado, referia-se ao caso de uma velha senhora a quem Cagliostro acedera, depois de muito instado, em enviar um elixir capaz de rejuvenescer um quarto de século. A dama, por fatalidade, estava ausente quando levaram o elixir a sua casa e uma criada, de trinta anos de idade, curiosa de comprovar os efeitos miraculosos da beberagem, emborrou de uma só vez o conteúdo do frasco e logo ficou reduzida às proporções de uma criança de cinco anos. A patroa ao regressar, vendo a transformação que se operara, compreendeu o sucedido e deu-lhe uma bem merecida sova.

Com patranhas deste género se construía a fama do «grande» Cagliostro e tão longe ela chegou que o cardeal príncipe de Rohan, ao saber que o célebre italiano estava em terras de França, solicitou a sua presença em Paris. Cagliostro começou por fazer-se rogado, respondendo aos enviados do prelado.

— Se o senhor cardeal está doente, que venha e curá-lo-ei. Se está de saúde, não tem necessidade de mim nem eu dele.

Esta hábil resposta ainda mais cativou o cardeal que, bem longe de calcular quantos malícios lhe adviriam dessa amizade, só descansou quando teve o «taumaturgo» junto de si. Breve se agregaria a essa estranha parêntese a famigerada madame de La Motte, ficando assim constituída a equipa dos principais comparsas do célebre «affaire du collier» que, na opinião de Mirabeau, foi o prelúdio da Revolução de 89. Mas voltemos às artimanhas de Cagliostro e deixemos o «caso do colar» para a sua devota altura.

A protecção dispensada pelo cardeal príncipe de Rohan ao descarado aventureiro, bem como o entusiasmo com que a aristocracia francesa o acolheu no seu seio, mostram bem o estado de decadência

da classe dominante nas vésperas da Grande Revolução. Encadeados pelas luzes da razão acendidas pelos enciclopedistas, os quais tinham servido para evidenciar as iniquidades dos privilégios de uma minoria sem escrúpulos, sem carácter e sem cultura, prevendo talvez os infortúnios que os esperavam e sem terem coragem para a eles se oporem, os aristocratas franceses começavam a sentir a nostalgia da penumbra e o habitual pendur das classes decadentes para todas as formas de irracionalismo. Os palácios de Paris regorgitavam de alquimistas, magnetizadores, convulsionários, iluminados, profetas e teósofos. Ora, Giuseppe Balsamo tinha um pouco disso tudo, era apadrinhado por um dos mais destacados nomes da aristocracia francesa e possuía descaradamente em doses verdadeiramente incríveis.

Entre os dons miraculosos que Cagliostro se vangloriava de pos-

suir, contavam-se: a chamada «pedra filosofal», capaz de transformar qualquer vulgar metal em puro ouro, os segredos de mudar o algodão em seda e de aumentar o tamanho das pedras preciosas enterrando-as em certas condições. Também se jactava de saber cevar um porco com arsénico, convertendo assim a carne num veneno fulminante. Como curandeiro, empregava habitualmente três espécies de tratamentos: banhos, uma tisana cuja receita mantinha secreta e umas gotas que eram, conforme as circunstâncias, elixir de longa vida ou filtro de eterna juventude.

Na dúvida de conseguir interessar toda a gente com este género de «milagres», Cagliostro apresentava-se ainda como o predador de um novo evangelho. Dizia professar a ideia de que a palavra divina havia sido deturpada pelos profetas, apóstolos e Padres da Igreja. Mas ele, Cagliostro, tinha vindo

A «mãe» espiritual de Petrarca, Laura, não quis ceder ao seu amor.

congemina o Poeta ao justificar o regresso urgente a Avinhão, para junto dela.

«Uma falta que não é minha»

Quando finalmente voltou a Avinhão para adquirir, nas redondezas, um domínio e consagrar-se por inteiro ao culto da sua amada, esta apavorou-se. Enquanto ele encareira rimas e compunha novos



sonetos para o «Canzoniere», ela evitava recebê-lo e se, nos seus passeios o distinguia, lançava um véu sobre o rosto.

Um dia porém, voltaram a ver-se na fonte de Vaucluse e Petrarca, encorajado por tudo quanto lia nos olhos da jovem, atreveu-se a confessar-lhe o seu amor.

Laura pertencia a uma família em que o adultério se considerava o mais negro dos pecados. Dedicava ao seu marido uma estima suave e estava resolvida a nunca lhe ser infiel. Parece que repeliu o adorador com tanto maior indignação quanto maior era a certeza de que estava à beira de ceder. Nunca mais se viram.

Durante dez anos ainda, Petrarca continuou voltado em espírito para ela, sua Meca, seu Destino. Sem amargura, lamentava-se do infortúnio que lhe arrebatara a única alegria da sua vida.

Sofro porque amo em excesso e tenho de pedir perdão por uma falta que não é minha.

Depois, em 1348, de regresso de uma viagem, veio ferir a terrível notícia: Laura morrera, vítima da peste que grassava na Provença. Apagara-se sem ter jamais amado outro homem; e esta morte libertava-a das tentações e das cruéis lembranças.

Há seiscentos anos que incontáveis peregrinos têm invocado na fonte Vaucluse os «castos amantes» e relido o «Canzoniere» que maravilhava Victor Hugo:

«Livro belo em que se vê, como um fluxo de cristal que sobre arca de ouro desliza em fantasia, Tanto amor brilhar em tanta poesia»

para devolver á doutrina de Deus toda a sua inicial pureza e para isso se propunha fundar a «maçonaria egípcia», de que, muito naturalmente, seria o Grão-Copta.

Até então os maçons «à antiga» tinham por norma não admitir mulheres nos seus ritos secretos. Cagliostro, compreendendo o grande partido que poderia tirar da curiosidade feminina, abriu as portas da sua «maçonaria egípcia» ao belo sexo. Madame Cagliostro presidia á loja de Isis, na qual não tardaram a figurar como fervorosas adeptas treze damas, seis condessas e uma marquesa.

Quando o Grão-Copta da nova ceita maçônica oferecia banquetes na sua bela casa de Paris, os convidados encontravam geralmente algumas cadeiras desocupadas em frente de pratos e talheres colocados para comensais invisíveis. Cagliostro, que presidia ao ágape, explicava com toda a gravidade: «á vossa direita está o senhor de Voltaire», ou Henrique IV, ou qualquer outro homem famoso. E reprendia ásperamente os que eram simples ao ponto de não verem os seus fantasmagóricos companheiros de mesa.

A enigmática linguagem do «taumaturgo», o facto de, por exemplo, responder a quem lhe fazia perguntas indiscretas sobre a sua identidade: «ego sum que sum» (eu sou o que é), ainda o rodeava de maior prestígio.

Conta-se que Cagliostro fez o seu «debut» em Paris recusando ir comer com os irmãos do rei e de tal fama ele já vinha rodeado que, de facto, bem poderia ter-se dado ao luxo dessa recusa.

O cardeal de Rohan estava convicto de que o seu amigo sabia fabricar ouro e breve iria convertê-lo no príncipe mais rico da Europa. Bastou o «mago» ter-lhe dito certo dia: «Vossa alma, Príncipe, é digna da minha e mereces ser o confidente de todos os meus segredos», para que o prelado perdesse completamente a cabeça, a ponto de mandar fazer um busto do amigo com a seguinte inscrição a lápis de ouro: «O divino Cagliostro». E o «divino» aproveitou-se muito bem dessa valiosa amizade, instalando-se mesmo num dos magníficos castelos daquele grande Senhor, em Saverna, onde se entregava e experiências da «Alquimia» e a tais jogos de prestidigitação que conseguiu fazer sair de um crisol, nas próprias barbas do príncipe, uma magnífica pedra preciosa.

Mas, infelizmente para Cagliostro, não durou muito esta alta protecção, porque entretanto surgiu o famoso «caso do colar» e o cardeal príncipe de Rohan foi lançado na mais completa desgraça. Da maneira como tão alto personagem se deixou ingenuamente envolver no escabroso caso, assim como da cumplicidade de Cagliostro com a Madame de La Motte, trataremos no próximo numero.

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS



(Continuação da 1.ª página)

não renunciou a torná-la sensível ao seu amor nascente, tanto mais que não tinha coragem para dela se apartar.

O Amor não o atraía para outros lugares. Seus pés não conheciam outro rumo. Suas mãos não sabiam como era possível escrever louvores a outra mulher.

Pouco a pouco conseguiu relacionar-se com Hugo de Sade. Acabou por ser recebido em sua casa. O circunspecto magistrado admirava a poesia e não era ciumento, ou melhor: sentia profunda confiança na mulher, apesar das mostras de admiração que as mais importantes personagens lhe prodigalizavam. Sentia-se até lisongeiado com os versos que Petrarca dirigia a Laura a gabar as estrelas dos seus olhos e as pérolas da sua boca...

• • • Canzoniere

Foi nesta altura que o Poeta escreveu os primeiros dos sonetos que o tornariam célebre em toda a Europa. Porque se Petrarca deixou tratados históricos, as Ecológicas alegóricas, um longo poema em honra do Império romano, a sua

imortalidade deveu-se ao Canzoniere, colectanea de poemas quase todos inspirados na sua amada de Avinhão.

Com uma virtuosidade, apaixonada umas vezes, outras preciosa — voltava-se a todo o instante para o objecto do seu amor para lhe atribuir todo o mérito da beleza que os olhos do Poeta descobriam nas coisas do céu e da terra:

Quando ela ainda gatinhava com as pequenas mãos,
Quando seus passos ainda eram incertos,
Os rochedos e os bosques só com ela reverdeciam
E os seus olhos belos faziam refletir os campos.

Um a um se foram escoando os meses e ao longo deles desenrolava-se esta paixão que Laura não encorajara, mas que não lhe desagradava. Depois o Poeta teve de regressar a Itália e a ausência mais atenuou seu amor.

Estou triste em toda a parte em que não vejo aqueles olhos belos, felizes que me roubaram a alegria.

Na sua casa de Florença, Laura de Nova, sempre «prudente e perfeita» apercebia-se de que a vida se tornara triste; pelo menos assim



(Continuação da 1.ª página)

Creio, apesar de tudo, que, no fundo do coração os homens são bons



esconderem no «Anexo», barracão que ficava por detrás do prédio onde o pai Otto Frank possuía o seu escritório.

A família Frank vem juntar-se a dos Van Daan (pai, mãe e filho, Peter, de 16 anos) e finalmente outro perseguido — Dussel.

Esse pequeno mundo de medo e de esperança onde semi-vivem oito pobres pessoas que nada sabem sobre o dia de amanhã — é o mundo do «Diário de Ana Frank», que hoje todo o Mundo conhece. Ana conta-nos o mínimo gesto dos que a rodeiam; revela-nos a sua gran-

deza de alma, as suas irrisórias mesquinhas; faz-nos assistir às suas disputas; participar nas suas alegrias e mergulhar nos abismos do seu medo; julga o pai; julga a mãe; critica severamente os adultos que não entendem o desabrochar da sua adolescência; no meio de tudo isto depreende-se de cada página uma subtil poesia, que julgamos impossível traduzir em cinema. Pois foi possível. E é esse mesmo facto o pretexto para, mais uma vez, colhermos mais uma flor de ternura em memória de Ana Frank, menina que se perdeu na insanidade que não se saciou com menos de 35 milhões de mortos.

*

O filme é da autoria de George Stevens (o realizador do «Gigante»), que soube enfrentar com coragem e metódico escrupulo as dificuldades em traduzir em cinema uma das mais delicadas e extraordinárias mensagens do nosso tempo. O «Anexo» foi rigorosamente reconstituído. Stevens procurou o ambiente de Amesterdão vista do interior, Amesterdão ocupada, esmoada, bombardeada; e soube tratar Ana Frank com respeito, emoção e uma profunda humanidade.

A excelência da interpretação muito contribuiu para nos transmitir a mensagem de uma criança que, num mundo de horror, é capaz de nos legar estas flores de pureza: «Creio, apesar de tudo, que no fundo do coração, os homens são bons».

«E' por milagre que eu ainda não renunciei a todas as minhas esperanças, na verdade tão absurdas e irrealizáveis. Mas eu agarro-me a elas, apesar de todos e de tudo, porque tenho fé no que há de bom no homem. Não me é possível construir a vida tomando como base a morte, a miséria e a confusão. Vejo o Mundo transformar-se, pouco a pouco, num deserto; oigo cada vez mais forte, a trovada que se aproxima, essa trovada que nos há-de matar; sinto o sofrimento de milhões de seres e, mesmo assim, quando ergo os olhos para o Céu, penso que, um dia, tudo isto voltará a ser bom, que a crueldade chegará ao seu fim e que o Mundo virá a conhecer de novo a ordem, a paz, a tranquilidade. Até lá, tenho de manter firme os



meus ideais — talvez ainda os possa realizar nos tempos que hão-de vir».

Nesses tempos que hão-de vir» teria Ana Frank se fosse viva, trinta anos. O que seria ela hoje, quando entre os treze e quinze anos, escreveu uma obra que desafiaria o tempo?

As fotos que publicamos pertencem ao grande filme sobre «O Diário de Ana Frank».

As partidas dos homens para o espaço cósmico

Por JOAQUIM CAMPINO

No momento em que toda a Humanidade acaba de celebrar mais uma histórica vitória do homem sobre a Natureza — a viagem do foguetão soviético «Lunik II» até à Lua — tem interesse recordar que foi também um sábio russo, o professor de matemática da cidade de Kaluga, Constantine Ptolkovski, quem primeiro criou as bases teóricas da propulsão de foguetes por reacção.

Foi isso há já 50 anos. Vinte e cinco anos depois, isto é, nos princípios de 1933, um primeiro foguetão com carburante líquido era lançado na U. R. S. S.

Há já uma dezena de anos que os sábios soviéticos exploram as camadas superiores da atmosfera servindo-se de foguetes munidos de equipamento especial. A primeira partida em vertical dum foguetão foi realizada em 1949. O engenho atingiu 110 quilómetros de altura. Esta experiência foi seguida de várias outras com engenhos similares. O primeiro modelo não levava senão 120 ou 130 quilos de equipamento, mas à medida que se alargou o campo das investigações, novos dispositivos vieram juntar-se, e, com o tempo, o peso total dos foguetes subiu acima de 1.500 quilos.

Os sábios russos têm à sua disposição, para uso frequente, pequenos foguetes de baixo custo que lhes permitem o estudo intensivo dum numero determinado de fenómenos geofísicos. Por outro lado foguetes gigantes vão-se transportando aos poucos em verdadeiros laboratórios automáticos, portadores de centenas de quilos de instrumentos de medição, lançando-se já foguetes que chegam a atingir 5 secções e disposições para o equipamento de «controle» onde os animais-cobaias regressam ao solo em para-quedas.

Em Maio de 1957 foi possível elevar a 212 quilómetros um novo foguetão cujo peso, incluindo o equipamento, atingia 2.200 quilos. Isso permitiu melhorar sensivelmente os conhecimentos dos sábios sobre as camadas superiores da atmosfera.

O ano de 1958 foi marcado por grandes vitórias nos domínios da prospecção das camadas superiores da atmosfera, pois conseguiu-se um novo foguetão capaz de subir a 473 quilómetros. As exigências técnicas em relação aos seus dispositivos são extremamente importantes: É necessário ter em conta, a aceleração do impulso que ultrapassa em muito a aceleração normal da força do peso, as mudanças bruscas da temperatura, do aquecimento do engenho na sua queda para o solo, etc.

Chegou-se à conclusão de que a presença do foguetão na própria atmosfera altera sensivelmente os dados dos testes.

Elevando-se a centenas de quilómetros o foguetão arrasta consigo uma certa massa de ar. Como a subida se faz em tempo muito curto esse ar não se dispersa totalmente no cimo da trajectória. É preciso ter em muita conta este facto ao interpretar as indicações dos aparelhos. Para determinar e poder corrigir essas diferenças os sábios cria-

ram aparelhos registadores que fizeram saltar dos foguetes no decurso dos voos.

Os foguetes e os satélites artificiais servem para as investigações seguintes: estudo das propriedades físicas das camadas superiores da atmosfera; estudo de certos fenómenos no espaço cósmico e das condições dos voos cósmicos.

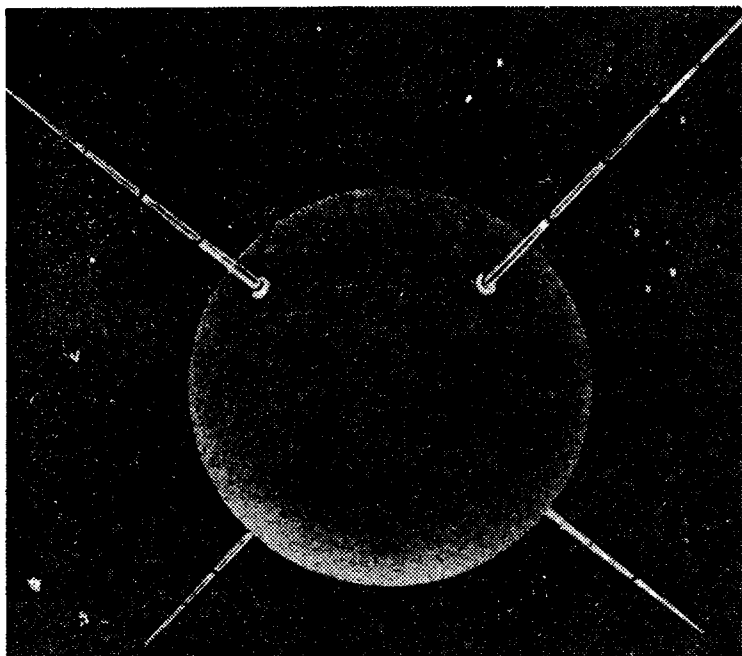
Sobre cada um destes capítulos reuniu-se nos últimos anos uma documentação extremamente precisa. Os sábios soviéticos conseguiram dados novos sobre a densidade e as pressões atmosféricas até 260 quilómetros de altura e recolheram amostras de ar a 100 quilómetros de altura e conseguiram analisá-las em laboratório. Averiguaram que até 90 quilómetros a sua composição é a mesma que na superfície da Terra. Mais alto notaram a diminuição da taxa do gás mais pesado, o argon. Realizaram, igualmente, medidas da ionosfera até 206 quilómetros de altura, obtendo dados sobre as colisões com vários meteoritos.

A concentração de electrões nas diversas camadas da ionosfera foi determinada várias vezes. Um dos

tado puro é preciso levar aparelhos acima da atmosfera. É isso que os foguetes e os satélites artificiais têm conseguido ao serviço da ciência. A recolha da documentação reunida põe em relevo a dependência entre o numero de partículas de raios cósmicos e a altitude onde é efectuada a observação. Concluiu-se que a densidade de fluxo de partículas cósmicas aumenta de 40 % entre os 225 a 700 quilómetros acima do solo.

Foi, igualmente, com a ajuda de foguetes que se pode estudar a radiação solar nos diferentes domínios do Sol — ondas curtas: raios ultravioletas e raios X. Foram mesmo obtidas já fotografias no domínio dos raios ultravioletas.

Os dados de ordem biológica no que diz respeito à influência sobre o organismo vivo nos diversos aspectos do voo no espaço cósmico apresentam interesse de primeiro plano. Os futuros astronautas encontrar-se-ão em condições originalíssimas: As acelerações monstruosas da partida darão lugar à ausência quase completa da gravidade em voo. Os raios cósmicos terão também a sua influência no organismo. Mui-



últimos lançamentos (a 470 quilómetros de altitude) foi rico em ensinamentos, mas muitas outras experiências foram bem sucedidas.

A documentação reunida permite já uma visão suficientemente precisa da estrutura e das propriedades físicas da atmosfera na altitude. Os dados adquiridos estão recheados de largas aplicações práticas especialmente em ligações de T. S. F.

O estudo dos raios cósmicos é praticamente impossível a partir do solo. Para observar estes raios em es-

tos destes factores, especialmente a aceleração, podem ser reconstituídos em laboratório; mas, por exemplo, a ausência prolongada da gravidade não pode ser realizada artificialmente na Terra. Assim, o unico meio de a estudar é fazer voar nos «Sputniks» e nos «Luniks» organismos vivos.

Depois será a vez do homem iniciar a sua maior aventura dilatando o seu domínio com segurança até outras paragens.

Quando? Esperemos que o momento chegará, seguramente.

A escolha do nome...

Disseram a Miquelina que a mãe ia desaparecer durante alguns dias, pois ia fazer uma compra muito importante.

— Para mim? — quer saber a miúda.

— Para todos — informa o pai.

— Então, o que é?

— Um menino, um menino muito engraçado, que chora, que come, que bebe, enfim um menino a sério. E sabes o que é que eu e a mãe resolvemos fazer? Resolvemos — vê lá tu — que serias tu a escolher o seu nome. Heim?

A menina agradece, entusiasmadamente.

— Já tens uma ideia? — pergunta o pai.

— Ainda não sei bem. Há tantos nomes bonitos que é difícil escolher um — Paulo, Henrique, Jaime, Joaquim...

— E, então...

— Espera, pai! Já encontrei: Automóvel.

— Automóvel?

— Sim, automóvel. Não achas bem?

— Porquê?

— Porque digo. Qual o motivo que te levou a escolher esse nome que nunca nenhum menino teve?

— Olha, pai, a razão é esta: tu andavas para comprar um automóvel e outro dia tu disseste à mãe que, se viesse um menino — esse mano que a mãe foi comprar — então já não podias comprar um automóvel. Assim não perderemos nada, não achas, pai?

*

Sobre o estranho (será estranho?) raciocínio das crianças começamos esta semana a publicar uma série de artigos da autoria de Edmond Barillon. Através deles poderão os nossos leitores verificar uma série de factos muito curiosa.

LIVROS DE FÉRIAS...

Georges Duhamel
CLAMOR DA SOLIDÃO

*

A MORTE DA TERRA
J. H. Rosny Arné

*

JOSÉ LINS DO REGO
Água-Mãe

*

O BODE EXPIATÓRIO
Raymond Chandler

*

GILBERT CHARLES-PICARD
A Vida Quotidiana em Cartago
no tempo de Aníbal

...SÃO LIVROS DO BRASIL

BAIBA COMER

O mês de Setembro

O mês de Setembro é um mês de abundância. Nem é necessário que nos preocupemos com a escolha: basta comprar. Muita criação, coelhos em abundância e começa a caça que nos vai fazer variar o paladar.

As ostras surgem agora com o primeiro mês em R. E como o calor já não é muito, podem comer-se sem receio de as comprar estragadas ou moles. Também as ameijoas preparam belos pratos e quantas maneiras há de as cozinhar!

E os legumes, nem lhes digo nada. Tomate baratinho a mais não poder; o feijão verde estala de tenor. Não devem deixar-se cozer em demasia e servem-se com um pouco de creme ou manteiga, e bem entendido, salpicados de salsa picada. Nunca cozer os feijões verdes em muita água como se faz aos secos; perderão uma parte do sabor. Aqui damos uma forma de os cozer: ponha num tacho uma boa quantidade de manteiga e logo que esteja derretida, deite dois ou três tomates sem pele, um dente de alho, uma cebola e o feijão. Deixe ferver tudo, em fogo brando, fazendo os saltar de vez em quando, de forma a não pegarem. Logo que os feijões estejam quase bons, o que se verifica com os dedos, junte a água necessária para

acabar de os cozer. E' preciso que no fim da cozedura, eles tenham apenas a água suficiente; para isso, deixe ferver docemente, destapados.

E' agora o mês de comer muito tomate, beringelas (já temos dado algumas receitas) abóbora que, juntos fazem bons piteus mas que se podem igualmente comer separados.

Dos queijos nem vale a pena falar; são os mesmos do mês de Agosto: queijos frescos e de pasta cozida, bem curados.

Quanto às frutas, todas nos aparecem: é a despedida, pelo menos

em quantidade. Aqui em diante, só a peso de ouro se encontrarão as uvas, as peras, os pêssegos, o melão, etc. E agora é precisamente, a época em que são melhores. E quantas, quantas compotas se podem agora fazer, pensando no inverno que aí vem! E quanta frescura podemos ainda recolher delas, e que benefício para a saúde! As primeiras maçãs não são ainda as melhores, é preferível esperar um pouco mais.

E' a bela época dos melões: comos bem frios, mas não gelados. Também os pode servir como entrada, em vez de sobremesa.

O LIMÃO

um dos melhores frutos

E' verdade, uma das melhores frutas. Mas é também um dos raros que não vêm à nossa mesa pelo seu excesso de acidez.

Mas, na verdade, não é preciso que ele venha como sobremesa; pode ser utilizado nas inúmeras iguarias que comemos diariamente — seja carne, seja peixe, saladas ou purés. Em todos os pratos o sumo de limão fica a matar. E não acrescentando que é fruta de todas as estações...

Originário da Índia — onde se encontra ainda no estado selvagem — o limoeiro foi desde muito cedo, cultivado na Mesopotâmia; mas é aos Árabes e aos Cruzados que devemos a sua expansão a quase todos os países do Mediterrâneo, a Palestina, a Espanha e a Portugal.

Romanos, Árabes, médicos da Idade Média e da Renascença atribuem já múltiplos e altos valores ao limão. Plínio via nele altas propriedades antivenenosas; Alvicena atribuiu-lhe uma forte acção cordial utilizada contra as palpitações febris, assim como para facilitar as digestões e acalmar os vômitos e os enjoos da mulher grávida.

Na Idade Média foi usado como vermífugo e febrífugo, assim como lhe atribuíam propriedades anti-pestilenciais.

Claro que hoje estamos longe de lhe atribuir tantas propriedades, mas o certo é que a medicina moderna lhe dá ainda grande valor.

Reconhece-lhe ainda propriedades antireumáticas e emprega-o

por vezes para a cura da hiperacidez e por exemplo em certas formas de reumatismo.

Ninguém também ignora que o limão é utilizado na prevenção e cura do escorbuto — e não há expedições polares que não carreguem caixas com este precioso auxiliar da dona de casa, seja em que ponto do Globo for. A sua acção é igualmente feliz no tratamento de lesões inflamatórias da língua, das aftas e das estomatites...

No domínio terapêutico estamos a ver, pois, que ocupa um lugar de relevo.

Mas onde ocupa o principal papel, podemos afirmar sem exagero, é na alimentação. Aí tem o lugar de honra — ou se não tem, deveria tê-lo.

Em todos os molhos, em todas as saladas, nos mariscos ao natural, nos pudins e cremes, o limão é insubstituível. Nas ostras, não só perfuma, como, segundo parece, tem acção benéfica no combate aos germes microbianos que podem conter.

A casca de limão pode servir para chá, para pudins e cremes doces.

E nas travessas cortado em fatias finas, que efeito decorativo!

Como bebida já falamos sobre ele.

Por isso, não é demais dizer: na vossa mesa, numa alimentação rica e saudável, que nunca falte o limão, o auxiliar precioso da dona de casa...

O «regime» do operado

Não há ninguém que visitando um operado, não queira enchê-lo de «mimos». E quase sempre estes mimos traduzem-se em bolos de toda a espécie.

Também todo o operado, porque está proibido de comer de tudo, tem «maís olhos que barriga», o que o leva a entrar na conspiração das guloseimas. No entanto, estas pessoas, visitas do operado, nem soham o mal que podem causar. Certos excessos têm resultados deveras perigosos.

Nos seis primeiros dias, certos alimentos são indispensáveis e outros extremamente perniciosos. Ao médico e só a ele, cabe julgar do que o operado necessita. O regime do operado não pode sofrer nenhuma improvisação, sem abalar o equilíbrio já de si instável do doente. Uma alimentação apropriada favorece a cicatrização das costuras e ajuda a retomar forças. O verdadeiro sucesso de um rápido restabelecimento reside na largueza e na prudência do regime aplicado ao convalescente.

Lembre-mo-nos que toda a operação é um «choque». Em caso de infecção a fraqueza tende a ser ainda maior. O operado, ao sair lento e fracamente da anestesia, irá sofrer alguns dias de uma lassidão extrema; além disso as costuras incomodarão, o abdomen distende-se dolorosamente, pois se dá uma espécie de paralisia das fibras intestinais e os gases não se evadem. Esta reacção vem do «choque» da operação, mesmo que ela se dê muito longe do abdomen.

Uma grande etapa se vence, quando o ventre volta ao normal. Para que tudo isto decorra normalmente, é necessário que ao operado seja ministrado apenas o que o médico prescreve: sumos de frutas e caldos de legumes, durante os primeiros dias, em que ele não pode tomar alimentos substanciais. Uma realimentação muito rápida pode provocar náuseas e mesmo vômitos, o que irá agravar o estado do doente. O operado tem, em especial, necessidade de água, açúcar e potássio. Os soros dados por via intravenosa tem por fim satisfazer esta tripla necessidade. Mas logo que o doente possa absorver, sem risco, algumas bebidas, podem dar-se com frequência, mas sempre em pequenas quantidades, com o uso de uma palhinha, para evitar os soluços.

O que beber, então? Sumos de frutas bem acucarados, provenientes de frutos frescos, dar-lhe-ão calorias. Evitar o sumo da laranja, que pode agravar a distensão gaseosa do abdomen.

Os caldos de legumes são particularmente preciosos, pois são muito ricos em potássio. O resto dos alimentos, mesmo que sejam muito «leves» como caldos de carne, iogurtes, ou marmeladas devem dar-se apenas com o consentimento do clínico.

As margarinas

Como as manteigas são emulsões, compostas de gordura e água. Mas há uma diferença entre estas duas gorduras: a margarina é o resultado de uma mistura de óleos vegetais, e animais, fluidos e concretos, submetidos a certos tratamentos que não vêm agora ao caso.

O fabrico das margarinas tem variado no decorrer dos anos, segundo os países, as estações e segundo as matérias-primas.

As margarinas japonesas são fabricadas com óleo de baleia; a americana á base de óleo de algodoeiro e soja, as inglesas á base de óleo de palma e copra.

Toda dona de casa distingue a margarina da manteiga. Hoje, cada margarina tem o seu uso determinado. Assim, temos a margarina para os bolos, os folhados, etc. A indústria alimentar pode assim encontrar uma margarina diferente e apropriada para cada género de fabrico.

O lugar que a margarina tem conquistado, na culinária ou na pastelaria, é cada vez mais importante. Não há ninguém que não consuma margarina, mais ou menos sem o saber.

A margarina tende a respeitar o melhor possível a saúde do indivíduo, o que nem sempre acontece com a usada na indústria, cujo fabrico não pode ser controlado pelo consumidor.

Melhor que qualquer outro tipo de gordura, a margarina pode ser aperfeiçoada cada vez mais em serviço da nossa saúde. O processo de hidrogenização utilizado no fabrico da margarina, preserva-a de se deteriorar, o que não acontece com outros tipos de gordura. Os processos de hidrogenização, ao contrário do que se pretendeu afirmar, não causam qualquer perigo para a saúde.

O preço menos elevado das margarinas em relação á manteiga não indicam, de forma alguma, uma qualidade inferior de gordura; simplesmente, as margarinas são fabricadas com matérias-primas importadas das colónias a preços baixos.

A margarina é menos susceptível de rançar que qualquer outra gordura, pois a sua preparação por meio de hidrogenização dá-lhe uma resistência ao ar e á luz. Além de que a presença da vitamina E, tende a frenar as oxidações.

Por aqui se vê que a fabricação industrial da margarina oferece uma garantia de higiene indiscutível e que não é, de maneira alguma, de desprezar.

E' já tempo de render justiça á margarina e dar-lhe na nossa casa, o lugar que lhe compete, em nome da higiene alimentar indispensável a um bom equilíbrio da saúde.

RECEITAS DE URGÊNCIA

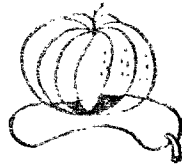


O regime dietético dos diabéticos

Quando o diabético não está ainda equilibrado, deve seguir um regime estritamente pesado, tomando em conta os açúcares de todos os alimentos que absorve. Uma vez o

OVOS PRATEADOS

Bater quatro ovos com um pedaço de manteiga, sal e pimenta. Por outro lado, fritar em manteiga cogumelos que, depois de prontos, polvilhará com salsa picada. Ponha manteiga numa frigideira; quando está derretida mas não loura, deite os ovos mexendo sempre para que fiquem em creme. Antes de retirar do lume, junte algumas ca-



seu estado estabilizado, o regime será menos «apertado». Estas questões foram recentemente tratadas pelo professor Baumel, de cujo artigo tiramos estas receitas racionais de pratos agradáveis ao paladar.

PESCADA GRELHADA

Pôr as pescadas, devidamente arranjadas, num prato barrado de manteiga e polvilhado com salsa picada. Pôr salsa e manteiga tam-



beças de espargos de conserva, bem escorridas e misture delicadamente, de forma a aquecer os espargos sem os fritar. Sirva os ovos no meio de um prato rodeados de uma bordadura de cogumelos.

CREME DE NOZES

Ferva meio litro de leite com sacarina. Bata bem quatro gemas de ovos, dissolva com um pouco de leite frio e deite três gotas de essência de café. Sempre mexendo, deite o leite quente e ponha tudo



bém sobre o peixe. Deixar no forno aberto e com o lume de cima. Quando estiverem semi-cozidas, voltá-las e deixar grelhar do outro lado, deitando-lhe o molho por cima. Salgar e apimentar. Servir, deixando a manteiga derretida, apenas temperado com um pouco de manteiga nova e sumo de limão.

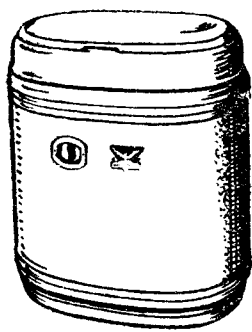
na caçarola, mexendo sem deixar criar grumos. Depois de grossa, tire do lume, junte uma dúzia de nozes cortadas muito finas ou passadas pela máquina. Deixar arrefecer completamente antes de servir.

PELO PREÇO
DE UMA SÓ
FAZ O TRABALHO DE DUAS
MÁQUINAS!

...LAVAR
E
SECAR

Experimente a ultra-
moderna máquina

ALBA-CYGNUS

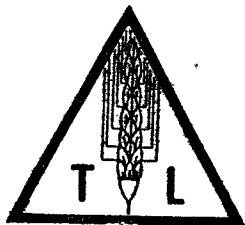


EM EXPOSIÇÃO
E VENDA
NOS STANDS DE

Frigiz

Rua Maria, 43-C — Tele-
fone 84 91 03

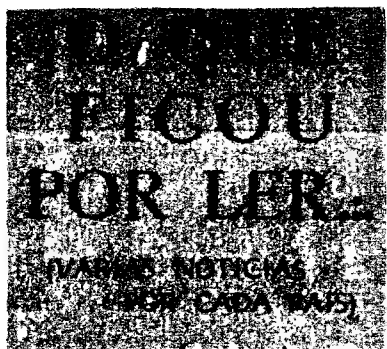
Uma representação



AJUSTE DE CONTAS

QUE É QUE VOCE SABE?

(Soluções da pág. 2)



(Continuação da 2.ª página)

1—NÃO Embora estas palavras figurem no monumento que a cidade de Nantes lhe ergueu, a verdade é que foram inventadas por um jornalista Balson de Rougemont num artigo que consagrou ao impetuoso general Pedro Cambonne.

2—SIM. O pintor representa nele «Madame Mère» (a mãe de Napoleão). Ora nessa altura ela não estava em Paris, mas na Itália.

3—SIM, mas em circunstâncias muito particulares. Com efeito, o ilustre autor de «Gargantua», ao passar por Leão e não sabendo como pagar a conta da hospedaria, imaginou um estratagemma. Pôs no quarto dois pequenos embrulhos nos quais escreveu: «Veneno para o rei», «Veneno para a rainha». Descobríndo-os, o estalajadeiro, horrorizado, apressou-se a denunciar o facto. O escritor foi preso imediatamente e conduzido sob forte escolta (mas gratuitamente), à capital, como Rabelais tanto desejava, e conduzido à presença do rei. Este, com enorme espanto de todos, convidou-o a comer. Francisco I apreciava muito o escritor.

4—NÃO. Rubinstein demonstrou irrefutavelmente que Mozart, nascido em 1756, tocou e compôs sempre em pianos, só usando o cravo ou a «épillette», quando a isso era obrigado.

5—SIM. Ou melhor: franco-italiana, pois o autor foi Lully, natural de Florença. Haendel, porém, ouvindo o tema, apresentou-o com algumas transformações a Jorge VI de Inglaterra, que, tendo gostado dele, o adoptou.

6—NÃO. Foi um malogro. Beaumarchais resolveu então alterar a peça e dos cinco actos primitivos fez quatro. «Para vos agradar, pusemo-nos em quatro (nas quatro patas)» — exclamou prazentemente ao apresentar a versão definitiva.

7—SIM. Tal é o caso de quem tocar o «Moto-perpetuo» de Weber ou o «Estudo em

os seguintes irmãos: Paladi, com 120 anos Ksenia, de 114 e Lucas de 123.

*

Em Estalinabade, no Tadjiquistão, para se saber o tempo basta pedir ao telefone 0-4. A voz do jovem engenheiro Igor Ambrosimov responde com precisão. A fita magnética é mudada de três em três horas.

*

No Leninski Prospekt de Moscovo, no n.º 72 lê-se o seguinte letreiro: «Exposição e venda de isótopos».

Vêm-se apresentados e vendem-se fatos protectores, camaras de segurança contra radiações e isótopos radioactivos de todos os géneros. Os compradores são naturalmente especialistas provenientes de fábricas, laboratórios e institutos hospitalares.

FRANÇA

O senhor Viot, proprietário do Whisky Club, de Arcachon, recusou-se a deixar entrar no seu estabelecimento, às duas horas da madrugada, uma rapariga de 17 anos. No dia seguinte, o pai, a mãe e a tia da jovem noctívago apareceram no bar, furiosíssimos, a protestar e a exigir explicações e desculpas.

*

As autoridades parisienses decidiram criar vários prémios de milhões de francos para galardoar inventores de processos capazes de diminuir as poeiras provocadas pelos escapes dos automóveis.

Em Lisboa deveriam criar-se prémios para evitar os buracos nas ruas.

«... mi menor», de Chopin, por exemplo.

MORALIDADE DA HISTÓRIA

Com 7 respostas certas, você é a Enciclopédia Luso-Brasileira. Com 5, você é um Pequeno Larousse. Com 3, está apto para assistente da Faculdade de Letras. Não sabendo nada, encontra-se em óptimas condições para ingressar nesta.



MESMO ASSIM ELAS AMAVAM-NO

Elas, quem? As do mesmo género, da mesma raça, cadelas por natureza e educação? Parece que não. Essas não o amavam. Toleravam-no apenas, pois tinham a seu cargo a missão de perpetuar a raça. Diziam (eram adeptas do fado): «é esta a nossa triste sina». Ou então: «Que cadela de sorte». As que, afinal, o amavam, lhe davam biscoitos caninos e o levavam ao cabeleireiro e á manicure eram... pois, quem haviam de ser? Eram as candidatas a vencedoras (com este rico exemplar) nas exposições caninas. E eles pelos ajustes, apesar do ar tão feroz.

Julgava possível?

■ A Grande Pirâmide, considerada pelos Antigos como uma das sete maravilhas do Mundo (tem 132 metros de alto e uma base de mais de cinco hectares) e cuja construção remonta a 3 mil anos antes da era cristã, tem uma particularidade que espantou os sábios modernos quando estes a descobriram. As suas diagonais prolongadas encerram exactamente o Delta do Nilo e o meridiano que passa pelo seu vértice divide o mesmo Delta em duas partes rigorosamente iguais.

Todos estes factos parecem demonstrar da parte dos engenheiros construtores da Grande Pirâmide uma extraordinária soma de conhecimentos sobre astronomia.

■ O general Tomás-Alexandre Dumas-Davy de La Pailletterie possuía uma força de Hércules. Eis alguns exemplos de proezas suas que parecem inconcebíveis, contadas por seu filho, o célebre Alexandre Dumas, nas suas «Memórias»:

«Mais de uma vez meu pai divertia-se, no picadeiro, a passar por debaixo duma viga, a agarrar-se a ela e, com as pernas cingindo fortemente o cavalo, erguer este ao ar.

■ As enguias — e todas sem excepção — nascem num só ponto do Globo: no mar dos Sargãos, ao largo das costas da Flórida. Os sábios ignoram ainda por que misteriosos caminhos elas atravessam os oceanos e as terras até vir fervilhar nos mais recônditos dos nossos charcos.

■ João Baptista Belloy foi aquele homem que veio a conhecer a nora de Carlos IX de França (morto em 1574) e Napoleão III (nascido em 1808). Eis uma distância no tempo que, á primeira vista, não poderia ser abarcado por uma vida humana. Mas a coisa explica-se:

Carlos IX, falecido aos 24 anos, teve um filho natural, Carlos de Valois, que durou até aos 77 anos (morreu em 1650). Tinha 70 anos quando resolveu matrimoniar-se em segundas núpcias com uma donzela de 20 — Francisca de Narbona. Por sua vez, esta nora de Carlos IX viveu depois da viuvez mais 63 anos, acabando na invejável conta de 90 anos, em 1713. Nesta época (reinava ainda Luís XIV) a velha senhora era muito venerada na corte de Versalhes,

pois era o ultimo representante dos Valois. Foi por isso que levaram até ela o jovem João Baptista Belloy (nascido em 1709) para a cumprimentar.

Ora acontece que este mocinho havia de durar a notável maquia de 99 anos, tendo fechado os olhos em 1808. Acontece ainda que chegara a cardeal sendo muito íntimo da corte imperial (de Napoleão I) e, em tais condições, assistiu ao baptismo do futuro Napoleão III, filho da rainha Hortense e de Luís Bonaparte, baptismo este realizado naquele mesmo ano de 1808. As pessoas idosas ás vezes arranjam destes sarilhos...

■ Existe um lago cuja constante temperatura é de 22 graus, embora se encontre no círculo polar ártico. Fica na Islandia, ao norte do glaciano Vatna. A erupção vulcanica de 1875 fez nascer o grande afundamento de Arkya: numa superfície tão grande como metade de Paris, o solo afundou-se, dando origem a este lago quente de 300 metros de diametro.

■ Uma só mulher conseguiu até hoje ser sucessivamente, rei-

nha de França e de Inglaterra. Foi a mãe de Ricardo Coração de Leão, a cantada Leonor da Aquitania. Casou, com efeito, aos 15 anos com Luís VII de França. Mas, não conseguindo entender-se de nenhuma forma com o marido, conseguiu o divórcio no Concílio de Beaugency, em 1152. Seis semanas mais tarde casava com Henrique, conde de Anjou e da Normandia, em 1154, com o título de Henrieta, em 1154, com o título de Henrique II.

■ Numa das suas Stanze Rafael pintou um milagre conhecido pelo nome de Milagre de Bolsénio. Estava um padre a celebrar missa e no momento em que erguia a hóstia para a comunhão, esta cobriu-se de sangue. Espanto horrível na assistência, tal como se calcula.

Só muitos séculos mais tarde se conseguiu explicar o facto. O cogumelo microscópico *micrococcus prodigius* ao espalhar-se na farinha forma colónias que tomam o aspecto de sangue coagulado.

■ Schliemann descobriu a lendária cidade de Troia servindo-

-se apenas dos indícios fornecidos pela *Odisseia*. O conhecido investigador foi marçano até aos 14 anos; dotado, porém, por surpreendente capacidade de trabalho conseguiu não só aprender sózinhos, doze línguas (entre as quais o latim, o grego, o hebreu, o russo e o árabe) e juntar uma colossal fortuna. Isto permitiu-lhe consagrar-se, aos 50 anos, á única paixão da sua vida: a arqueologia. Foi assim que descobriu Troia. Mas para que se dê ao facto o seu exacto valor é preciso não esquecer que, nessa altura, os sábios consideravam a *Odisseia* de Homero um poema mítico e que a cidade de Troia nunca existira a não ser na imaginação do grande poeta grego.

Schliemann, pelo contrário, estava convencido da autenticidade do Poema. Dirigiu-se, pois, para a Ásia Menor, levando no bolso, como bagagem, a *Odisseia*. Lá, seguindo o texto tinha por linha e as descrições de Homero, reconstituindo durante dias os trajectos seguidos pelos heróis troianos, acabou por encontrar a cidade milenária e descobrir, em escavações, os tesouros antigos e fabulosos que espantaram o Mundo naquele ano de 1880.

O PARADOXO DO TEMPO NO ESPAÇO →

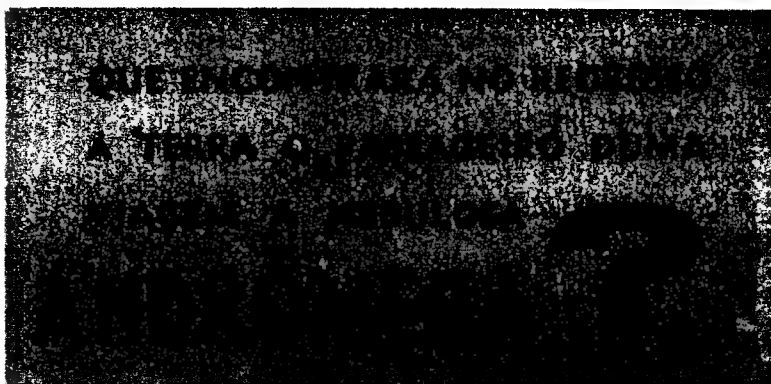
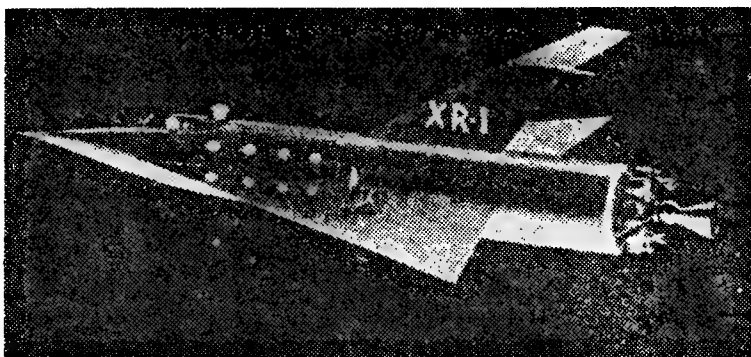
Por MÁRIO HENRIQUE LEIRIA



fazer a viagem de ida e volta a Próxima do Centauro em alguns dias em vez de em duas vezes três anos e meio, mas, ao voltar, encontraria a Terra e os seus habitantes sete anos mais velhos. O resultado será ainda suportável para uma viagem a Próxima do Centauro, mas para Andrómeda, por exemplo, o nosso viajante faria a sua viagem de ida e volta em alguns meses e, ao voltar, encontraria a Terra (se ainda a encontrasse!) mais velha dois milhões de anos!

Este resultado, consequência imediata da Relatividade, tornou-se objecto de inúmeras discussões desde que foi enunciado em 1920 pelo cientista francês Langevin. Agora, com a perspectiva próxima de viagens no cosmos, o paradoxo do «viajante de Langevin» aumentou ainda mais de interesse.

Porque de facto se trata de um paradoxo que pode ser assim apresentado: todas as velocidades são relativas no sentido em que, se se diz que um indivíduo A se desloca em relação a outro indivíduo B considerado em repouso, todas as leis da Física continuarão idênticas se se supõe que é A que está em repouso e B que se desloca em relação a A a uma velocidade igual, mas num sentido oposto. Voltemos agora ao nosso viajante para Andrómeda: se se diz que ele se desloca em relação à Terra, a Relatividade afirma-nos que ele vai envelhecer muito pouco e que, quando voltar à Terra esta terá, no entanto, envelhecido dois milhões de anos. Mas será também exacto dizer que esse viajante ficou em repouso e é a Terra que se afasta dele, a igual velocidade mas em sentido contrário: e então será a Terra que não envelhecerá quase nada e o viajante que levará dois milhões de anos para ir e vir a Andrómeda. Chegou-se então a uma contradição. Este raciocínio é, no entanto, irrefutável e não se pode nem rejeitá-lo nem supor falsa a



teoria da Relatividade ou negar a experiência do mesão «mu».

Portanto, há que indicar uma solução possível para este paradoxo. Estudos recentemente empreendidos tendem a mostrar que a dificuldade da questão pode ser dissipada examinando mais de perto o sentido «físico» real da noção de velocidade relativa. Mas uma vez não podemos apresentar aqui os cálculos que apoiam esta tese, mas damos os resultados: o viajante de Andrómeda encontrará, à volta, a Terra envelhecida, como ele mesmo, apenas de alguns meses. O facto de se deslocar a uma velocidade próxima da da luz faz passar o viajante para um espaço «diferente» do que o que vê o Terrestre em repouso; para esse viajante o espaço contraí-se, Andrómeda não fica a um milhão de anos-luz, mas apenas a alguns meses-luz. Tudo se passa, para usar termos familiares à ficção científica, como se o nosso

viajante passasse a um «sub-espaço» e não usasse, para percorrer o caminho entre dois pontos, o espaço clássico que estamos habituados a ver. Se esta recente tese interpretativa for correcta, sentimo-nos tentados a dizer que mais uma vez a realidade ultrapassa a ficção!

Brevemente deve ser tida uma experiência para verificação desta teoria. Dessa maneira, acabar-se-á com o paradoxo do «viajante de Langevin». Mas além disso, e o que é mais importante, dar-se-á ao homem a confirmação de que poderá realmente visitar o Universo, investigar os seus mistérios, encontrar possivelmente outros seres pensantes e, acima de tudo, comunicar os conhecimentos trazidos aos seus contemporâneos.

M-H.

(1) Mu: letra grega que indica um dos dois tipos de mesões; mesões pi e mesões mu

Está cada dia mais próximo o momento em que os homens enviarão uma astronave à Lua dando assim, após os primeiros ensaios com as «Sputniks» e os «Explorers», o primeiro grande passo para a conquista dos espaços interplanetários, primeiro, e siderais, depois.

Mas, se as distâncias entre os planetas do Sistema Solar são «relativamente» pequenas e, portanto, aceitáveis a hipótese de uma possível futura exploração sistemática de todos ou alguns deles, já o mesmo não acontece com outros sistemas planetários que gravitem em torno de qualquer sol mais remoto que o nosso.

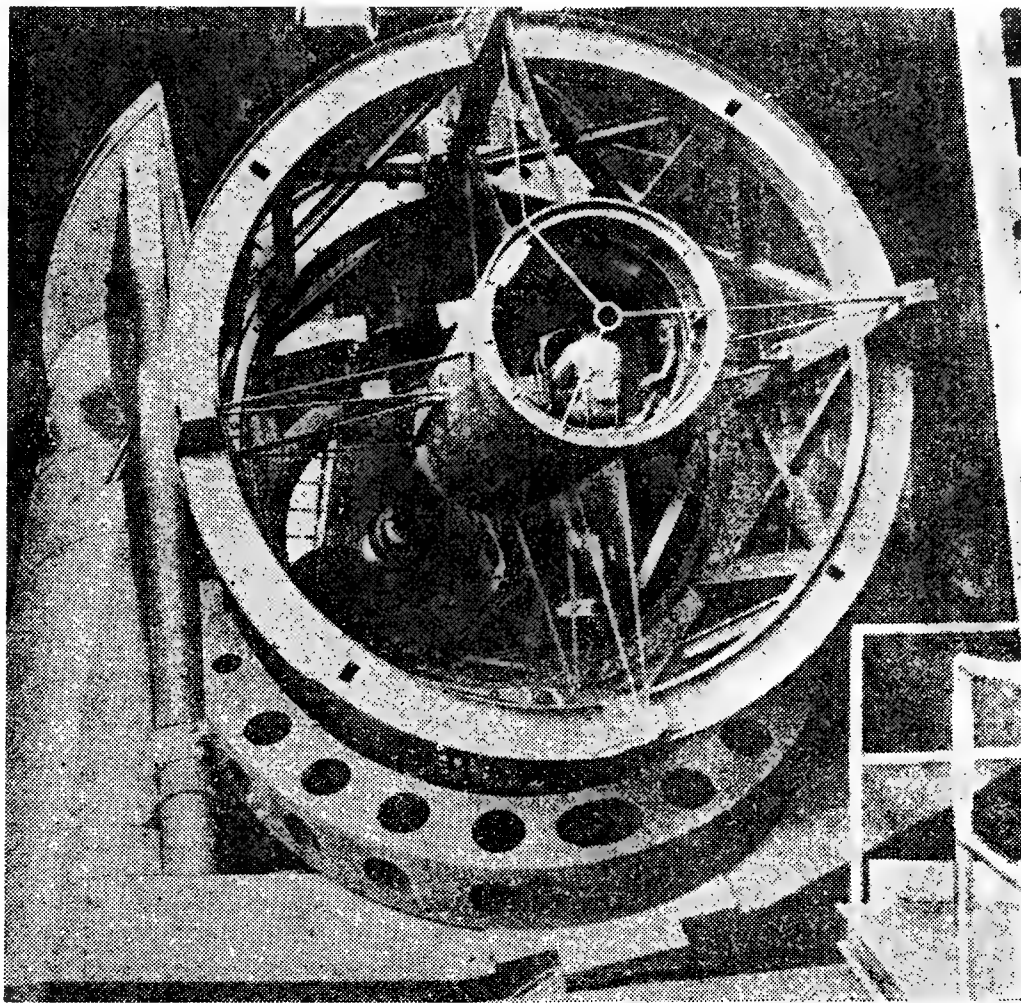
Vejam: a estrela mais próxima e que talvez possua o seu cortejo de planetas, Próxima do Centauro, está a 3,5 anos-luz, isto é, a distância que a luz levará a percorrer a uma velocidade 300.000 kms/seg. Necessitarão, portanto, os nossos viajantes siderais, na hipótese que disponham de uma astronave fotónica que lhes permita atingir uma velocidade próxima da luz, de 3 anos e meio para lá chegarem! A resposta é, felizmente, negativa, como iremos ver.

Deixaremos aqui de parte os problemas puramente técnicos, como os do tipo da astronave (propulsão atómica ou fotónica, por exemplo) ou os dos efeitos biológicos consequentes da aceleração, radiação cósmica, etc. Limitar-nos-emos a examinar as possibilidades de efectuar a viagem «em tempos razoáveis», levando principalmente em conta que a duração média da vida humana é de 60 anos e que só raros homens suportariam passar períodos superiores a alguns meses encerrados numa cabina de astronave.

A resposta foi-nos dada no princípio deste século por Einstein. Um dos resultados mais importantes — mas também um dos mais desconcertantes — da sua teoria da Relatividade Restrita é o que afirma que um indivíduo deslocando-se no espaço a uma velocidade próxima da da luz (portanto, aproximadamente a 300.000 kms/seg.) «não envelhece»; não podemos entrar aqui em pormenores dessa teoria, mas um dos seus resultados é o seguinte: um indivíduo que ignore o efeito da Relatividade Restrita pensa levar até Próxima do Centauro, numa astronave à velocidade da luz, três anos e meio. No entanto, graças à Relatividade, chegará lá num tempo muito mais curto, talvez apenas alguns dias. Em vez de milhão de anos-luz que nos separa da galáxia mais próxima, Andrómeda, a viagem poderá ser feita em meses. Como se vê, a diferença é fundamental e proporciona ao homem uma grande esperança de poder visitar o seu Universo.

Mas haverá a certeza que este efeito de «não-envelhecimento» que a Relatividade prevê se verifica de facto na experiência? Há, toda a física nuclear actual, assim como a astronomia, verifica a teoria da Relatividade de Einstein e o efeito de «não-envelhecimento» foi especialmente verificado. Corpusculos nucleares, os mesões «mu» (1) que, quando em repouso «morrem» ao fim de um curtíssimo espaço de tempo, «vivem» durante um tempo muito mais longo quando se deslocam a uma velocidade próxima da luz.

Mas, neste quadro relativista, aparece, no entanto, um facto desagradável: o nosso viajante conseguiria



Por ora as viagens limitam-se a ser por telescópio. Mas...

DIA 12

EM PORTUGAL — Partiu para Macau, o novo governador da província, tenente-coronel Silvério Marques. * Em Ponte do Lima prosseguiram as comemorações do centenário de António Feijó. * Foi prestada homenagem ao comandante Silva Ponce, da Polícia Marítima, por ir deixar esse cargo. * Foi anunciado que Portugal adquiriu ouro no valor de 10 milhões de dólares, aos Estados Unidos.

NO ESTRANGEIRO — Os russos lançaram novo foguetão cujo objectivo é a Lua. * No Rio de Janeiro, o marechal Teixeira Lott recebeu a delegação do Colégio Militar, de Lisboa. * O Papa João XXIII pôs termo à experiência dos padres operários, em França. * Anuncia-se que o general Grivas abriu as hostilidades contra o arcebispo Macários. * Chegou a Barcelona o rei Balduino dos Belgas. * Grandes inundações em Calcutá causaram enormes prejuízos. * Ademar de Barros anunciou a sua candidatura à presidência do Brasil.

DIA 13

EM PORTUGAL — Partiu para o Brasil o candidato à presidência da República, dr. Jânio Quadros. * Foi comemorado o centenário do nascimento de Luís de Magalhães, inaugurando uma lápida na casa onde nasceu. * Chegou a Lourenço Marques o sr. D. Duarte Nuno e sua família. * Em Oliveira do Hospital foi inaugurado um bairro de casas económicas. * O Belemnense conquistou a Taça de Honra vencendo o Sporting por 1-0. * Milhares de pessoas participaram na peregrinação ao Santuário da Penha.

NO ESTRANGEIRO — O foguetão russo alcançou a Lua às 21 horas, 2 minutos e 24 segundos (hora do Greenwich). * Na mensagem de despedida do dr. Theodor Heuss salienta que a República Federal Alemã é um Estado transitório, antes da reunificação. * Desmente-se que o Brasil esteja para reatar as relações diplomáticas com a Rússia. * Em Bordéus o Sul da França venceu Portugal em atletismo por 110-102. * Stirling Moss ganhou o grande prémio de Itália, em automobilismo.

EM PORTUGAL — Foi criado o Conselho Técnico de Lepra. * O subsecretário da Educação Nacional encontra-se na cidade da Beira. * Chegou a Lisboa o comandante-em-chefe das forças aéreas do Atlântico Oriental. * Foram concedidos 2.400 contos para comparticipação em várias obras, pelo Fundo do Desemprego. * Para o Rio de Janeiro partiu a delegação portuguesa ao XI Congresso Internacional de Estrada. * Foram inauguradas as novas instalações da Swis sair, na Avenida da Liberdade. * Foi inaugurada a exposição comemorativa do centenário de Luís de Magalhães. * O sr. Barradas de Oliveira é o novo director do «Diário da Manhã».

NO ESTRANGEIRO — Os jornais de todo o Mundo saudam a chegada do projectil russo à Lua, como dos maiores feitos da Humanidade. * Nikita Kruchchev partiu de Moscovo para Washington. * Na República de S. Marino os comunistas perderam as eleições. * Na Argentina, há meio milhão de operários em greve. * Prosseguem as conferências para a entrada da Grécia no Mercado Comum Europeu.

EM PORTUGAL — Regressou a Lisboa o cardeal-patriarca que foi passar um mês a Espanha. * Houve um desabamento perigoso de terras na Rua Eduardo Costa, feliz-

mente sem vítimas. * Os filiados da M. P. de Cabo Verde e Guiné visitaram Coimbra e Aveiro. * Foram fixados os novos salários mínimos para os trabalhadores de ta-noaria. * Foi posto a concurso o alargamento da Faculdade de Engenharia do Porto. * Chegou a Lisboa o ministro do Trabalho, de Espanha.

NO ESTRANGEIRO — O presidente do conselho soviético, Nikita Kruchchev, chegou a Washington. * O Papa João XXIII proibiu que os padres trabalhem nas oficinas. * O presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira enviou ao Congresso uma mensagem pedindo autorização para se deslocar a Portugal, em 1960. * Um comunicado em Washington diz que o presidente Eisenhower e Kruchchev

chegaram a acordo nas linhas gerais da sua troca de impressões.

DIA 16

EM PORTUGAL — O conde de Penha Garcia assumiu as funções de presidente da Comissão Nacional da FAO. * De Espanha regressou o Nuncio Apostólico. * Foram concedidos a instituições de assistência 432 contos. * A camara de S. Pedro do Sul entregou a medalha de ouro da vila ao sr. ministro das Obras Públicas. * Baptista Pereira atirou-se à água para tentar bater o «record» de permanência na água.

NO ESTRANGEIRO — O presidente, de Gaulle assumiu o compromisso de conceder a autodeterminação à Argélia.



Farmácia

A preparação e o uso de medicamentos vêm da aurora das civilizações. Os homens das tribos mais primitivas já possuíam conhecimentos sobre a influência na saúde de certas plantas, minerais e substâncias animais. O vocábulo *farmácia* tem a sua origem no egípcio *ph-ar-maki* (preparação de drogas), de onde provém a palavra grega *pharmakon* (droga).

O mais antigo tratado de farmácia — vem a pelo registrar — é constituído por uma série de livros, escritos três mil anos A. C. E' o célebre «Eber Papyrus», achado num tumulo de Tebas, em 1862, e que actualmente se encontra na Universidade de Leipzig. Esse monumento do saber antigo descreve, por exemplo, como a ma-laquita em pó, misturada com mel, convinha ao tratamento das cataratas. Contém 800 receitas, com postas de 700 drogas.

Por aqui se vê como a história das palavras está intimamente ligada à história da cultura. Ela ilustra, aliás, não só a linha do pensamento e dos conhecimentos como a dos sentimentos humanos.

Pseudónimos

O termo *pseudónimo* vem do grego *pseudonymos*, de *pseudēs* (falso) e *onyma* (nome). Significa hoje, em geral, o nome suposto adoptado por um autor ou artista. Contudo, o primeiro avatar do pseudónimo, que não é apanágio da nossa época nem dos meios letrados, foi o nome falso dos meliantes, que com ele se cobriam para melhor se subtraírem à perseguição da justiça. O pseudónimo literário explica-se em parte pela incompatibilidade entre certas funções eminentemente respeitáveis e solenes e a irreverência, a ironia, o carácter agressivo que muitas vezes a obra literária arrasta consigo. Por outro lado, até ao século XVIII, os grandes senhores envergavam-se do exercício da pena, coisa jogralasca ao ponto de se dissimularem atrás de nomes de empréstimo. Outras vezes até por uma questão de prudência, como seria o caso de *Voltaire* (na vida François Marin Anquet). Pseudónimos célebres são, entre muitos outros, os de *Fordju* (Aronsohn), *Jules Romains* (de seu vero nome Farigoula), *Boris Souvarine* (Lifschitz), *Jean Moxias* (Papadiamantopoulos), *Anatole France* (Anatole Thibaut). Entre nós, por exemplo, *João Falco* (Irene Lisboa), *António Madeira* (Branquinho da Fonseca), *José Régio* (José Maria dos Reis Pereira), *Miguel Torga* (Adolfo Rocha), etc.

Aquisição de palavras e formação popular

Três foram os processos de aquisição de palavras, na nossa língua, como em qualquer outra: formação popular, formação literária e importação estrangeira. A língua é, já se vê, como um organismo vivo, em constante laboração, que assim se revitaliza, rejeitando os termos que

morrem e substituindo-os por outros mais jovens e mais fortes ou mais sugestivos, os quais não raro provêm do calão ou das terminologias profissionais. A formação popular, que é daqueles processos o mais produtivo, apresenta três caminhos, a atribuição de sentido diferente a uma palavra, a derivação e a composição. Exemplos do primeiro caso são *estrada* e *vagar*, formas verbais que se substantivaram. Casos de derivação, *velhice*, *alvura*, a partir de *velho* e *alvo*. Exemplo de composição, ou seja, de fusão de palavras distintas num só: *fidalgão* (filho de algo).

Pêssego

A palavra pêssego, que designa o saboroso fruto do pessegueiro, diz logo, praticamente, na sua grafia a trajectória geográfica daquela planta rosácea da tribo das amigdaléas, pois a sua forma etimológica — *persicum* — significa naturalmente «oriundo da Pérsia». Sê-lo-á efectivamente? Pretendem alguns botânicos que o pêssego teria vindo anteriormente da China, sendo visto pela primeira vez pelos romanos no planalto do Irão, de onde a expressão *fructum persicum*. A evolução linguística é simples: o adjectivo *persicum*, indicativo da proveniência, passou a substantivo; quanto às alterações fonéticas, houve assimilação completa do *r* ao *s* e sonorização do *c* em posição intervocalica.

Origem dos nomes próprios

Damos hoje a origem e o significado etimológico de mais alguns nomes próprios. Gregos: Dâmaso (o domador), Heitor (o denodado defensor), Macário (feliz), Narciso (o que adormece), Pancrácio (o que ultrapassa tudo). Latinos: Camilo (destinado ao sacrifício), Valente (corajoso, o que vale), Inácio (ardente), Tácito (silencioso), Fabiano (o das favas), Sabiniano (da Sabina). Célticos (muitos deles já latinizados): Gabino (natural da Gália), Olivério ou Oliveira (relacionado com oliveira), Quintino (da quinta), Ulrich (forte), Xavier (o chaveiro), Germânicos: Edgar (honroso), Rodegondo (conselheiro de guerra), Walter (conquistador). Hebraicos: Aarão (montantes), Barnabé (filho da consolação), Jabez (digno de piedade), Zacarias (inocente).

Sinapismo, senapismo e sanapismo

O povo diz, em diversas regiões de Portugal, *sinapismo* e *sanapismo*, quando a forma correcta etimológica é *sinapismo* (do acusativo do singular *sinapismu(m)* do substantivo latino *sinapismus*, *sinapismi*, derivado de *sinapi* (mostarda). Explica-se a corruptela *senapismo* por dissimilação do *i*, enquanto a variante *sanapismo* pode atribuir-se ou à evolução mais adiantada da palatal e de *senapismo* ou a uma etimologia popular, em que se relacionassem as duas primeiras sílabas da palavra com o verbo *sanar* (curar).

Nikita Kruchchev, ao falar no Clube Nacional da Imprensa de Washington, manifestou, mais uma vez, o desejo de paz com o Ocidente. * Na Argentina continuam as greves, tendo o Governo rejeitado propostas dos grevistas. * A Espanha anunciou que integrava os seus domínios ultramarinos na Metrópole, constituindo outras tantas províncias. * Em Bassella, no Sul da Itália, abateu um prédio de cinco andares, acabado de construir — dezoto mortos e treze feridos.

DIA 17

EM PORTUGAL — Na Camara Municipal de Lisboa foi tratado o caso do metropolitano. * Baptista Pereira bateu o «record» de distancia e permanência na água: quase 30 horas e 204 quilómetros. * A direcção do Grémio da Imprensa Diária avistou-se com o ministro das Corporações. * O general Luis de Pina partiu para Paris de onde seguirá para a Alemanha, em relação com a S. H. A. P. E. * O governador de Macau foi recebido naquela provincia com grandes demonstrações de regozijo. * O subsecretário da Educação está em Nampula.

NO ESTRANGEIRO — Na base aérea de Edwards foi realizado o primeiro voo de um avião-foguete, atingindo a velocidade de 2.000 quilómetros por hora. * Nikita Kruchchev chegou a Nova York, sendo homenageado com um banquete de 2.000 talheres e reafirmando o seu desejo de viver em paz com o Mundo. * A Inglaterra apresentou novo plano de desarmamento na assembleia geral das Nações Unidas. * Na Inglaterra e nos Estados Unidos foi bem acolhido o plano de de Gaulle para a Argélia.

DIA 18

EM PORTUGAL — Na Rua de Santa Apolónia ficou soterrado um operário que os bombeiros retiraram depois. * Foram presos alguns elementos relacionados com distúrbios ultimamente verificados.

NO ESTRANGEIRO — Nikita Kruchchev visitou a residência de Averell Harriman. * Em Paris foi apreendida a edição do jornal monárquico «Aspects de France», que pedia que de Gaulle fosse chamado ao tribunal. * Foi nomeado ministro da Suécia em Lisboa Alexis Aminoff. * Foi lançado novo foguetão da série «Vanguard». * O quebra-gelos atómico «Lenine» largou de Kronstadt para o mar largo. * A rainha Isabel II foi a Londres anunciar a dissolução do Parlamento. * Num desastre numa mina de carvão na Escócia faltam 4 chamadas 50 mineiros.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

ENTRADA
RUA DO CARMO, 98-2.

Dr. Anário d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças anorectais — As 18 horas.
Dr. Mário Jacquer — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luis Matheiro — Pele e sífilis — As 3.^{as}, 5.^{as} e sábados, das 14 às 16 e 30 h.
Prot. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garçanta nariz e ouvidos — As 16 horas.

FEIRAS E FESTAS A REALIZAR NO MÊS DE SETEMBRO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Setembro, as feiras e festas que a seguir se in-

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

A FIGURA DA SEMANA

Mao Tse Tung



MAO TSE TUNG

Apesar de afastado das suas funções oficiais na hierarquia do Estado chinês, Mao Tse Tung continua a ser o inspirador e a primeira figura da cena política do seu país. Chefe reconhecido e acatado de uma das mais extraordinárias revoluções que a História regista, nessa qualidade goza, em relação aos seus colaboradores e subordinados, de uma autoridade que lhe permite orientar a sua marcha e influir nas suas vicissitudes. Essa posição predominante, nos planos interno e externo, é uma das constantes da vida internacional. Poucos a têm em conta e de aí algumas surpresas que se registaram ao longo da guerra fria, desde que se instalou em Pequim, em Outubro de 1949, o Governo comunista.

Os recentes acontecimentos da fronteira sino-indiana e do Laos são manifestações do expansionismo revolucionário da China comunista, tanto mais ameaçadores quanto é certo que se torna impossível detê-los ou limitá-los, a não ser pelo recurso às armas com todos os riscos que este comporta numa região agitada pelas paixões e antagonismos de classe, raça e nacionalidade. Os partidários da admissão do Governo de Pequim na O. N. U. encontram, nesses acontecimentos, um argumento para renovar a sua tese, dizendo que, se não fosse a situação criada a esse Governo haveria maneira de o fazer aceitar as limitações daquela organização e da sua Carta.

Entretanto a agitação no sueste asiático prossegue, com alternativas diversas, e a construção diplomática precária que se ergueu na conferência de Genebra de 1954, está ameaçada de ruína iminente. A presença da 7.^a esquadra americana no Pacífico pode impedir a ocupação das ilhas do litoral chinês pelas forças da China comunista, mas não impede que os guerrilheiros do Vietnam assolem a fronteira do Laos nem que o exército chinês penetre em território indiano, a não ser que recorresse às suas armas nucleares. Como esta hipótese está afastada, só o recurso à diplomacia permitirá melhorar a situação. As dificuldades de usar dele são patentemente desde que os Estados Unidos não têm relações com o Governo de Pequim e as diligências a fazer são por intermédio de Moscovo.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

ENTRADA
RUA DO CARMO, 98-2.

Dr. Anário d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças anorectais — As 18 horas.
Dr. Mário Jacquer — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luis Matheiro — Pele e sífilis — As 3.^{as}, 5.^{as} e sábados, das 14 às 16 e 30 h.
Prot. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garçanta nariz e ouvidos — As 16 horas.

dicam, a C. P. vende, em algumas das suas estações, bilhetes a preços reduzidos.

PÓVOA DE VARZIM — Festas a Nossa Senhora das Dores, nos dias 19 e 20

MESSINES-ALTE — Feira Anual, em São Bartolomeu de Messines, nos dias 19 a 21

SOURE — Feira de São Mateus, nos dias 19 a 23

Os cartazes anunciadores destes

Jornal
dos jornais

O JORNAL DA MAIORIA
DIÁRIO DE COIMBRA *Diário de Alentejo*

Vai ser autorizado
o fabrico de álcool
de alfarroba

Sabemos que a Direcção-Geral dos Serviços Industriais vai despachar favoravelmente o pedido das três fábricas de Faro de farinamento de grão de alfarroba para transformarem a polpa deste fruto em álcool e rações para gado e outros aproveitamentos.

Está a estudar-se neste momento a reorganização da indústria do álcool de figo e de alfarroba.

Desnecessário será dizer que esta notícia animará os 30.000 produtores algarvios de alfarroba, os quais viram descer inopinadamente este produto de 23500 para 19500, a arroba. («Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António)

Foi autorizada
uma carreira de autocarros
entre a Beira e a Rodésia

Ao que fomos informados, por despacho do dia 31 de Agosto último, S. Ex.º o sr. secretário provincial, eng.º Pimentel dos Santos, acaba de autorizar o dinamico industrial de turismo, sr. Carlos Abel de Sousa Brito, proprietário e fundador das Organizações «Estoril» a quem se deve o Acampamento Turístico do Macuti, que este ano já albergou 25.000 turistas, a estabelecer uma carreira de autocarros entre a Beira e a Rodésia, para passageiros de 1.ª classe.

A autorização destas carreiras que se deve ao espírito esclarecido e despojeado do sr. eng.º Pimen-

tel dos Santos, que desta forma acarinha uma ideia a todos os títulos de louvar, vem promover uma maior canalização de turistas para o nosso distrito. Pelo que fomos informados, o sr. Carlos Abel de Sousa Brito, que continua a pugnar para tornar, cada vez melhor, o turismo de Manica e Sofala uma sólida realidade e pensa em adquirir para esse efeito luxuosos autocarros, iguais aos que se usam nos maiores e melhores centros turísticos da Europa, onde não falta ar condicionado, bar e restaurante, instalações sanitárias, etc. e com elevada lotação de passageiros.

Esta iniciativa, que merece os melhores aplausos, muito virá contribuir para um melhor conhecimento do nosso distrito e seu desenvolvimento turístico.

Como dissemos, o Acampamento Turístico do Macuti, albergou no corrente ano, até aos fins de Agosto, 25.000 turistas, estando previsto até ao fim de Dezembro atingir os 30.000.

Estes numeros são suficientemente expressivos, para necessitarem de qualquer comentário à forma eficiente como o sr. Abel de Sousa Brito está a trabalhar em prol do turismo de Manica e Sofala.

(«Notícias», de Lourenço Marques)

CRÓNICA CINEGÉTICA

Está a ser destruída selvaticamente
a fauna alada dos campos

Logo que cnega o dia do início da caça às codornizes, uma avalanche de indivíduos portadores de armas de todos os calibres invade impetuosamente todos os campos onde a caça aquela ave é permitida e extermina, vandálicamente, todas as avezinhas, mesmo as mais notoriamente reconhecidas como úteis à agricultura e, portanto, ao homem.

Esquecem ou ignoram estes pseudo-caçadores, a cuja sanha caçaral nem as estimadas e benéficas andorinhas escapam, que a totalidade das aves por eles mortas, como os piscoas, as pousas, os rouxinóis, os pintassilgos, as caçadas, as lavandiscas, os verdelhões e as chamarras, por exemplo, não podem constituir objecto de caça como expressamente o determina o artigo 4.º do decreto n.º 23461 (Regulamento ou Código da Caça) em virtude de Convenções Internacionais a que Portugal aderiu, como se a que foi assinada em Paris a 19 de Março de 1902 e ratificada em 17 de Janeiro de 1907, conforme publicação no «Diário do Governo» de 11 de Maio do mesmo ano.

A avalanche de «passarinheiros» ignora ou finge desconhecer as disposições que lhe proíbem dar a morte a todos os seres que encontrem com vida e asas no campo. Há até pais que compram, como prenda de anos ou porque o menino passou na instrução primária, uma arma de pequeno calibre destinada a dar a morte às avezinhas que a leirotege como úteis à Humanidade. Chega a este ponto a ignorância de certas pessoas. Por este caminho a fauna alada dos campos, que tantos e tantos benefícios causa à lavoura, em breve tempo será impiedosa e selvaticamente destruída, se não se mover desde já guerra aos passarinhos.

(«Notícias do Cartaxo», do Cartaxo)



Paisagem suíça

A volta ao Mundo (17)

A S U I Ç A

SUPERFÍCIE — 41.295 quilómetros quadrados.

POPULAÇÃO — 5.142.000 habitantes.

CIDADES PRINCIPAIS — Berne (152.000 habitantes, capital da federação); Zurich (404.000 habitantes); Basileia (203.000); Genebra (153.000); Lausanne (109.000); Friburgo (26.000); Zug (13.000).

CLIMA — A Suíça tem um clima frio e seco, sendo muito procurada como estância de repouso. As suas montanhas são procuradas pelos doentes; e pelos turistas para os desportos de Inverno.

MONTANHAS — A Suíça é um país muito montanhoso. Os Alpes, a Meseta Suíça e o Jura são os três sistemas orográficos suíços. Os pontos mais elevados são: o Monte Ro-

sa, 4.637 metros, o Dom, 4.553, o Weisshorn, 4.515, o Matterhorn, 4.504, o Dent Blanche, 4.362, o Grand Combin, 4.316 e o Finsterahorn, de 4.275 metros.

RIOS — Nas montanhas suíças nascem alguns dos grandes rios da Europa que têm o seu primeiro curso no país: o Ródano e o Reno nascem no São Gotardo; o Tesino nasce também no São Gotardo; o Inn, afluente do Danúbio, nasce no maciço de Bernina.

GOVERNO — O Conselho Executivo da Republica Suíça é constituído por 7 membros, eleitos por 4 anos pela Assembleia Federal. Eles nomeiam o presidente, por um ano. A assembleia federal tem duas câmaras: o Conselho dos Estados (44 membros) e o Conselho Nacional, de 196 membros.

EDUCAÇÃO — A educação primária é obrigatória, não havendo analfabetos. Há 8 universidades.

AGRICULTURA E INDÚSTRIA — Cerca de metade do solo suíço é destinado a prados, com grandes pastagens. 65 por cento da população vive da agricultura e 15 por cento da indústria. A principal fonte de riqueza é a pecuária, com 1.682.000 bovinos e 1.007.000 suínos. As principais indústrias são os laticínios, couros, máquinas, relojoaria. O turismo é uma das grandes fontes de receita.

CAMINHOS DE FERRO — 5.843 quilómetros.

ESTRADAS — 49.000 quilómetros.

LÍNGUAS — As principais línguas da suíça são o alemão, o francês e o italiano.

MOEDA — A unidade monetária é o franco.

RELIGIAO — 57 por cento da população é protestante; e 41 por cento católica.

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais

Caldeirada à Serrada

Ensalada de Enguias

Lampréia com arroz à moda da casa

Filletes à Marisqueira

Combo de Porco ao Espeto

Frango de Caril à Coruja

Bifes de Vaca na Caçola

Cabrito à Moda da Casa

Todos os domingos ranchos folclóricos: fandanguistas da região (6 anos)

Moradia linha de Sintra

Optima construção, todas as madeiras exóticas no meio de pequeno pinhal, entre a estrada marginal e linha férrea, com ou sem mobília, vende o próprio, directamente ao interessado. Informa telefone 047431.

Na LAVAREZA DE ALMADA, em Almada, Av. Afonso Henriques, vende-se o «DIÁRIO DE LISBOA»

PIANOS

Verticais e de Cauda
ALUGAM SE

Est. Valentim de Carvalho, L.da

95, Rua Nova do Almada 99

LISBOA

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

N O julgamento do primeiro homem que seria enforcado no território do Alaska eu era um dos jurados. Não era um caso difícil, muito ao contrário, pois Magnus Johnson fez tudo quanto pôde para se condenar a si próprio. E, mal os jurados terminaram o juramento, logo se ergueu, gritando a plenos pulmões:

— Fui eu quem matou aquele infame, senhor doutor juiz! Não há necessidade de gastar dinheiro do Governo neste processo que é absolutamente inútil!

Enquanto eu ocupava, com os outros, o meu lugar na bancada do júri, lóbreguei, na primeira fila de cadeiras, por detrás do réu, a mulher dele. Os nossos olhos encontraram-se e Cornélia passou a mão ao leve, pelos seus cabelos loiros que lhe caíam em caracóis para a testa. Aquele sinal discreto era a maneira de falar-me, pela qual tínhamos comunicado durante um ano inteiro. A sua mesagem era tão clara como se tivesse sido escrita num cartão.

Pouco depois, a audiência foi suspensa. Esperei que toda a gente saísse da sala, e só quando tive a certeza de que já não havia ali ninguém que pudesse observarme é que saí, por minha vez. Uma vez fora do tribunal, segui, a passo largo, pela estrada de terra batida que, subindo a encosta da montanha, vai perder-se, no outro lado, na baía do Silver Bow. Ao chegar a um determinado ponto, parei e olhei em volta.

Cornélia chegou dali a pouco e, olhando-a, tive a certeza de que não podia haver no Mundo um amor como o nosso. Parecia um pouco assustada e, em voz baixa, perguntou-me:

— Paul, que devo fazer quando for chamada a depor?

— Exactamente aquilo que te disse: nem uma palavra a mais nem a menos. Vamos, querida, repete para eu ver se não te enganais!

Com a cabeça levemente inclinada sobre o ombro direito, os olhos semicerrados e perdidos no espaço, ela murmurou:

— Tinha embarcado em Seattle, no «Alaska Star», de regresso a minha casa, em Juneau. Na segunda noite de viagem, o criado do bordo introduziu-se no meu camarote de primeira classe e...

Começou a tremer, enclavilhando os dedos que cravou no meu braço, e a soluçar imploramente:

— Paul, mas será mesmo necessário? Não haverá outra maneira de...

— Não há! a menos que queiras que o Magnus acabe na forca. Com as tuas declarações, serão forçados a absolvê-lo.

Com certo esforço, engoli em seco e terminei:

— Já vês: foi um caso de legítima defesa da sua honra!

Numa voz estranha, em um tom de dúvida, ela insistiu:

— Mas não podem enforcá-lo, pois não, Paul? Para isso, seria necessário uma decisão unânime, não é verdade?

— Claro que não! — respondi apressadamente. Comigo no júri nunca poderiam obter a unanimidade!

Beijámo-nos longamente e, devesgar, tomámos o caminho de regresso. Separámo-nos quando nos pareceu que poderíamos ser surpreendidos por alguém que passasse e deixei que Cornélia se afastasse. Depois, segui-a na sombra, de modo a não poder despertar suspeitas em qualquer transeunte, mas não tão longe que ela não sentisse a minha presença.

Na manhã seguinte, quando o julgamento recomeçou, Magnus Johnson fez todos os disparates possíveis. Pôs-se de pé, por duas vezes, e gritou que era culpado, dando socos no peito e fazendo-se muito vermelho. As coisas chegaram a tal ponto que o promotor de Justiça se dirigiu ao juiz Baar:

— O réu conduz-se deliberadamente como um doido. Julga que pode fugir ao rigor da lei, fazendo com que seja internado no Manicômio de Morninside.

Quando principiou o interrogatório das testemunhas, um guarda da Polícia declarou:

— O réu entrou precipitadamente na esquadra, dizendo que tinha assassinado um homem. Mandámos um carro com alguns agentes e eles

Era para ser um e foi outro enforcado

Texto integral

do conto de

Edward A. Herron

descobriram imediatamente o corpo

— A vítima — esclareceu o médico legista, dr. Cott — foi morta com dois tiros, um no peito e outro na cabeça.

Disse Dennis MacDonald, capitão do «Alaska Star»:

— Tínhamos atracado pelas encostas da manhã Havia nevoeiro. O criado dispunha de autorização para desembarcar que era válida até à meia-noite, mas às sete vieram dizer-me que ele fora assassinado. Veio à barra do tribunal o director da mina de ouro, que narrou os factos do seu conhecimento:

— Magnus Johnson ficou como guarda da mina, quando esta fechou. Uma noite por semana, ficava ali também, verificando com ele o funcionamento dos motores, as correias de transmissão, os geradores. Nessa madrugada estivemos um bocado no escritório da mina, à janela, a conversar. Cerca de uma hora mais tarde, Johnson, chamou-me e quando eu cheguei ao local onde ele se encontrava pedi-lhe que o deixasse ir a casa pois sentia-se mal.

— A que horas foi isso? — perguntou o magistrado.

— Seis da manhã! Tínhamos acertado os nossos relógios.

— Por acaso, falou na vítima?

— Não era preciso, pois toda a cidade sabia do que se passava com a mulher dele e o tal criado do «Alaska Star».

— Responda sim ou não!

— Não!

Foi chamado outro polícia a depor.

— Seguimos as pegadas de Johnson, no caminho para casa e vimos que entrou pela cozinha. Encontrámos as impressões digitais na porta que dá para a casa de jantar e no postigo da cozinha. Em nossa opinião, ele empurrou a porta, apontou a espingarda e disparou.

A audiência foi interrompida e nós, os jurados, fomos para casa. No entanto, antes de sair da sala do tribunal, Cornélia lançou-me um olhar implorativo e, de novo, passou a mão direita pelo cabelo encaracolado. Esperava-me na rua e falou-me assim:

— Se me pergantarem o que me disse o criado, quando entrou no...

Para a segurança no trânsito

Código das ruas

O Código da Estrada é suficientemente claro sobre tudo quanto diz respeito ao trânsito nas estradas, mas é bastante omissivo no que se refere ao trânsito nas ruas das cidades.

E é completamente difícil saber conduzir na estrada ou numa cidade. Assim se considera em vários países, tendo a Perfeita Polícia de Paris regulado, em 3 de Junho findo, mais uma vez, o uso dos carros de serviço público no Departamento do Sena, que comporta aquela cidade.

Em Portugal só recentemente se determinou que os táxis deveriam ser visivelmente diferentes dos carros particulares e foram bem escolhidas as cores adoptadas; em todos os países os táxis são carros com um tipo especial, contruídos de forma a ocuparem pouco espaço nos estacionamentos e com disposição para rodarem quase sobre si mesmo, para evitar as manobras difíceis de mudança de direcção. É regra geral no Mundo que o condutor de táxi deverá estar isolado do passageiro por meio de uma janella de vidro, que se abre ou fecha à vontade do utente. Em Lisboa a falta desta disposição permite todos os abusos, o mais grave dos quais é a possibilidade de conversas entre motoristas e passageiros, provocando possíveis faltas de atenção, causadoras de acidentes. Outra anormalidade do táxi de Lisboa é o abuso das telefonias, não para uso dos clientes, mas para distração — perigosa — dos condutores.

Em Paris, para se ser condutor de táxi, é necessário fazer-se um exame diferente do da carta de condução, no qual, além de provas práticas e teóricas, tem de se saber

meu camarote, o que hei-de responder? Que sabia o que se passava entre ti e mim e que ia dizer qualquer coisa ao Magnus?

— Ora, não digas asneiras! — protestei — Não posso dizer nada sobre uma conversa que ignoro. A única pessoa que sabia... era o morto!

— Sim de facto, é assim — concordou ela abanando desesperadamente a cabeça e esfregando as palmas das mãos.

Por um segundo, naquela luz incerta do crepúsculo, o seu rosto pareceu-me envelhecido, terrivelmente envelhecido.

— Não gosto de ver o Magnus sofrer tanto — disse ela de repente mordendo os lábios — E' uma coisa muito estúpida, bem sei, mas não posso vê-lo assim, convencido de que vai morrer por mim, feliz por morrer por minha causa!... Oh, Paul!

— Estás a perder a cabeça — disse eu asperamente — Vai já para casa, e trata de tomar um calmanete pois tens de estar serena e lucida, amanhã no tribunal.

— Senhora Johnson — inquiriu a defesa, em tom calmo — O nome de Rolf Pentecost diz-lhe alguma coisa?

— Sim: é o nome do homem que o meu marido matou!

Um frémito passou por toda a assistência, e senti-me, subitamente aliviado.

— Onde viu Rolf Pentecost pela primeira vez?

Cornélia levantou a cabeça e balbuciou, com os olhos semi-cerrados, como uma criança repetindo a lição aprendida:

— Embarquei em Seattle no «Alaska Star», para voltar a minha casa em Juneau. Na segunda noite de viagem, o criado, Rolf Pentecost, introduziu-se no meu camarote e...

Quando Cornélia foi, novamente, chamada a depor, notei as suas faces coradas e que os olhos brilhavam intensa e vivamente. Nunca a vira assim tão jovem e tão bela. Magnus parecia orgulhoso de que a sua mulher fosse aquela rapariga tão bonita e tão sedutora, e ela olhava para ele como se nunca o tivesse visto, como se fosse aquela a primeira vez em que o descobria verdadeiramente.

— Estava acordada naquela madrugada, pelas cinco horas — começou ela —, quando o «Alaska Star» principiava a manobra para acostar, dando muitos apitos de «serela». Ouvi um ruído de passos que se aproximavam, de alguém que vinha pelo passeio. Levantei-me, fugi pela porta das traseiras e foi então que ouvi um tiro.

— Que horas seriam? — perguntou o juiz.

Eu tremia como varas verdes e aguardava ansiosamente a resposta de Cornélia. Ela abriu a boca, mas não se ouviu nada. O juiz mexeu-se na poltrona, com certa impaciência. Cornélia tentou de novo:

— Eram seis menos vinte!

Pareceu que até a respiração de todos os presentes tinha sido suspensa, mas logo se ouviu um murmúrio geral. Senti que minhas costas se me cobriam de um suor frio, escorrendo ao longo da espinha.

— Senhora Johnson, permita lembrar-lhe que, segundo o depoimento de outra testemunha, o seu marido não abandonou o trabalho até às seis da manhã. Chamo a sua atenção para o facto de se encontrar sob juramento. Quero lembrá-lo isto antes de lhe perguntar, de novo, a que horas ouviu aquele tiro?

— As seis menos vinte, tenho absoluta certeza!

O advogado de defesa levantou a cabeça, perplexo, e aproximou-se do promotor de Justiça, com quem trocou algumas palavras em voz baixa. Com um gesto de mão, o magistrado mandou-os calar.

— O que eu quero dizer — prosseguiu Cornélia, procurando abafar o ruído de vozes que já enchia a sala do tribunal — O que eu quero dizer

O juiz ordenou silêncio e toda a assistência obedeceu.

— Bem, o homem contra quem o meu marido disparou já estava morto.

E, voltando-se na cadeira, ela olhou fixamente para mim. — Não tenho sido uma boa esposa — murmurou —. Naquela noite havia mais alguém na minha casa...

A velha prisão está, agora toda em alvoroço, e só se ouve o ruído de serras e de martelos por todo o lado. Todo o dia, passam de um lado para o outro troncos muito grossos. Os carpinteiros andam muito atarefados na construção de uma forca. Compreende-se que se sintam nervosos e um tanto atrapalhados. E' que se trata do primeiro homem que vai ser enforcado no território do Alaska. E esse homem sou eu!

PUBLICAÇÕES

«Roteiro da História»

Dirigida pelo jornalista e escritor Américo Faria, saiu o primeiro numero do «Roteiro da História» referente a Setembro corrente, e que substitui a desaparecida publicação «Ronda da História».

O novo mensário, de magnifico aspecto gráfico e impresso em bom papel, tem a capa a três cores e 48 páginas, duas das quais com ilustrações de acontecimentos estranhos ou pitorescos.

No seu excelente e valioso sumário constam, entre outros de grande interesse, os artigos: «A morte por lapidação de Laís a «Eleita» de Corinto», «Janizaros, terrível elemento do império turco», «Origem remota da escravidão», «Foi Gilles de Rais o autêntico Barba Azul?», «Criação do Estado da Bolívia», «A filha de Mata Hari morreu como a mãe fuzilada», «Absurdos na história de D. Afonso Henriques», «Margarida de Anjou, infeliz rainha da Inglaterra», «D. Rodrigo, último rei godo na Espanha», «Jesus foi mal julgado», «Porque não casou Alfredo Nobel?», «O astuto Luís XI da França e o seu biógrafo Commines», «A famosa estátua de Vénus», etc.

GIACOMO COSTA FU ANDREA

G E N O V A

N A P O L E S e G E N O V A

RIO, SANTOS, MONTEVIDEO
e B. AIRES

em 8 de Outubro

T/N «FEDERICO C»



OS AGENTES GERAIS

SOCIEDADE COMERCIAL, OREY, ANTUNES & CIA. LTD.

Praça Duque da Terceira, 4

LISBOA

Telet 22272

em 24 Setembro

M/N «ANNA C»

Telgm. Antunita

O RISO DA SEMANA

NO BANCO



— Fechem a porta...

Vá lá a ver...

Discutiam o dois qual pesava mais: um quilo de chumbo ou um quilo de algodão?

— Pesam o mesmo disse um.

A certa altura, já sem mais argumentos obtemperou o outro: — Vamos fazer uma experiência; eu fico cá em baixo, tu sobes lá cima àquele quinto andar e atiras um quilo de algodão sobre a minha cabeça. Em seguida subo eu, ficas tu cá em baixo e eu atiro-te um quilo de chumbo à cabeça. O que resistir melhor ganha dez contos.

Quem tem razão Uma injustiça!

Arquimedes, que era sem dúvida um grande sábio, sabia todavia muito menos que um miúdo do nosso tempo.

Arquimedes descobriu que um corpo debaixo de água sofre um empurrão de baixo para cima, mas eu já tenho visto, por aí nessas praias, que quando se quer meter um garoto dentro de água é preciso dar-lhe dois empurrões de cima para baixo.

Mas, afinal, quem tem razão? Arquimedes ou o garoto?

Perguntar por perguntar

Um país onde não há pena de morte pode ter poder executivo?

É possível vestir um sobretudo sem nada por baixo?

Uma pequena má pode ser boa?

Antes que se vista o vestido o vestido já é vestido?

A liberdade de pensamento pode ser presa?

Se ninguém gosta de apanhar uma doença para que é que a apanha?

SEM PALAVRAS



A casaca emprestada

Eram dois grandes amigos, dois verdadeiros amigos: o Pepe e o Juca. O Pepe era pobre e o Juca era rico. Rico mas muito agarrado. Não havia ninguém que se pudesse gabar de ter recebido um presente, uma dádiva qualquer daquele unhas de jome. Mas era um bom amigo, sempre muito amigo do seu amigo.

Um dia o Pepe, em vias de engatar namora com uma colega da Faculdade, tinha urgente necessidade de ir a certo baile, a que também ia o Juca, onde sabia que poderia encontrar-se com a deusa dos seus sonhos, mas havia uma dificuldade insuperável: o baile era a rigor e o Pepe não podia apresentar outra indumentária que não fosse um fato já muito coçado.

— Só tu, disse ele, me podes resolver este problema. Tens duas casacas e se me emprestares a mais velha está o caso remediado.

E o Juca emprestou a casaca e foram os dois ao baile.

A animação foi enorme mas foi também uma noite de tormento para o Pepe, porque o Juca constantemente o perseguia com intempestivas recomendações:

— Olha lá esse criado que te pinga de «Kup»...

— Não te encostes à parede que me sujas a casaca...

— Não me des cabo da casaca.

— Oh! Pepe, olha lá essa bandeja de gelados que me pinga a casaca toda...

O Pepe já não podia mais e a certa altura desapareceu, para no dia seguinte invectivar o amigo que tão afrontosamente o tinha vezado, diante de toda a gente.

E o Juca desculpava-se e jurava que impensadamente procedera e, para convencer o amigo do seu arrependimento, fê-lo jurar que para outra vez se serviria novamente da

sua casaca e que, acontecesse o que acontecesse, ele nem pestanejaria. A sua boca não se abriria nem que visse um criado despejar-lhe em cima a terrina da salada de frutas.

Passado pouco tempo, novo baile e novo empréstimo da casaca.

O Juca era uma pessoa de bem, cumpria sempre a sua palavra e era, sobretudo, um bom amigo.

Como quer que lhe parecesse, porém, que o Pepe não andava à vontade, com aquela fraca naturalidade de quem não se sente bem dentro duma casaca que não é sua, começou a estar apreensivo e resolveu resgatar-se das gafes do primeiro baile pondo o amigo inteiramente à vontade. E então era uma scie constante:

— Ó Pepe, não penses nisso.

— Ó Pepe, não te preocupes, pinga a casaca à tua vontade.

— Deixa-te de acanhamentos, faze de conta que a casaca é tua.

E também desta vez o Pepe não foi até o fim do baile...

Rapariga moderna

Aquela pequena despenteada, com as saias na cintura e o decote nos joelhos, e os modos agitados de quem anda a candidatar-se ao «Julio de Matos», tão moderna, enfim, tão teddy-boy como as que o são, só era possível fazê-la corar espetando-lhe um alfinete de dois centímetros numa nádega...

Aldrabões

Eles eram ambos dois grandes aldrabões cujo negócio consistia em vender livrinhos de apontamentos.

Dizia um:

— Não sei como é que tu podes ganhar mais dinheiro do que eu, se eu também roubo o papel, o cartão e a cola.

— É que eu roubo os livrinhos já feitos.

SEM PALAVRAS



O lamanho dos pasteis

Quando os pasteis aumentavam de preço diminuam de tamanho. A coisa chegou a ponto que a D. Perpétua telefonara para a pastelaria da esquina a dizer:

— Mande-me uma dúzia de pasteis de nata, mas se eu já tiver saído quando o marçano cá chegar, diga-lhe que os meta pelo buraco da fechadura.

PANICO!

Há grande agitação no céu porque já são tantos os satélites que começam a reacar que não haja espaço para tantos malucos.

Austeridade!...

Era um homem tão austero que, quando naquele cortejo histórico, passava Lady Godiva apenas balbuciou:

— Que lindo cavalo!

Isboçam-se os primeiros sintomas de que todos querem a posse da Lua.

(Dos jornais)

Caro leitor, cá estou eu, Sem trapaça ou falcatura, A dizer sem escarcéu Que, como bom europeu, Não quero terras na Lua.

No satélite as não quero Nem do céu em qualquer parte E aqui declaro e assevero Que, p'ra mim, tudo isso é zero Em Vénus, Saturno ou Marte.

Que vá p'ra lá quem quizer, Através do céu profundo, Porque eu sempre hei-de dizer Que nunca pensei em qu'rer Abandonar este Mundo.

Pois se eu nunca quis sair Da terra enquanto habitada Muito me havia de rir Se p'ra a Lua quisesse ir Sendo a Terra despejada.

Sim, leitor, porque eu prevejo Que isto aqui sem pessoal Após completo despejo É que vai ser, como almejo, Paraíso terreal...

ALFREDO FRANÇA

Ganhar pela certa

— Quer ganhar 250\$00 escudos, aqui á beira do rio, em menos de um fósforo?

— Se quero...

— Então puxe do isqueiro, acenda o cigarro ao pé do guarda fiscal e antes que ele se aproxime a perguntar pela licença, que você não tem, atire-o ao rio (o isqueiro, claro!) e ponha-se a rir, porque sem apreender o isqueiro não há nada feito. E são 250\$00 que você ganha.

UM FILÓSOFO

Aquele «barman» era um verdadeiro filósofo. Quando fechava o estabelecimento, recolhia carteiras, malas, canetas, gabardinas, etc., esquecidas pelos clientes. E só tinha este simples comentário: — Coitados! Bebem para esquecer.

Cena da praia

Dizia ela para o seu admirador:

— Que tal acha o meu «maillot»?

— Qual «maillot»?

— Este que eu trago vestido.

— Ah! não tinha visto... Desse tamanho...

EPICURISTA

Procurava gozar todos os prazeres da vida e se alguém o censurava por isso, metendo-lhe medo com a morte, ele explicava sempre:

— Os médicos também precisam de viver...

Alta filosofia

Só há uma maneira de um homem conservar uma mulher de quem gosta: Deixar de gostar dela.

ENGOLIU O APITO

Naquele jogo de futebol o árbitro estava tão indignado que não conseguiu fazer parar o jogo, porque quando o quis fazer deu um suspiro tão fundo que engoliu o apito.

O médico era de opinião que no dia seguinte talvez ele já conseguisse apitar.

FORA DE HORA



— Eu tenho energia a mais. Alice, mas só me chega sempre á hora da saída!

19-9-959

124

Textos

Maria Helena da Costa Dias e Augusto da Costa Dias

Ilustrações

Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

TEMAS CINEMATOGRAFICOS

O CINEMA NA SOCIEDADE DO TEMPO

Realização de
JOSÉ CARLOS DE MORAIS
(15 anos)

Há cerca de dois séculos iniciou-se um movimento que é conhecido na historiografia científica por Revolução Industrial. A ele, e em toda a história da Humanidade, só é comparável a Revolução Urbana, do período Neolítico, e que, incompreensivelmente, parece não merecer a mais leve referência nos cursos liceais e pré-universitários. Devido ao carácter narrativo que o ensino da História apresenta no nosso País, os estudantes consideram a Revolução Industrial um facto passado, semelhante á subida ao trono deste ou daquele rei, a um tratado ou a uma batalha. Esquecem-se de que vivem em pleno industrialismo, numa época profundamente marcada por novas condições económicas e sociais.

Todos nós nos debatemos num período histórico sem precedentes, que revolucionou a

face do Mundo e permite antever novas e enormes transformações. O passado tornou-se irreconhecível, o presente caracteriza-se pela instabilidade, e o de vir, suscitando dúvidas e esperanças, é para muitos um enigma.

Foi nesta época que uma nova arte — o Cinema se criou, desenvolveu e adquiriu papel importante na vida quotidiana dos seus contemporâneos. Venit, vident, vincit.

A arte cinematográfica é um produto do desenvolvimento das técnicas e do industrialismo. É uma época, define-a. A sua acção faz-se sentir na educação dos povos. O Cinema é uma necessidade social e tem por missão aproximar as ideias e estabelecer relações amigáveis entre as nações. «Que outra arte pode traduzir melhor o dinamismo do nosso mundo moderno?» (Chaplin).

Infelizmente não é compreendida no seu verdadeiro significado. O Cinema é procurado por autênticas multidões que nele vêem apenas uma diversão, e nunca um veículo cultural. Mas isto dá-se com todas as artes. Na literatura os romances de capa e espada são lidos por todo o Mundo e as obras de verdadeiros escritores põem-nas de parte. E na música, quantos nunca ouviram Wagner, Bach ou Prokofiev, e sabem de cor as letras de fados e cantigas.

Os males do Cinema não partem sómente dos que o vêem, mas também dos que o fazem, dos que se servem dele na mira de lucro ou de interesse pessoal. Actualmente até já é utilizado na propaganda política e, durante muito tempo, a arte cinematográfica parecia

(Continua na página seguinte)

GIGANTES DE PORTUGAL

NO TEMPO DO LUNIK II

No tempo em que o homem consegue, finalmente, arremessar um pedaço do seu engenho para fora do planeta em que há centenas de milhares de anos tem estado prisioneiro, cometendo a maior proeza do século XX (até 1959, Setembro, será preciso marcar bem, pois não se sabe o que nos reservará a Ciência até ao fim do ano) — á chegada dum projectil á Lua; nesta altura vem a propósito lembrar o grande Português que praticou a maior proeza do século XVI no domínio da descoberta da Terra.

Embora ao serviço de um soberano que não o português (mas em grande parte por culpa dos dirigentes do nosso País) — o seu feito faz parte integrante da herança que legámos aos homens de hoje e recordá-lo é recordar aos jovens da Era do Lunik II que as grandes proezas pacíficas são o resultado de muito estudo, muito trabalho, muita dedicação generosa. Só eles poderão reconduzir-nos áquela época, velha de 400 anos, em que ocupávamos um lugar de vanguarda na Ciência.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao dia 25 de Setembro, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento e numero de ficheiro (caso o tenham já), bem como da indicação dos três artigos que mais lhe agradaram.

Além dos prémios habituais, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande Português que homenageamos.



E' ERRADO SEPARAR O QUE ESTA' UNIDO

O «Juvenil» sente grande júbilo pelo interesse que o depoimento do Amigo n.º 35 — José Carlos de Moraes, está a despertar. Na realidade, o excelente artigo deste jovem continua a estimular os nossos leitores á crítica e esta semana recebemos mais três dignas de publicação.

Pertencem elas aos Amigos n.º 365 — Maria Guilhermina Claro Lobato; n.º 1075 — Luis Manuel Vieira e n.º 266 — José Luis de Abreu Cotrim.

Hoje vamos comentar, como habitualmente, a crítica que acabamos de publicar, da autoria do Amigo n.º 357 — Armando Hasse Ferreira.

O primeiro facto a assinalar (como exemplo para adultos) é a forma elevada e correcta como o nosso amigo desenvolveu a sua crítica. Para além da estimulante divergência de ideias entre crítico e criticado, o Armando Delfim viu o mundo de coisas que os aproxima — desde a fraternidade humana ao ideal de uma vida melhor, pacífica, lucida e digna.

A sua crítica veio agitar ideias da maneira mais fecunda; e por isso mesmo a minha obrigatória intervenção procura apenas (tal como já fiz com o José Carlos) trazer ao de cima qualquer problema ou qualquer pequena verdade que mais utilidade possa ter para esta troca de pontos de vista.

Afirma o Hasse Ferreira que o progresso «não é o resultado de uma maior ou menor produção industrial ou agrícola, de maior ou menor aperfeiçoamento dos meios de comunicação»; e que tal progresso, quanto a ele, é de considerar mais no aspecto intelectual e principalmente moral. Há aqui erro? Há um exagero e um defeito metodológico.

Porquê defeito metodológico? Porque o progresso é formado por um complexo de elementos, é aquilo que, em filosofia, se designa por «processo». «Processo é um conjunto de fenómenos intimamente ligados, tal como os componentes de um sistema solar». Esses componentes ou factores são de natureza económica, política, social, científica, técnica, moral, intelectual. Todos são solidários; todos resultaram da mesma origem: a actividade e as virtualidades humanas.

Não se pode, pois, separar o que está unido. Reduzir a origem do progresso a fontes meramente es-

(Continua na página seguinte)

Canção do bicho do mato

por MARIA DA PIEDADE GÂNDARA (20 anos)

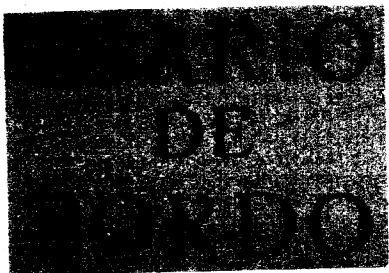
Ninguém o procura.
Vive longe do Mundo
Sózinho no mato
De todos tem medo
De todos se esconde
Se eu falo nele
Todos me respondem:
«E feio, é mau, é bicho do mato!»
E todos se afastam...
Todos o desprezam...
Ninguém se importa
Com o bicho do mato.
Quero falar com ele
E logo me assustam:
«Então não tens medo?»
Olha que ele é mau,
É bicho do mato!»

Então e a alma do bicho do mato?

Ninguém a procura



AMIGO N.º 1580



OS CAVALEIROS da TÁVOLA REDONDA



Amigo n.º 246 — Maria Fernanda de Brito e Silva (Amadora): Bem-vinda, Amiga! Claro que podes colaborar, e com toda a satisfação que te sabemos de volta ao nosso País e ao nosso Juvenil. Tomei nota da morada. Claro que não roubas nada ao estudo; como muito bem dizes, o jornal «é também uma fonte de cultura e conhecimentos». Ainda bem que pensas assim, pois esse é o nosso desejo.

Amigo n.º 433 — Maria Virginia Cerdeira (Sintra): Deve haver um certo engano na tua referência aos prémios. Quando os atribuímos, temos em conta a idade e o desenvolvimento intelectual e mental do premiado. Se qualquer lapsos, às vezes, e muito raramente isso acontece, e por indicação errada da idade do concorrente. Levamos o nosso escrupulo ao ponto de não atribuímos prémios a jovens que não indiquem a data do nascimento. Também não nos importamos de trocar os prémios, se por acaso eles não agradam ao premiado, que mais queres? Claro que os livros a que te referes já tem sido oferecidos; mas não o podem ser continuamente, bem entendido. Mas... obrigado pelas ideias, ficamos, pelo menos, sabendo o livro que te devemos dar, quando tores premiado.

Amigo n.º 1.656 — Francisco Manuel Bastardinho (Albureira): Nem todos os Amigos que acertam são premiados. Já pensaste o que seria preciso ter de livros para o poder fazer? Infelizmente, somos forçados a tirar a sorte, com excepção do prémio especial que é atribuído ao melhor trabalho sobre o Gigante da Humanidade. Temos agora, por alvitre dum Amigo nosso, um novo prémio: para o trabalho mais votado na respectiva semana. Não achas bem?

Amigo 1.273 — Antonio Ramires (Olhão): Os livros a que te referes demoraram-se, por férias do editor em questão. Mas já os devês ter recebido, não?

Amigo 1.133 — Manuel Bandeira (Faro): Já receberam os prémios, aí em casa? Não esqueças de nos indicar a chegada deles, sim?

Amigo 1.665 — Maria Manuel Vitorino de Sousa (Faro): Este é que é o teu número e não o que indicavas.

Amigo 941 — Vitor Manuel Veloso da Silva (Porto): Acho boa ideia de troares conhecimento com o Heitor. A amizade entre os jovens, por intermédio do Juvenil, não pode dar-se bons resultados, pois são todos uns jovens com interesse. Aí vai a morada dele: R. Monte de Burgos, 882. Procura-o, da nossa parte, sim?

Amigo n.º 1.580 — Maria da Piedade Gândarez (Lisboa): Nem imaginas como ficamos satisfeitos com as tuas melhoras. Penso que seria bom que te arranjássemos alguns correspondentes, para te ajudarem a passar o tempo. Achas bem? Claro que não irias manter uma correspondência fatigante; mas apenas distractiva, que creio, bem precisas. Manda dizer se te agrada a ideia, sim? Os nossos afazeres nem nos deixam um pouco de tempo para o podermos fazer nós; e bem gostaríamos de poder «conversar» um pouco contigo! Por isso nos lembramos de alguns Amigos de mais interesse e mais dedicação. Que pensas? Se sincera, pois de outro modo ficaríamos aborrecidos.

Vosso amigo TROTE

O começar das aulas

Dentro em breve vai iniciar-se um novo ano lectivo, um novo ano de trabalho em que todos os jovens necessitam de ser ajudados na sua tarefa.

Aos jovens do 2.º ciclo e aos do 3.º que tenham a cadeira de História, recomendamos, mais uma vez, a melhor colecção, no género, que se publica em Portugal:

A Vida Quotidiana

Que já publicou 6 volumes relativos a GRÉCIA NO TEMPO DE HOMERO EGIPTO NO TEMPO DOS FARAÓS CARTAGO NO TEMPO DE ANIBAL FRANÇA NO TEMPO DE JOANA D'ARC

aos Aztecas e aos Incas. SÃO EDIÇÕES:

LIVROS DO BRASIL

Amigo n.º 433 — Maria Virginia Cerdeira (Sintra): Deve haver um certo engano na tua referência aos prémios. Quando os atribuímos, temos em conta a idade e o desenvolvimento intelectual e mental do premiado. Se qualquer lapsos, às vezes, e muito raramente isso acontece, e por indicação errada da idade do concorrente. Levamos o nosso escrupulo ao ponto de não atribuímos prémios a jovens que não indiquem a data do nascimento. Também não nos importamos de trocar os prémios, se por acaso eles não agradam ao premiado, que mais queres? Claro que os livros a que te referes já tem sido oferecidos; mas não o podem ser continuamente, bem entendido. Mas... obrigado pelas ideias, ficamos, pelo menos, sabendo o livro que te devemos dar, quando tores premiado.

Amigo n.º 1.656 — Francisco Manuel Bastardinho (Albureira): Nem todos os Amigos que acertam são premiados. Já pensaste o que seria preciso ter de livros para o poder fazer? Infelizmente, somos forçados a tirar a sorte, com excepção do prémio especial que é atribuído ao melhor trabalho sobre o Gigante da Humanidade. Temos agora, por alvitre dum Amigo nosso, um novo prémio: para o trabalho mais votado na respectiva semana. Não achas bem?

Amigo 1.273 — Antonio Ramires (Olhão): Os livros a que te referes demoraram-se, por férias do editor em questão. Mas já os devês ter recebido, não?

Amigo 1.133 — Manuel Bandeira (Faro): Já receberam os prémios, aí em casa? Não esqueças de nos indicar a chegada deles, sim?

Amigo 1.665 — Maria Manuel Vitorino de Sousa (Faro): Este é que é o teu número e não o que indicavas.

Amigo 941 — Vitor Manuel Veloso da Silva (Porto): Acho boa ideia de troares conhecimento com o Heitor. A amizade entre os jovens, por intermédio do Juvenil, não pode dar-se bons resultados, pois são todos uns jovens com interesse. Aí vai a morada dele: R. Monte de Burgos, 882. Procura-o, da nossa parte, sim?

Amigo n.º 1.580 — Maria da Piedade Gândarez (Lisboa): Nem imaginas como ficamos satisfeitos com as tuas melhoras. Penso que seria bom que te arranjássemos alguns correspondentes, para te ajudarem a passar o tempo. Achas bem? Claro que não irias manter uma correspondência fatigante; mas apenas distractiva, que creio, bem precisas. Manda dizer se te agrada a ideia, sim? Os nossos afazeres nem nos deixam um pouco de tempo para o podermos fazer nós; e bem gostaríamos de poder «conversar» um pouco contigo! Por isso nos lembramos de alguns Amigos de mais interesse e mais dedicação. Que pensas? Se sincera, pois de outro modo ficaríamos aborrecidos.

Vosso amigo TROTE

Amigo n.º 1.656 — Francisco Manuel Bastardinho (Albureira): Nem todos os Amigos que acertam são premiados. Já pensaste o que seria preciso ter de livros para o poder fazer? Infelizmente, somos forçados a tirar a sorte, com excepção do prémio especial que é atribuído ao melhor trabalho sobre o Gigante da Humanidade. Temos agora, por alvitre dum Amigo nosso, um novo prémio: para o trabalho mais votado na respectiva semana. Não achas bem?

Amigo 1.273 — Antonio Ramires (Olhão): Os livros a que te referes demoraram-se, por férias do editor em questão. Mas já os devês ter recebido, não?

Amigo 1.133 — Manuel Bandeira (Faro): Já receberam os prémios, aí em casa? Não esqueças de nos indicar a chegada deles, sim?

Amigo 1.665 — Maria Manuel Vitorino de Sousa (Faro): Este é que é o teu número e não o que indicavas.

Amigo 941 — Vitor Manuel Veloso da Silva (Porto): Acho boa ideia de troares conhecimento com o Heitor. A amizade entre os jovens, por intermédio do Juvenil, não pode dar-se bons resultados, pois são todos uns jovens com interesse. Aí vai a morada dele: R. Monte de Burgos, 882. Procura-o, da nossa parte, sim?

Amigo n.º 1.580 — Maria da Piedade Gândarez (Lisboa): Nem imaginas como ficamos satisfeitos com as tuas melhoras. Penso que seria bom que te arranjássemos alguns correspondentes, para te ajudarem a passar o tempo. Achas bem? Claro que não irias manter uma correspondência fatigante; mas apenas distractiva, que creio, bem precisas. Manda dizer se te agrada a ideia, sim? Os nossos afazeres nem nos deixam um pouco de tempo para o podermos fazer nós; e bem gostaríamos de poder «conversar» um pouco contigo! Por isso nos lembramos de alguns Amigos de mais interesse e mais dedicação. Que pensas? Se sincera, pois de outro modo ficaríamos aborrecidos.

Vosso amigo TROTE

Amigo n.º 1.656 — Francisco Manuel Bastardinho (Albureira): Nem todos os Amigos que acertam são premiados. Já pensaste o que seria preciso ter de livros para o poder fazer? Infelizmente, somos forçados a tirar a sorte, com excepção do prémio especial que é atribuído ao melhor trabalho sobre o Gigante da Humanidade. Temos agora, por alvitre dum Amigo nosso, um novo prémio: para o trabalho mais votado na respectiva semana. Não achas bem?

Amigo 1.273 — Antonio Ramires (Olhão): Os livros a que te referes demoraram-se, por férias do editor em questão. Mas já os devês ter recebido, não?

Amigo 1.133 — Manuel Bandeira (Faro): Já receberam os prémios, aí em casa? Não esqueças de nos indicar a chegada deles, sim?

Amigo 1.665 — Maria Manuel Vitorino de Sousa (Faro): Este é que é o teu número e não o que indicavas.

Amigo 941 — Vitor Manuel Veloso da Silva (Porto): Acho boa ideia de troares conhecimento com o Heitor. A amizade entre os jovens, por intermédio do Juvenil, não pode dar-se bons resultados, pois são todos uns jovens com interesse. Aí vai a morada dele: R. Monte de Burgos, 882. Procura-o, da nossa parte, sim?

Amigo n.º 433 — Maria Virginia Cerdeira (Sintra): Deve haver um certo engano na tua referência aos prémios. Quando os atribuímos, temos em conta a idade e o desenvolvimento intelectual e mental do premiado. Se qualquer lapsos, às vezes, e muito raramente isso acontece, e por indicação errada da idade do concorrente. Levamos o nosso escrupulo ao ponto de não atribuímos prémios a jovens que não indiquem a data do nascimento. Também não nos importamos de trocar os prémios, se por acaso eles não agradam ao premiado, que mais queres? Claro que os livros a que te referes já tem sido oferecidos; mas não o podem ser continuamente, bem entendido. Mas... obrigado pelas ideias, ficamos, pelo menos, sabendo o livro que te devemos dar, quando tores premiado.

Amigo n.º 1.656 — Francisco Manuel Bastardinho (Albureira): Nem todos os Amigos que acertam são premiados. Já pensaste o que seria preciso ter de livros para o poder fazer? Infelizmente, somos forçados a tirar a sorte, com excepção do prémio especial que é atribuído ao melhor trabalho sobre o Gigante da Humanidade. Temos agora, por alvitre dum Amigo nosso, um novo prémio: para o trabalho mais votado na respectiva semana. Não achas bem?

Amigo 1.273 — Antonio Ramires (Olhão): Os livros a que te referes demoraram-se, por férias do editor em questão. Mas já os devês ter recebido, não?

Amigo 1.133 — Manuel Bandeira (Faro): Já receberam os prémios, aí em casa? Não esqueças de nos indicar a chegada deles, sim?

Amigo 1.665 — Maria Manuel Vitorino de Sousa (Faro): Este é que é o teu número e não o que indicavas.

Amigo 941 — Vitor Manuel Veloso da Silva (Porto): Acho boa ideia de troares conhecimento com o Heitor. A amizade entre os jovens, por intermédio do Juvenil, não pode dar-se bons resultados, pois são todos uns jovens com interesse. Aí vai a morada dele: R. Monte de Burgos, 882. Procura-o, da nossa parte, sim?

Amigo n.º 1.580 — Maria da Piedade Gândarez (Lisboa): Nem imaginas como ficamos satisfeitos com as tuas melhoras. Penso que seria bom que te arranjássemos alguns correspondentes, para te ajudarem a passar o tempo. Achas bem? Claro que não irias manter uma correspondência fatigante; mas apenas distractiva, que creio, bem precisas. Manda dizer se te agrada a ideia, sim? Os nossos afazeres nem nos deixam um pouco de tempo para o podermos fazer nós; e bem gostaríamos de poder «conversar» um pouco contigo! Por isso nos lembramos de alguns Amigos de mais interesse e mais dedicação. Que pensas? Se sincera, pois de outro modo ficaríamos aborrecidos.

Vosso amigo TROTE

Amigo n.º 1.656 — Francisco Manuel Bastardinho (Albureira): Nem todos os Amigos que acertam são premiados. Já pensaste o que seria preciso ter de livros para o poder fazer? Infelizmente, somos forçados a tirar a sorte, com excepção do prémio especial que é atribuído ao melhor trabalho sobre o Gigante da Humanidade. Temos agora, por alvitre dum Amigo nosso, um novo prémio: para o trabalho mais votado na respectiva semana. Não achas bem?

Amigo 1.273 — Antonio Ramires (Olhão): Os livros a que te referes demoraram-se, por férias do editor em questão. Mas já os devês ter recebido, não?

Amigo 1.133 — Manuel Bandeira (Faro): Já receberam os prémios, aí em casa? Não esqueças de nos indicar a chegada deles, sim?

Amigo 1.665 — Maria Manuel Vitorino de Sousa (Faro): Este é que é o teu número e não o que indicavas.

Amigo 941 — Vitor Manuel Veloso da Silva (Porto): Acho boa ideia de troares conhecimento com o Heitor. A amizade entre os jovens, por intermédio do Juvenil, não pode dar-se bons resultados, pois são todos uns jovens com interesse. Aí vai a morada dele: R. Monte de Burgos, 882. Procura-o, da nossa parte, sim?

Amigo n.º 1.580 — Maria da Piedade Gândarez (Lisboa): Nem imaginas como ficamos satisfeitos com as tuas melhoras. Penso que seria bom que te arranjássemos alguns correspondentes, para te ajudarem a passar o tempo. Achas bem? Claro que não irias manter uma correspondência fatigante; mas apenas distractiva, que creio, bem precisas. Manda dizer se te agrada a ideia, sim? Os nossos afazeres nem nos deixam um pouco de tempo para o podermos fazer nós; e bem gostaríamos de poder «conversar» um pouco contigo! Por isso nos lembramos de alguns Amigos de mais interesse e mais dedicação. Que pensas? Se sincera, pois de outro modo ficaríamos aborrecidos.

Vosso amigo TROTE

Amigo n.º 1.656 — Francisco Manuel Bastardinho (Albureira): Nem todos os Amigos que acertam são premiados. Já pensaste o que seria preciso ter de livros para o poder fazer? Infelizmente, somos forçados a tirar a sorte, com excepção do prémio especial que é atribuído ao melhor trabalho sobre o Gigante da Humanidade. Temos agora, por alvitre dum Amigo nosso, um novo prémio: para o trabalho mais votado na respectiva semana. Não achas bem?

Amigo 1.273 — Antonio Ramires (Olhão): Os livros a que te referes demoraram-se, por férias do editor em questão. Mas já os devês ter recebido, não?

Amigo 1.133 — Manuel Bandeira (Faro): Já receberam os prémios, aí em casa? Não esqueças de nos indicar a chegada deles, sim?

Amigo 1.665 — Maria Manuel Vitorino de Sousa (Faro): Este é que é o teu número e não o que indicavas.

Amigo 941 — Vitor Manuel Veloso da Silva (Porto): Acho boa ideia de troares conhecimento com o Heitor. A amizade entre os jovens, por intermédio do Juvenil, não pode dar-se bons resultados, pois são todos uns jovens com interesse. Aí vai a morada dele: R. Monte de Burgos, 882. Procura-o, da nossa parte, sim?

Amigo n.º 433 — Maria Virginia Cerdeira (Sintra): Deve haver um certo engano na tua referência aos prémios. Quando os atribuímos, temos em conta a idade e o desenvolvimento intelectual e mental do premiado. Se qualquer lapsos, às vezes, e muito raramente isso acontece, e por indicação errada da idade do concorrente. Levamos o nosso escrupulo ao ponto de não atribuímos prémios a jovens que não indiquem a data do nascimento. Também não nos importamos de trocar os prémios, se por acaso eles não agradam ao premiado, que mais queres? Claro que os livros a que te referes já tem sido oferecidos; mas não o podem ser continuamente, bem entendido. Mas... obrigado pelas ideias, ficamos, pelo menos, sabendo o livro que te devemos dar, quando tores premiado.

Amigo n.º 1.656 — Francisco Manuel Bastardinho (Albureira): Nem todos os Amigos que acertam são premiados. Já pensaste o que seria preciso ter de livros para o poder fazer? Infelizmente, somos forçados a tirar a sorte, com excepção do prémio especial que é atribuído ao melhor trabalho sobre o Gigante da Humanidade. Temos agora, por alvitre dum Amigo nosso, um novo prémio: para o trabalho mais votado na respectiva semana. Não achas bem?

Amigo 1.273 — Antonio Ramires (Olhão): Os livros a que te referes demoraram-se, por férias do editor em questão. Mas já os devês ter recebido, não?

Amigo 1.133 — Manuel Bandeira (Faro): Já receberam os prémios, aí em casa? Não esqueças de nos indicar a chegada deles, sim?

Amigo 1.665 — Maria Manuel Vitorino de Sousa (Faro): Este é que é o teu número e não o que indicavas.

Amigo 941 — Vitor Manuel Veloso da Silva (Porto): Acho boa ideia de troares conhecimento com o Heitor. A amizade entre os jovens, por intermédio do Juvenil, não pode dar-se bons resultados, pois são todos uns jovens com interesse. Aí vai a morada dele: R. Monte de Burgos, 882. Procura-o, da nossa parte, sim?

Amigo n.º 1.580 — Maria da Piedade Gândarez (Lisboa): Nem imaginas como ficamos satisfeitos com as tuas melhoras. Penso que seria bom que te arranjássemos alguns correspondentes, para te ajudarem a passar o tempo. Achas bem? Claro que não irias manter uma correspondência fatigante; mas apenas distractiva, que creio, bem precisas. Manda dizer se te agrada a ideia, sim? Os nossos afazeres nem nos deixam um pouco de tempo para o podermos fazer nós; e bem gostaríamos de poder «conversar» um pouco contigo! Por isso nos lembramos de alguns Amigos de mais interesse e mais dedicação. Que pensas? Se sincera, pois de outro modo ficaríamos aborrecidos.

Vosso amigo TROTE

Amigo n.º 1.656 — Francisco Manuel Bastardinho (Albureira): Nem todos os Amigos que acertam são premiados. Já pensaste o que seria preciso ter de livros para o poder fazer? Infelizmente, somos forçados a tirar a sorte, com excepção do prémio especial que é atribuído ao melhor trabalho sobre o Gigante da Humanidade. Temos agora, por alvitre dum Amigo nosso, um novo prémio: para o trabalho mais votado na respectiva semana. Não achas bem?

Amigo 1.273 — Antonio Ramires (Olhão): Os livros a que te referes demoraram-se, por férias do editor em questão. Mas já os devês ter recebido, não?

Amigo 1.133 — Manuel Bandeira (Faro): Já receberam os prémios, aí em casa? Não esqueças de nos indicar a chegada deles, sim?

Amigo 1.665 — Maria Manuel Vitorino de Sousa (Faro): Este é que é o teu número e não o que indicavas.

Amigo 941 — Vitor Manuel Veloso da Silva (Porto): Acho boa ideia de troares conhecimento com o Heitor. A amizade entre os jovens, por intermédio do Juvenil, não pode dar-se bons resultados, pois são todos uns jovens com interesse. Aí vai a morada dele: R. Monte de Burgos, 882. Procura-o, da nossa parte, sim?

Amigo n.º 1.580 — Maria da Piedade Gândarez (Lisboa): Nem imaginas como ficamos satisfeitos com as tuas melhoras. Penso que seria bom que te arranjássemos alguns correspondentes, para te ajudarem a passar o tempo. Achas bem? Claro que não irias manter uma correspondência fatigante; mas apenas distractiva, que creio, bem precisas. Manda dizer se te agrada a ideia, sim? Os nossos afazeres nem nos deixam um pouco de tempo para o podermos fazer nós; e bem gostaríamos de poder «conversar» um pouco contigo! Por isso nos lembramos de alguns Amigos de mais interesse e mais dedicação. Que pensas? Se sincera, pois de outro modo ficaríamos aborrecidos.

Vosso amigo TROTE

Amigo n.º 1.656 — Francisco Manuel Bastardinho (Albureira): Nem todos os Amigos que acertam são premiados. Já pensaste o que seria preciso ter de livros para o poder fazer? Infelizmente, somos forçados a tirar a sorte, com excepção do prémio especial que é atribuído ao melhor trabalho sobre o Gigante da Humanidade. Temos agora, por alvitre dum Amigo nosso, um novo prémio: para o trabalho mais votado na respectiva semana. Não achas bem?

Amigo 1.273 — Antonio Ramires (Olhão): Os livros a que te referes demoraram-se, por férias do editor em questão. Mas já os devês ter recebido, não?

Amigo 1.133 — Manuel Bandeira (Faro): Já receberam os prémios, aí em casa? Não esqueças de nos indicar a chegada deles, sim?

Amigo n.º 1.656 — Francisco Manuel Bastardinho (Albureira): Nem todos os Amigos que acertam são premiados. Já pensaste o que seria preciso ter de livros para o poder fazer? Infelizmente, somos forçados a tirar a sorte, com excepção do prémio especial que é atribuído ao melhor trabalho sobre o Gigante da Humanidade. Temos agora, por alvitre dum Amigo nosso, um novo prémio: para o trabalho mais votado na respectiva semana. Não achas bem?

Amigo 1.273 — Antonio Ramires (Olhão): Os livros a que te referes demoraram-se, por férias do editor em questão. Mas já os devês ter recebido, não?

Amigo 1.133 — Manuel Bandeira (Faro): Já receberam os prémios, aí em casa? Não esqueças de nos indicar a chegada deles, sim?

Amigo 1.665 — Maria Manuel Vitorino de Sousa (Faro): Este é que é o teu número e não o que indicavas.

Amigo 941 — Vitor Manuel Veloso da Silva (Porto): Acho boa ideia de troares conhecimento com o Heitor. A amizade entre os jovens, por intermédio do Juvenil, não pode dar-se bons resultados, pois são todos uns jovens com interesse. Aí vai a morada dele: R. Monte de Burgos, 882. Procura-o, da nossa parte, sim?

QUAL É A COISA QUAL É ELA?

Eis mais outra adivinha do rico manancial do nosso povo, que tiramos do livro da autoria de Fernando Pires de Lima «Qual é a coisa, qual é ela?» — publicado pela Portugália Editora:

Que é, que é
Que na boca tem o pé?

As respostas devem estar no Juvenil até ao próximo dia 25, sexta-feira, acompanhadas do nome completo, morada, data do nascimento (se são novos) e o numero de ficheiro (se já o têm). Devem mandar, também, a indicação dos três artigos que mais lhes agradaram na semana respectiva.

Soluções dos Concursos do n.º 123
Grandes figuras da Humanidade:
BORGES CARNEIRO

Qual é a coisa, qual é ela?:
A CARTA

VENCEDORES

- 1.º — Amigo n.º 702 — Maria de Fatima Oliveira Lourenço (Lisboa).
- 2.º — Amigo n.º 1160 — Maria Beatriz Goulard da Silva (Lisboa).
- 3.º — Amigo n.º 1239 — Maria Adelina Peça (Leiria).
- 4.º — Amigo n.º 1524 — José Coelho Pencarinha (Loulé).
- 5.º — Luisa Maria C. Cathau (Lisboa).
- 6.º — Amigo n.º 14 — José Coelho Peça (Lisboa).
- 7.º — Amigo n.º 246 — Maria Fernanda de Brito e Silva (Amadora).
- 8.º — Amigo n.º 1028 — Maria Cristina Goulard Silva (Lisboa).
- 9.º — Amigo n.º 1713 — Carlos Alberto Mártires Gonçalves (Lisboa).
- 10.º — Amigo n.º 1208 — Emílio Aquiles de Oliveira (Lisboa).
- 11.º — Amigo n.º 1651 — Vitor Manuel Dias Alves (Ribaldeira).

PRÉMIOS

- 1.º a 4.º — Uma caixa de tintas (guachel) OLCAR, de António de Oliveira & Carmo, Lisboa.
- 5.º — «VIDA QUOTIDIANA NO EGIPTO», por Pierre Montet, de Livros do Brasil, Ld.º.
- 6.º a 9.º — «RATOS E HOMENS», da Colecção MINIATURA, de Livros do Brasil, Ld.º.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE BORGES CARNEIRO:

- 10.º — «HIROSHIMA», da Colecção MINIATURA, de Livros do Brasil, Ld.º.
- 11.º — «LUCY CROWN», de Irwin Shaw, de Livros do Brasil, Ld.º.
- «ADELINE VENCIAN», da Colecção MINIATURA, Livros do Brasil, Ld.º.

PRÉMIO PARA O TRABALHO MAIS VOTADO:

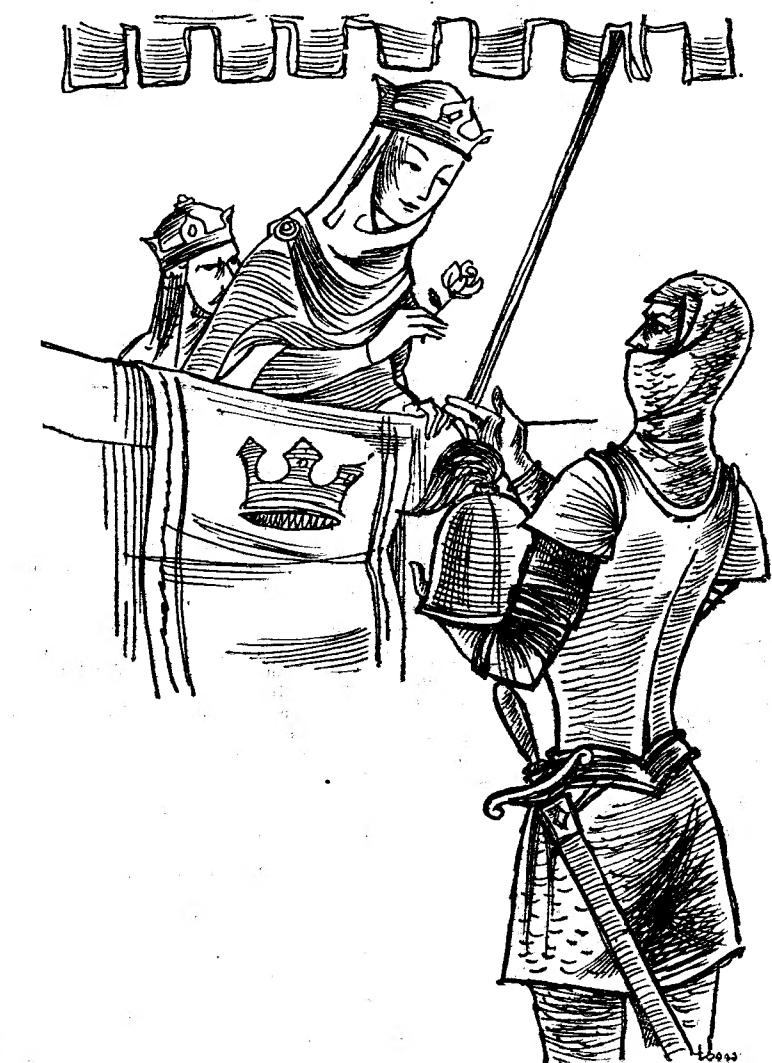
- 13.º — Amigo n.º 1657 — Maria Leonarda Carvalho e Branco (Dafundo).
- «A CASA DO CANAL», da Colecção MINIATURA, de Livros do Brasil, Ld.º.

NOTA: — Todos os prémios destinados a Amigos de Lisboa e arredores podem ser levantados em Lisboa, na Avenida de Roma, 78, 2.º-esq., todos os dias úteis das 9 às 13 e das 15 às 18, mediante identificação do premiado ou de quem se apresente. Os prémios para a província seguirão, como é hábito, pelo correio, cinco dias após a data da publicação.

Todos os prémios seguiram para o correio, com excepção dos prémios dos n.º 120 e 122, que seguirão esta semana. Pedimos a todos os Amigos que acusam a recepção o mais depressa possível.

que o homem tem tutado contra o homem a fim de criar instituições mais livres, mais justas, mais harmonicas em que os ideais éticos encontrem ambiente para se «praticar». Isso mesmo pensas tu quando te propões defender a tese justa de que a técnica deve servir para libertar e não para agrihoar o homem (o que bastantes vezes, aliás, se tem conseguido).

Eu não queria entrar em pormenores; mesmo, porém, na generalidade tenho que suspender a conversa, que eu sou apenas convidado...



É errado separar o que está unido

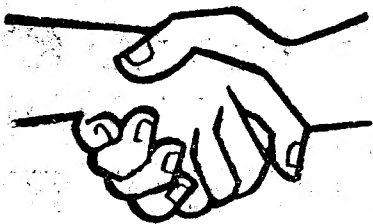
(Continuação da página anterior)
pirituais — é simplificar um fenómeno complexo, é fazer má obra científica.

O Armando Delfim assegura uma verdade: que o progresso técnico é fruto da imaginação criadora (...), é fruto da inspiração. Mas meia verdade apenas: porque a inspiração foi posta em movimento por uma necessidade da vida real (de meios de transportes rápidos, por exemplo, de tecidos em maior quantidade e mais baratos, de aparelhos de rádio mais perfeitos e mais acessíveis, etc.). Estou certo de que o nosso Amigo me dará razão. Na realidade, os dois «inimigos» — «matéria e espírito» — são mais solidários do que se diz. Acorrem fraternalmente às necessidades mutuas: o espírito inventando novos progressos, úteis ao corpo; este acarretando, avultando os auxílios materiais que permitem ao espírito alimentar-se (mais livros, mais universidades, escolas, discos musicais — melhores processos técnicos de os produzir). Eis, pois, dois elementos que, no homem, não convém igualmente apartar.

Este mesmo erro metodológico (que figura isolado, na ideia, e antagónicos elementos que, no dever real da vida, estão profundamente

unidos) — leva o Armando Delfim a terçar armas pelo «homem isolado». Em imaginação, em sonhos, podemos «desembarcar» numa ilha deserta e «sobreviver». Mas o problema na sua raiz é outro: não se trata de desembarcar numa ilha um «homem já apetrechado com uma experiência social de milhares de anos»; o homem deve ir para essa ilha logo á nascença. Se não morrer (hipótese, que lhe acontecerá: «nunca saberia o que era o Amor, a Fraternidade, a Generosidade, a Palavra. Seria um animal com potência humana». Isso mesmo afirma, afinal, mais adiante o nosso Amigo: «O homem viveu sempre em sociedade e só em sociedade pode viver».

E' o mesmo vício metodológico que leva o Armando Hasse Ferreira a considerar «determinismo social» como antagónico da liberdade humana. Ora é precisamente esse determinismo social que tem tornado o homem sucessivamente mais livre das imposições da natureza. A vida em sociedade criou um condicionalismo que não existia entre os puros animais; o homem age, condicionado pelas suas relações com os demais homens; e assim tem transformado a natureza, a sociedade e até ele próprio. E' dentro de tal condicionalismo



1

Regressos ao efectivo

Esta semana tivemos o prazer de ver regressar ao convívio do «Juvenil» velhos amigos que há bastante tempo tinham deixado de nos escrever. Como se tratava de amigos dedicados, estranhámos; agora só desejamos que a sua sua colaboração não sofra interrupções. Eis a correspondência que os «Filhos pródigos» nos enviaram.

Primeiro a amiga n.º 246—Maria Fernanda Brito e Silva:

«Caro Troite:

Depois de regressar de Prís onde estive a estudar, volto de novo a estar convosco. De lá vos mandei um postal a explicar o meu silêncio, embora tarde e a más horas. Desculpe, sim?

Não deixei nunca de ler o «Juvenil» que o meu pai me enviava, mas o tempo que as cartas e jornais gastam para chegar de Lisboa a Paris e vice-versa, não me permitiam responder aos concursos. Estou perdoadada e readmitida, não é verdade?

Agora estou pronta a colaborar cheia de ideias mais frescas, que adquiri em contacto com outras terras, outras gentes.

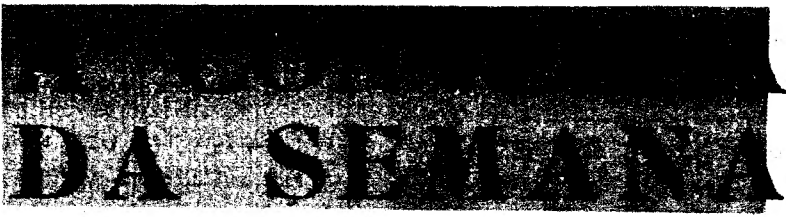
É permitido descrever as impressões que guardo da minha estadia em França?

Agora gozarei ainda alguns dias de férias e depois recomencerei o trabalho de mais um ano lectivo, mas haverá, pode crer, sempre algum tempo para dispensar ao nosso jornal. Não chega a ser roubo ao estudo, porque o «Juvenil» é também uma fonte de conhecimentos e de cultura.

Esperando da sua bondade que me receba e me dê o lugar entre os amigos, etc..»

A Maria Fernanda não necessita de esperar pela minha bondade: tinha o seu lugar marcado e voltou a ocupá-lo. O que estamos, pois, muito interessados é nessa colaboração, refrescada, actualizada no ambiente de uma grande cidade de cultura.

Se podes mandar as tuas impressões de Paris? De certo que podes. Apenas gostaríamos de te sugerir que tentes informar os teus colegas do «Juvenil» acerca da vida da juventude parisiense (possivelmente só tomaste contacto com a estudantil); a) nível de vida; b) nível cultural; c) ambiente de estudo;



d) camaradagem; e) distrações; f) que parte tomam na vida cultural, etc.

Não se trata de um relatório; mas estas informações seriam muito apreciadas no «Juvenil». Como reparaste, fazemos-te uma sugestão. Se a poderes seguir, muito bem; caso contrário, escreve o que mais interessar.

A Maria Teresa Romano Ventura — Amiga n.º 775, diz-nos o seguinte: «Como explicar-te tão longa ausência? É verdade que nem eu posso explicá-la a mim próprio.

Tenho lido todos os sábados o «Juvenil» mas, quanto a escrever...

Estou muito arrependida e peço desculpa, pois sei que o «Juvenil» deve ser feito por todos os jovens e estou a recusar-lhe a minha modestíssima parte.

Peço-vos que me perdoem. Já estou bem castigada! Recusando-me a colaborar, recusei a mim própria um meio de progredir.

Envio agora este artigo. Valerá a pena dizer que estás desculpada? Quando escrevestes sabias bem que isso ia acontecer... O teu artigo será publicado brevemente.

O amigo n.º 941 — Vitor Manuel Veloso da Silva também nos enviou o postal seguinte:

«Deves estar admirado se, por acaso ainda te lembrares de mim, de há longo tempo não receberes notícias minhas — eu, que era um dos mais dedicados amigos do «Juvenil», e que escrevia todas as semanas. O certo é que não me tem sido possível pelo facto dos exames e de ainda este mês ter a Física do 7.º ano e provavelmente a optidão.

Tenho vários artigos alinhavados, mas só os mandarei quando tiver a certeza prévia de que poderão ser publicados. Aliás é sempre assim que tenho feito.

Apesar de não escrever, leio sempre o «Juvenil» e foi por isso que, ao ler na «Conversa da Semana» o que o amigo Heitor Fernando Couto, daqui do Porto, disse, senti o desejo imperioso de escrever para te garantir, a ti e a ele, que poderá haver poucos amigos no Porto, mas os que o são, são-no na verdadeira acepção da palavra.

Peço-te que indiques o meu nome ao Heitor, para aqui podermos contactar. Suponho que alguma coisa poderemos fazer para o engran-

decimento e prestígio do «Juvenil». Obrigado, Vitor! O Heitor Fernando mora na Rua do Monte dos Burgos, 882. Lê o que se segue.

2

Os artigos preferidos e um novo prémio

O amigo n.º 1273 — António Valério Ramires, diz-nos:

«Foi com enorme satisfação que vi publicado no «Juvenil» os votos que obtiveram os artigos de mais agrado. Isto dá-nos satisfação, principalmente aqueles que, como eu, se esforçam por apresentar bons trabalhos».

O António Valério sugere que ao autor do artigo mais votado seja dado um prémio. Concordamos e já esta semana pomos a proposta em prática.

Eis a votação:

Uma caixa de aguarelas	121 votos
Os cavaleiros da Távola Redonda	113 votos
História do teu automóvel	91 votos
O nascer do Sol	73 votos
Um dia de férias	73 votos
O mar	73 votos
Animais, esses desconhecidos	57 votos

Pedimos á Maria Leonarda de Carvalho Branco (autora de «Uma caixa de aguarelas») para ler a secção «Vencedores-Prémios».



(Continuação da página anterior)

destinada a servir a popularidade de determinadas vedetas. O vedetismo, de que temos os velhos exemplos de Greta Garbo e de Rodolfo Valentino, está hoje em decadência, mas não quis morrer sem se vingar. Substituiu-o uma outra doença, talvez ainda pior do que a primeira.

Ouçamos o que diz Georges Sadoul a propósito desta nova praga: «Os serviços de informações dos estudos espalham no Mundo inteiro, além de informações sobre os projectos ou as actividades das vedetas, sistemáticas indiscrições sobre a sua vida privada. Estas indiscrições entretêm o fanatismo de uma categoria especial de americanos, jovens na maioria, os «fanáticos» (ou, em abreviatura, os «fans»), que fazem rigorosa contabilidade do peso, das medidas de peito ou dos animais favoritos das suas divindades. Muitos deles estão agrupados em clubes que se reúnem todas as semanas para discutir estes importantes dados».

O publico precisa de ídolos e vê sempre no cinema, momentos de diversão e de sonho alegre. O espectador exige que o filme termine com o castigo do mau e o encontro feliz dos dois apaixonados. Para se satisfazer esse publico não se hesita em ferir a qualidade artística do filme. O publico exige, é preciso obedecer para que a película não se converta num desastre financeiro.

Infelizmente, esta preferência pelo dinheiro com prejuizo da arte não se dá uma vez, mas quase sempre. O espectáculo, artístico transformou-se num motivo de lucro. É esta a origem dos maus filmes e de uma má educação das camadas juvenis. O Cinema, que tanto pode beneficiar a educação dos povos e é, em ultima análise, a resolução de inumeros problemas actuais, não deve ser usado para efeitos opostos. É realmente necessário que o compreendamos como agente de transformações sociais, como factor educativo e cultural, e que se liberte as massas do fanatismo e os produtores dos interesses egoístas.

Ainda atrevo um passo, mas não! Não posso!

Porquê? Não sei! Não sei o caminho. As crianças continuam a brincar alegremente.

As suas vizinhas finas e frágeis, vão-se apagando devagarinho á medida que me afasto.

O Sol arranha-me, e faz-me correr lágrimas pelos olhos.

Não me importo! Finjo não o sentir.

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

Não sei quem a não conheça. Sempre ligeira e afadigada, por vezes carregada que nem um burrico a caminho do moinho. Tão conhecida é que ficou na história, naquela fábula da Cigarra e da Formiga, aquela, vítima da sua mania de levar o verão cantando e esta, como símbolo de trabalho e prudência, trabalhando na estação quente até mais não poder, para arrecadar á espera do tempo frio do Inverno. Mas que lição de egoismo, não acham? Fechar a porta na cara de quem tem fome... que feia acção!

Pois a Formiga de que vamos hoje tratar é bem este bichinho que todos conhecemos de nossas casas, no campo, das ruas sossegadas, das árvores frondosas, das plantas adocicadas, sempre carregando para o formigueiro pedacinhos de comida, aproveitando tudo, em tudo achando utilidade. E, por vezes, que grandes insectos carrega! Uma não pode, mas logo passa palavra a outra, esta a outra e ambas a muitas delas, e e-las que são agora imensas. E todas juntas, num esforço comum, mostrando a força da união, lá carregam aquele enorme coleoptero que tanto apreciam. E quan-

D. FORMIGA-RABIGA

do não podem arranjar companheiras suficientes para a pesada tarefa, cortam a presa em bocados fáceis de levar.

Na verdade, de aparência inofensiva, vivem como uma sociedade de gigantes que trabalham, guerream, pastoreiam, cultivam, criam animais domésticos. Vivem nos campos ou procuram árvores onde o alimento não falte e onde se encontrem mais em segurança. Muitas vezes as árvores servem de local de trabalho, e entre elas e os formigueiros traçam verdadeiras estradas vivas, coleantes, espessas. As árvores são locais muitas vezes escolhidos para as «nurseries», porque aí se criam em segurança as formigas-bebés. As restantes actividades fazem-se algures.

As formigas duma mesma família conhecem-se. Parecem conversar, passando a palavra de umas para as outras. Mas como



conversam, se não falam. Por sinais? Certamente não, pois no escuro dos formigueiros não seria fácil enxergar o mínimo sinal. A vista não é, na formiga, um órgão de primeira necessidade. O sentido decisivo é o olfacto. Todas as formigas têm um cheiro característico, o cheiro do ninho, variando de família para família e mesmo mudando de quando em vez, dentro duma mesma família, por razões de ordem estratégica.

Já que falamos em estratégia, devemos dizer que a formiga, já muito antes do homem, instituiu a escravatura de guerra. É verdade. A guerra para certas espécies não tem outro fim além de arranjar escravos para o trabalho que, por constituição, não podem executar. A formiga dos bosques, por exemplo, animal belicoso por essência, dedica-se á conquista dos ninhos alheios. A grande quantidade de escravos mostra uma colónia em decadência ou muito jovem ainda; não há muitos elementos de trabalho dentro da própria colónia. A formiga dos bosques só quer escravos quando não pode trabalhar, ao contrário da chamada formiga-amazona, escravagista por excelência. Nestas colónias, quanto mais escravos, mais rica é a sociedade. Esta formiga, senhora de um bom par de mandíbulas estreitas, pontegudas e curvas, é temível, porque é a um tempo, soldado, matador, predador — mas nada mais. Nesta conformidade, todo o trabalho é executado por trabalhadores, mas trabalhadores a quem não paga — escravos de guerra que acorrem a si, impiedosamente. Os cuidados caseiros, a alimentação, a manutenção do formigueiro, tudo é trabalho dos escravos. E de tal maneira depende deles, que a própria alimentação deles lhes vem, pois as mandíbulas apenas servem de armas de guerra e morte.

E já que falamos de formigas belicas e temíveis, citemos a formiga-vermelha, chamada em certas regiões tropicais «formiga de correcção», noutras «Marabuntas», etc. É uma formiga temível. E embora não vise o homem, o seguro morreu de velho: o homem acatela-se quanto pode. Este insecto pequenino caminha aos milhões, em hordas terríveis que espalham o terror, fileiras coradas, invadindo vegetação e solo, espalhando por todo o reino animal, um panico difícil de descrever. De todos os cantos e buracos, saem centupeias e cigarras, ratos e ratazanas, aranhas e lagartas, vermes de toda a espécie, fugindo em doida correria, enlouquecidos, em busca de lugar seguro — debaixo da terra, nos troncos altos, sob as pedras — e aí ficam em doloroso alerta, como se para eles tivessem soado as trombetas de guerra.

Dá-se com estas formigas um drama sangrento e silencioso, raramente igualado na natureza, que explica esta fuga desordenada, em frente das hordas implacáveis que só recuam diante do fogo — arma de que o homem deita mão mal percebe que a formiga chegou. É que, pequenas como são, parecem caminhar com sapatinhos de lá, e surgem repentinamente, junto da vítima que se julga em segurança; e mal se dá conta do ataque são já vinte, ou trinta, ou centenas, ou milhares de formigas que a seguram ás patas, aos pelos, ás asas, e penetram por todos os orifícios do corpo. Toda a defesa é puramente vã... Sistemáticamente, a vítima é decepada, partida, devorada. Numa capoeira, ou num estábulo, no silêncio de uma só noite, nada fica senão ossos e penas...

Felizmente para o homem, o medo é contagioso. E quando a fuga desordenada de todos os animais, normalmente vivendo em retiro, lhe mostra que a Marabunta chegou, ele sabe a que meios recorrer. Mas nem sempre leva a melhor. Muitas vezes tem de abandonar as suas casas, para dar lugar ao invasor.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

BIBLIOGRAFIAS

Muitas vezes os nossos amigos querem adquirir livros, mas não sabem o que comprar, quer se trate de obras científicas, ou de divulgações, ou romances, poesias, contos, etc.

Na maioria dos casos os nossos amigos não sabem quais os ultimos livros publicados.

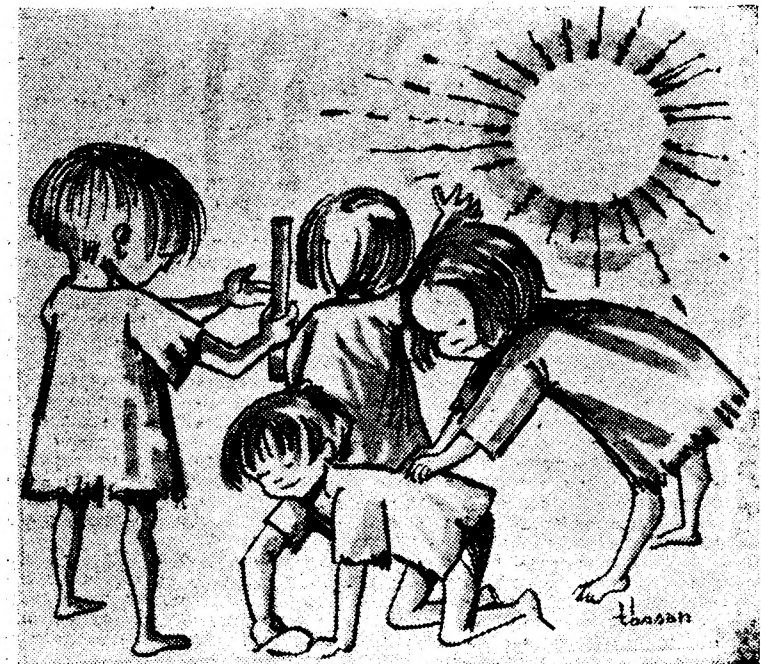
Ora todas estas informações lhe podem ser prestadas na

Guilda dos Jovens

Avenida de Roma, 78, 2.º, Esq.º

Além de uma resposta gratuita aos seus pedidos de informações sobre livros, os Amigos do «Juvenil» terão um desconto nos livros que adquirirem na Guilda dos Jovens.

Enviam-se livros pelo correio, sem mais despesas.



CONFISSÃO

Por PEDRO FOYOS
(14 anos)

O Sol morde-me cruelmente. Sigo devagar, a passos incertos e sem rumo.

Do lado direito da estrada, altas árvores debruçam-se para mim, como numa ligeira vénia.

Do outro lado nascem pequenas casinhas brancas, de paredes iluminadas a ouro. Nos telhados vermelhos, empoleiram-se altas chaminés enfarruscadas, que olham estarecidas a paisagem que as cerca.

As janelas abertas de par em

par, deixando o Sol aquecer aqueles cubículos esburacados e frios.

Em frente de suas casas, brincam crianças seminuas e muito sujas.

Brincam e riem felizes, correndo e pulando, com os seus olhinhos azuis-claros e expressivos, trespassados de uma intensa alegria.

Apodera-se de mim uma enorme vontade de brincar com elas, de as beijar, de correr e pular, a rir sempre!



Cais e esplanada de Sesimbra

Um dia um poeta referindo-se ao nosso País, definiu-o como «um jardim da Europa à beira-mar plantado». Frase de largo emprego turístico, não deixa, no entanto, de ter o seu cunho de realidade, pois toda a nossa costa é de facto surpreendentemente bela. Mas, para além desse sol radioso e brilhante que nos esculpe há um povo que labuta e sofre na árdua tarefa do ganha-pão diário.

Isso mesmo tivemos ocasião de observar nestas agradáveis férias que viemos passar a Sesimbra, «a piscosa Sesimbra», no dizer de Camões. Aqui colhemos uma útil experiência humana, ao aceitarmos com entusiasmo o convite de uma visita às armações, pois isso permitiu-nos contactar mais de perto com a vida dos pescadores e com os seus problemas.

* * *

Eram três e trinta da madrugada quando chegámos ao cais de embarque. Na vila, até então mergulhada no silêncio, despontavam aqui e ali pequenas luzes enquanto, que a tempos espaçados, se ouvia a voz do «chamador» despertando os pescadores para a faina. O cais, pouco a pouco, foi-se animando pelos ditos espirituosos com que os pescadores procuravam encorajar-se para um novo dia de luta que começava.

— A la-arríba!
— Vai ó fora que o mar está bravo!

— «Seia» de terra!
— Vai ao leme, o «Bacalhau»! — gritavam eles, enquanto as barcas se afastavam lentamente, levadas pelas remadas cadenciadas dos armadores.

Ao largo esperava-nos a traineira que rebocaria as barcas até à armação. Este nome é dado a um de-

terminado tipo de redes que são armadas no princípio da época, em Maio, e só são desarmadas em Setembro, quando a época finaliza. As armações, que ficam assentes no fundo, assinaladas por um certo numero de boias, amarradas na periferia, têm a forma de um trapézio isósceles com as bases penpendiculares à costa, para que o peixe que vem subindo entre na rede.

Quando chegámos ao local da armação passámos com três pescadores para a barca da testa, que se encontra no local durante toda a época.

Sobre nós, o luar magnifico de Agosto, que punha reflexos prateados nas águas, e nos convidava a sonhar. Ao nosso lado o contraste dos rostos endurecidos e envelhecidos, por noite de vigília e expectativa, como aquela. Foi então que, através de uma conversa com aqueles homens, procurámos conhecer a sua vida e os seus problemas.

Eram dois os nossos interlocutores. João, o mais jovem, é um camponês dos arredores do Cabo Espichel, que só vem para o mar durante este período. O outro, de cabelos já embranquecidos, é pescador de profissão e durante o Inverno, para subsistir, exerce toda a gama de ofícios que lhe aparecem e de que é capaz.

— Que tal tem sido a pesca?
Entreolharam-se sorrindo:
— Fome, fome!
— Há já um mês que é isto; diabo do peixe, parece que anda fugido!

— Desde que apareceram para ai barcos a fazer tiro ao alvo!

Indagámos do seu salário. Ganham um escudo por dia, com uma determinada percentagem sobre o pescado. Porém, passam-se dias, semanas, às vezes meses sem se apanhar peixe e as boas pescarias são

raras. Governam-se então com as tecas que apanham durante a espera.

— É pouco, — dissémos.
— Pois é; é a vida. — Sentimos frio com esta resposta em que transparecia o fatalismo e a indiferença daqueles para quem a vida é uma luta sem tréguas.

— Você, João — tornámos — sendo do campo, acha que vale a pena abandoná-lo para vir para aqui, correndo a pesca tão mal?

O moço olhou-nos com um sorriso de mal disfarçada superioridade e replicou simplesmente:

— É.
Admirámo-nos com esta resposta, visto o trabalho ser tão incerto e tão mal remunerado. Mas, segundo eles, durante a época da armação no campo ainda é pior. São meses de completa inacção.

Olhámos o relógio. O sono vencia-nos e ainda tínhamos hora e meia de espera.

Embrulhámo-nos como pudemos e deitámo-nos uns á proa, outros á popa. Embalados pelas ondas agitadas por um vento fresco que nos penetrava, adormecemos.

Despertámos com os primeiros raios do astro-rei. Decerto poucas vezes vimos espectáculo tão admirável. O sol magnifico, em todo o seu esplendor, dava uma cor vermelho-dourado às águas. De longe, vinha até nós os viris cantares que os pescadores entoavam ao puxarem as redes.

A medida que as barcas se aproximavam, mais e mais, a ansiedade transparecia nas fisionomias atentas dos homens do mar. «Haveria peixe, ou não?». «Quebrariam, naquele dia, a sina fatídica que se arrastava há semanas?».

— Estou a desconfiar dela — exclamou um deles.

— Mais força! — e a cantilena

VISITA AS' ARMAÇÕES DOS PESCADORES DE SESIMBRA

por MARIA HELENA DA CUNHA (15 anos)
e CARLOS DA SILVA CAMPINO (18 anos)

prosseguia com mais vigor e entusiasmo.

A rede subia, corre daqui, puxa dali; e eis que aparece finalmente. Presos nas suas malhas um pobre lírio e algumas algas. Nada mais!

Por alguns momentos, o desanimo venceu aqueles homens.

— Raios partam esta vida!

Numa das barcas surgiu uma discussão.

— Casa onde não há pão, todos ralham e nenhum tem razão!

— Isto agora só serve para dar cabo das redes!

são de Sesimbra, dormem, num armazem dispensado pelo patrão. É uma casa não muito comprida, alargando para o fundo, apenas com um postigo para arejar. Ali dormem cerca de trinta homens. Os catres, feitos de pau e cordas entrelaçadas, dispõem-se como os beliches, em grupos de três e quatro. Do tecto pendem as capas de oleado, usadas em dias de temporal. O chão de cimento é sujo e húmido, e por todo o quarto há cheiro pestilento a peixe podre. Ao fundo um fogareiro de petróleo em que



Pescadores varando uma embarcação

Abandonámos a barca da testa e preparámo-nos para regressar. Os mais novos, diziam graciosos com que procuravam quebrar o vazio imenso que envolvia a companhia.

As barcas avançando velozmente, rebocadas pela traineira, salpicavam-nos a cara de espuma salgada.

No cais já nos esperavam. Não quisemos, no entanto, partir, sem visitar as camaratas.

Porque muitos dos pescadores não

cozinham as magras provisões. É este o aspecto da habitação de algumas dezenas de homens, no século XX, em que os preceitos higiénicos e humanísticos são constantemente apregoados aos quatro ventos!

Quando saímos o sol subia no horizonte.

Na praia, a lota começava.

Amigos n.º 1.688 e 1.008

O que pensam os jovens do nosso País

Progresso não é só produção e comunicação

(Conclusão do numero anterior)

O homem livre terá de ter pelo menos o desejo de manter a sua liberdade, porque senão arriscar-se-á a perdê-la e a sua liberdade não terá sido intrinsecamente verdadeira.

Não é só trabalhando que o homem progride e se liberta; é antes «não fazendo aos outros aquilo que não gostaria que lhe fizessem», ou, ainda melhor «fazendo aos outros tudo o que gostaria que lhe fizessem que ele progride, surgindo uma sociedade de facto livre em que o homem tenha consciência dos seus direitos e deveres e seja plenamente igual.

A produção não é humanização. Para um aumento de produção o homem ideal é o homem-máquina, uma máquina cujo trabalho é regular e para funcionar outras máquinas menos perfeitas, isto é, um homem nada humano e quanto mais maquinizado (ou melhor, materializado) menos humanizável.

É de facto pelo trabalho (como factor auxiliar de desenvolvimento intelectual e moral e portanto de Humanização) que a Humanidade progride, e não directamente, pelo que nunca poderemos dizer que «Produção é Humanização».

Sobre a comunicação temos dois aspectos a considerar: 1.º — Uma comunicação pela linguagem falada ou por sinais, expressões, gestos, etc., que aliás também são característicos dos outros animais, pela qual é transmitida geralmente a educação; em 2.º lugar, os «meios de comunicação» assim vulgarmente chamados: estradas, caminhos de ferro, correios, telégrafos, telefones, imprensa, etc.

Considerando progresso com o sentido que eu considero, as comunicações têm também um importante papel a desempenhar, sejam elas quais forem.

O que nelas interessa é as ideias que podem transmitir a povos longínquos ou a futuras gerações. Se transmitirem apenas progressos técnicos ou descobertas científicas que contribuam apenas também para a animalização e materialização do homem, então não servem ao progresso, mas ao «regresso» aos tempos do homem das cavernas (no campo espiritual) — grosseiro, sem voos de inteligência que fazem com que o homem seja realmente Homem e não animal.

Sem os conhecimentos mais modestos que hoje possuímos, seríamos alguma coisa (e não nada como o José Carlos diz) — o mesmo que foram os homens de há milénios que não possuíam esses mesmos conhecimentos e que os adquiriram e que de aquisição em aquisição chegaram ao Homem actual.

A comunicação não é só educação, como já disse, pois há outras espécies de comunicação; mas, assim como os meios de comunicação podem não servir ao Progresso, a educação pode também não servir se os educadores não transmitirem aos educandos o que é susceptível de realmente os educar progressivamente o que nem sempre acontece, quer por parte das famílias, da sociedade ou do estado: os conhecimentos a transmitir, para servirem a uma verdadeiro progresso, não podem ser só de carácter técnico ou científico; interessam mais os princípios morais e sociais que servem á Paz e ao Progresso.

A melhor herança social é constituída pelos princípios da convivência em Paz e Harmonia, do horror á guerra, aos massacres, a tudo quanto seja violação dos direitos alheios e não pelos seus triunfos científicos ou técnicos.

O mal é que, de facto, muitos educadores nunca conseguem transmitir esses princípios, enquanto que se não transmitissem os princípios técnicos não haveria grande mal nisso.

Foca o José Carlos um conceito de educação que considera errado, com o que concordo; apresenta outro que, como vimos, considero errado, excepto quanto ás considerações sobre educação intencional e casual.

A educação que permite ao género humano elevar-se acima dos outros animais é pois a educação moral, pelo estado da qual se manifesta o verdadeiro Progresso.

Guimarães, 3 de Setembro de 1959.

AMIGO N.º 367



A cidade era para aquele veraneante, já uma vaga recordação e somente a deixara há um escasso mês!

Estava no campo. Tinha-se vestido daquela simplicidade que caracteriza o camponês; tinha afastado do cérebro os rigorosos preconceitos sociais; tinha adquirido uma respiração mais lenta e calma. O seu aspecto era mais saudável.

Sentava-se com frequência á sombra de uma árvore sorvendo no meio do silêncio o suave cheiro dos pinheiros ou, outras vezes, estendia-se á beira mar, olhando o infinito, acariciando a areia aquecida pelo Sol.

Que era para ele a cidade, afinal? Vista de longe, sustentada numa vaga recordação, era uma man-



cha cinzenta, de altos prédios e rasgada de extensas ruas onde homens e máquinas se confundiam. Envolviam-a o fumo negro das fábricas. Lembrava-se vagamente de lá ter vivido e também lá nascera, afinal, mas quase o negava.

No entanto a sua subsistência estava na cidade e ele teve de voltar.

A saída da estação sentiu-se estranho. Mirava a onda de gente onde teria de se incluir e não conseguia uma passada certa e segura. Olhou para tudo com curiosidade. O seu olhar era limpo, franco e roçava mesmo pela ingenuidade.

Tudo observava com simpatia e amor.

Já de tudo se esquecera, do que vira anteriormente na cidade, tanto as boas como as más recordações. As férias tinham-lhe limpado o cérebro desses escolhos do passado.

E vergado pelo peso da mala, ia seguindo no meio da multidão, desenhando um largo sorriso no rosto tostado, satisfeito de poder finalmente descobrir a cidade onde nascera e onde vivia.

JOAQUIM LEITAO DA SILVA
Amigo n.º 735

OBRAS DE CULTURA

Como auxiliar das matérias de estudo e como excelente instrumento de cultura, recomendamos as biografias da grande colecção

DESTINOS

em que já saíram obras de alto interesse sobre as vidas de:

VAN GOGH — DOSTOIEVSKI — TOULOUSE — LAUTREC — NIJINSKI — LISZT e ISABEL I

DE INGLATERRA

e que próximamente publicará

A VIDA DE ATILA

por Marcel Brion

EDITORIAL ESTUDIOS Cor.